

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR**

MARCELO DE SOUSA ARAUJO



A IDENTIDADE EM MOVIMENTO: um estudo sobre a comunidade do Maracanã
(1930-1970)

São Luís

2012

MARCELO DE SOUSA ARAUJO

**A IDENTIDADE EM MOVIMENTO: um estudo sobre a comunidade do
Maracanã (1930-1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Cultura e Sociedade – Mestrado
Interdisciplinar, da Universidade Federal do
Maranhão, para a obtenção do título de Mestre em
Cultura e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maria Nascimento
Sousa.

São Luís

2012

MARCELO DE SOUSA ARAUJO

A IDENTIDADE EM MOVIMENTO: um estudo sobre a comunidade do
Maracanã (1930-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – Mestrado Interdisciplinar, da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Sandra Maria Nascimento Sousa (Orientadora)

Doutora em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Teresinha Bernardo

Doutora em Ciências Sociais
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Norton Figueiredo Corrêa

Doutor em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão

ARAUJO, Marcelo de Sousa

A Identidade em movimento: um estudo sobre a comunidade do Maracanã (1930-1970) / Marcelo de Sousa Araujo. – 2012.

143 f.

Impresso por computador (Fotocópia).

Orientadora: Sandra Maria Nascimento Sousa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, 2012.

Comunidade de Maracanã – Identidade 2. Maracanã – memória 3. Racismo

4. Festas I. Título

CDU 316.334.55 (812.1)

In memoriam de D. Delfina Iria dos Santos
e Roberto Carlos Costa legítimos filhos do
Maracanã

*Aonde o reis é bom? É no Maracanã.
Oh! Viva o reis do Maracanã/
Oh! Viva o reis do Maracanã/
A nossa viagem ficou para amanhã/
Adeus amigos, adeus companheiros/
Nosso reis é pobre não tem mais dinheiro,
Aonde o reis é bom? É no Maracanã,
Aonde o reis é bom? É no Maracanã.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde, paz e todas as graças concedidas.

Ao meu filho, João Marcelo, o maior presente que Deus colocou em minha vida. Minha fonte de inspiração, amor e carinho.

Sigo agradecendo aos meus pais, Antonio e Marluce, por todo o apoio ao longo de minha caminhada.

A minha irmã, Idayanne pelo incentivo neste trabalho.

A minha outra mãe, carinhosamente chamada de “mamãe mento”.

A Jardiel meu irmão de criação

Agradeço, também, minha avó Isabel e a todos os meus tios e primos.

A minha esposa, Andréia, pelo incentivo e paciência de ter me suportado nestes anos de pesquisa...

A FAPEMA pela bolsa concedida

Aos meus alunos do Programa Darcy Ribeiro (Universidade Estadual do Maranhão) e, também, do curso de história da Universidade Federal do Maranhão pelas informações trocadas.

Não posso deixar de expressar meus agradecimentos às pessoas do Maracanã e Alegria com quem tenho convivido nestes anos.

A turma do NEPS (Núcleo de estudos e pesquisas do sindicalismo) coordenada pelo Prof. Dr Baltazar Macaíba de Sousa pelos debates e eventos organizados.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT), em especial: Sandra Maria Nascimento Sousa, Márcia Manir, Jeferson Selbach, Norton Figueiredo, Fernando Manzke, Reinaldo Portal Domingo, Jarbas Couto e Lima, Alexandre Correa e Arão Santana.

Ao Prof.Dr Josenildo de Jesus Pereira pelos ensinamentos no estágio supervisionado e sua contribuição na banca de qualificação.

A Profa.Dra Sandra Maria do Nascimento Sousa pela honra e privilégio de ser seu orientando. A senhora me proporcionou ensinamentos que levarei por toda a vida tanto no sentido acadêmico quanto pessoal.

A Flavia pela contribuição no trabalho

Não poderia esquecer a rapaziada do canto da Gabi e do bar do porto, em especial, David, Léo, Rafael, Jurandir, Arnaldo, Thiers pelos papos sempre descontraídos.

A Carol Veloso pela leitura e incentivo do texto

Aos meus colegas PGCULTIANOS (Bia, Abmaelson, Jeane, Flavia, Claudia, Kelly, Antonio, Ednam, Ricarte, Mikaelle, Elida, Marcos Ramon, Priscila, Luciana, Rosifrance, Elen, Sandra, Gersino e Keila pelos ensinamentos).

Gersino representou uma coluna sustentando o programa, principalmente, na primeira turma. Meu caro amigo obrigado por tudo...

E a todos que não citei muito obrigado.

RESUMO

Análise dos elementos constitutivos da identidade da comunidade do Maracanã, localizada na área rural de São Luís, capital do Estado do Maranhão. A partir das memórias de seus moradores, objetiva-se a (re) construção das vivências, das experiências, da sociabilidade, de uma época definida por seus narradores como “Maracanã de antigamente”. Lembranças de uma comunidade formada por descendentes de escravos que encontrou nas relações de parentesco e nos festejos de santos reis as codificações necessárias para a construção de sua identidade, destacando-se neste processo tensões, conflitos, relações de solidariedade entre estes com os moradores da localidade vizinha, chamada de Alegria. Entendem-se os referidos conflitos como heranças do Maranhão escravista.

Palavras - chave: Maracanã. Memória. Racismo. Festas. Identidade.

ABSTRACT

Analysis of the elements of community identity Maracanã, located in rural São Luís, the state capital of Maranhão. From the memories of its residentes, the goal is to (re) construction of experiences, the experiences of sociability, a time defined by their narrators as "Maracanã of old". Memories of a community of descendants of slave who found kinship in the celebration of saint kings recordings required for the construction of the identity, highlighting tensions in this process, conflicts, relations of solidarity between the with the local residentes neighbor called Alegria. Shallre fer such conflicts as legawes of slavery Maranhão.

Key – Words: Maracanã. Memory. Racism. Events. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Mapa da APA do Maracanã	13
Figura 02	Mapa da Ilha de São Luiz 1820 – propriedade de José Algarve	71
Figura 03	Mapa da Ilha de São Luiz 1820	72
Figura 04	Barracão do “Reis das Nuvens”	108
Figura 05	Interior do barracão do “Reis das Nuvens”	108
Figura 06	Fachada da capela das celebrações do “Reis das Nuvens”	109
Fig.07e 08	Camisas padronizadas do “Reis das Nuvens”	112
Figura 09	Interior da capela do “Reis Sempre Vive”	113
Figura 10	Entradas da capela e do barracão do “Reis Sempre Vive”	115
Figura 11	“Reis do Alecrim”	119
Figura 12	Entrada da residência de D. Fátima Algarves	120
Figura 13	Barracão do “Reis do Alecrim”	124
Figura 14	Terraço da residência de D. Fátima Algarves	125
Figura 15	Fachada da residência de D. Fátima Algarves	125
Figura 16	Sede do bumba-meu-boi do Maracanã	127
Figura 17	Cortejo do “Reis Pobre”	128

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	COMUNIDADE DO MARACANÃ: histórias contadas por seus filhos	22
2.1	<i>Construção do objeto</i>	22
2.2	<i>Metodologia: narrativas de vida sobre Maracanã</i>	31
3	Lembranças do “Maracanã de antigamente” (1930/1970)	44
3.1	<i>As práticas materiais</i>	49
3.2	<i>As pessoas e suas investidas</i>	58
3.3	<i>“Do tempo que branco mandava surrar preto”: visões distintas para a escravidão</i>	63
4	MARACANÃ: a formação de suas relações de parentesco	79
4.1	<i>Maracanã: comunidade de compadrios</i>	82
4.2	<i>São Joaquim do Bacanga e suas famílias</i>	84
4.3	<i>Maracanã e sua genealogia</i>	93
5	“Aonde o Reis é bom? É no Maracanã”: somos do Maracanã	99
5.1	<i>O reisado e a cultura popular</i>	101
5.2	<i>Os reisados de Alegria: “Reis das Nuvens” e “Reis Sempre Vive”</i>	107
5.2.1	<i>O “Reis das Nuvens”</i>	107
5.2.2	<i>O “Reis Sempre Vive”</i>	107
5.3	<i>Maracanã: O Reis do Alecrim “Rico” e o Reis “Pobre”</i>	116
6	Considerações Finais	134
7	REFERENCIAS	137

A IDENTIDADE EM MOVIMENTO: um estudo sobre a comunidade do Maracanã (1930/1970)

“Naquela época que eu me entendi, o pessoal de Alegria não gostava daqui do Maracanã porque era negro e eles claro, e eles tinham esse despeito”.

Abel Meireles, 81 anos.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa alguns dos elementos constitutivos da identidade da comunidade do Maracanã, localizada na área rural de São Luís, capital do Estado do Maranhão. De acordo com seus moradores, a formação desta comunidade¹ está associada à conquista de uma propriedade por antigos escravos no final do século XIX, precisamente, no período da Abolição (ARAUJO, 2010).

Compreende-se a identidade enquanto movimento, por sua dinamicidade, pois não é algo pronto e acabado, uma condição natural ou essência dos sujeitos como havia salientado o discurso iluminista de século XVIII (HALL, 2005). Pelo contrário, as identidades são construções sociais. Nesta condição, possuem sua historicidade, uma vez que são sempre elaboradas em um determinado tempo e lugar por meio de disputas, negociações e resistências.

Stuart Hall define a identidade como uma “*celebração móvel*”, formada historicamente e não biologicamente, sendo assim, estas são fragmentadas, deslocadas, já que o sujeito unificado, segundo o autor, não passa de uma fantasia, uma vez que:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2005,p.13).

¹ Utilizo o termo comunidade referindo-me ao espaço territorial e de sociabilidade desenvolvida pelos moradores do Maracanã ao longo dos anos, podendo-se acompanhar o sentimento de agrupamento no cotidiano, nas festas, no sistema de parentesco.

Em se tratando da comunidade do Maracanã, destacam-se o parentesco e as festas, sobretudo, os festejos dos Santos Reis como signos importantes para a constituição identitária destes sujeitos. Localidade formada por descendentes de escravos que, ao longo de sua história, foram construindo sua estrutura de parentesco por meio de laços consangüíneos e, também, por relações de solidariedade, uma vez que os confrontos com as pessoas da localidade vizinha chamada de Alegria mobilizou nos moradores do Maracanã o reconhecimento de diferenças e identificações, fomentando laços comunitários.

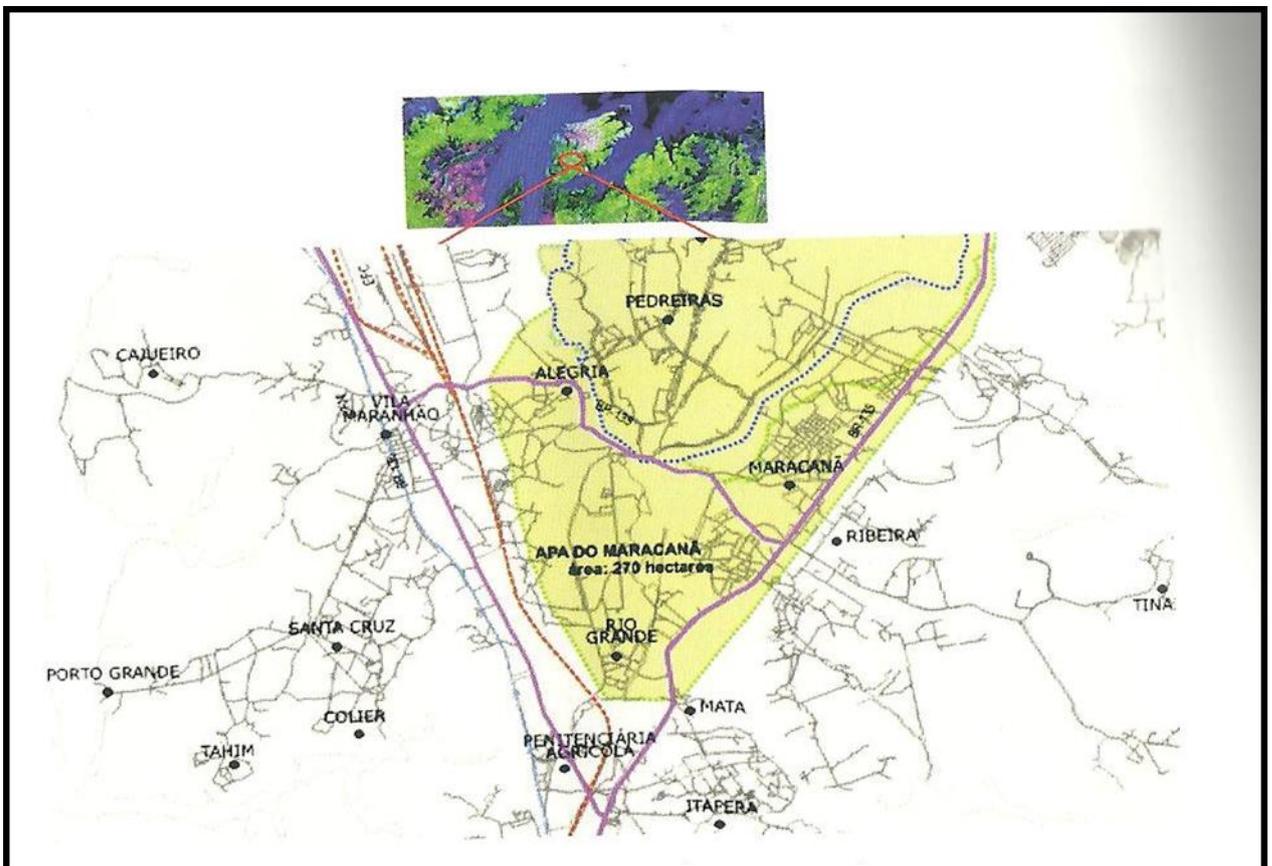


Figura 01: Mapa da APA do Maracanã

Fonte: FORTES, Raimunda (Org.). *Área de Proteção Ambiental do Maracanã: subsídios ao manejo e à Educação Ambiental*. São Luís: Café e Lápis, 2011.

Por relações de parentesco, de acordo com Gomes (2008, p.74), entende-se:

O sistema de organização social composto pelo conjunto de pessoas que se identificam entre si em função de reconhecerem um vínculo comum, seja por consangüinidade (pai, mãe, tio, irmãos, tios, primos, netos, entre outros familiares), casamentos (esposa, sogro, genro, pessoas casadas com tios, também chamados tios) adoção (qualquer um destes por extensão) ou algum ritual de incorporação (padrinho, afilhado). Esse conjunto se organiza

em categorias de identidade [...] de que se esperam comportamentos mais ou menos consistentes.

Maracanã é reconhecido, principalmente, em função de suas festividades, por exemplo, pode-se destacar a *feira da juçara* realizada desde 1970, aos domingos do mês de outubro. Ao longo dos anos, a feira aconteceu em vários locais na comunidade. A partir dos anos de 1980, encontrou uma residência fixa, o parque da juçara. Festejo que nos últimos anos foi inserido no calendário turístico da Prefeitura Municipal de São Luís. Também, merece destaque o bumba-meu-boi na condição de elemento significativo para seus moradores. O batalhão de ouro - como é conhecido - é uma das brincadeiras mais respeitadas no Estado do Maranhão. Com seu sotaque de matraca, atrai admiradores dos mais variados locais, inclusive, realizando apresentações fora do Estado do Maranhão. O surgimento desta brincadeira está associado ao pagamento de promessa feito por um dos membros da comunidade que, depois da graça concedida, não poderia quebrar o compromisso feito com a entidade religiosa e a partir de então os demais membros desta localidade, também, passaram a fazer seus agradecimentos aos santos.

Embora, considerando-se o bumba-meu-boi como uma manifestação muito expressiva para os moradores da referida comunidade, o eixo principal para análise de sua identidade, neste trabalho, será a festa dos Santos Reis. Por meio das lembranças das pessoas desta comunidade, analisa-se a referida manifestação como um momento significativo para o fomento do sentimento de pertencimento entre as pessoas destelugar. Desse modo, sustentado em suas histórias, chegou-se a constatação que a construção de sua identidade apoiada neste processo é perpassada diretamente pelos conflitos com as pessoas da região de Alegria.

Segundo os colaboradores deste trabalho, que designam-se como narradores, a comunidade de Alegria era constituída por pessoas de pele “branca”² que discriminavam os moradores do Maracanã por serem de uma localidade formada, predominantemente, por pessoas de cor “negra”. Diante disto, entende-se que os conflitos envolvendo as duas localidades estavam relacionados a questões de racismo. Por racismo, conforme Ferreira (2004) entende-se a prática discriminatória institucionalizada. Provavelmente, na condição de reminiscências do

² Contam que no passado as diferenças de cor entre Maracanã e Alegria eram muito visíveis. Essas diferenças foram, principalmente, com os membros da família Baldez. Segundo os relatos esta família era considerada a mais abastada desta região, sobretudo, no tocante as suas posses.

Maranhão (Brasil) escravagista, portanto, as lembranças desse período contribuíram para o fomento de relações polarizadas que colocavam em disputas os “brancos” de Alegria e os “pretos” do Maracanã.

Nesse sentido, a Festa de Reis em Maracanã é carregada de simbologias. A partir dos relatos de seus moradores, observa-se que o surgimento desta manifestação na década de 1930 relaciona-se aos referidos conflitos. Portanto, por trás do festejo, como veremos adiante, estavam postas disputas entre os “brancos” que alegavam superioridade em função de sua cor e os “negros” descendentes de escravos que buscavam maneiras para responder às ofensas recebidas. Sendo assim, a festa pode ser interpretada como o instante para a definição das diferenças entre as localidades, a constituição das fronteiras “nós” e “eles”, neste caso, para os moradores do Maracanã significou a resposta àquela situação, contribuindo para a construção do sentimento de pertencimento àquele espaço e entre as pessoas. Nesse sentido, concordo com Max Weber (1991, p.25) ao declarar que *“Uma relação social denomina-se uma ‘relação comunitária’ quando e na medida em que a atitude na ação social [...] repousa o sentimento subjetivo dos participantes de pertencer (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo”*.

Desse modo, procura-se focalizar o Maracanã dos tempos passados, principalmente, no interstício de 1930 a 1970, sobretudo, através das lembranças dos seus moradores. A escolha deste período aconteceu em função de dois motivos: primeiramente, a pouca distância de tempo e espaço da época da escravidão, (*“do tempo que branco mandava surrar preto”* [Dona Naida Mendes]), menos de cinquenta anos da abolição, pois através dos relatos concedidos pode-se verificar que os resquícios desta época nas duas localidades estavam bem presentes. Os narradores conviveram (convivem) diretamente com o imaginário deste período, das lembranças e representações dessa época (*“minha avó era descendente de escravos”* [Dona Alice Baldez]); o segundo motivo refere-se à construção da comunidade do Maracanã, por meio da formação e consolidação das relações de parentesco. O discurso de pertencente àquele espaço, como pode ser observado ao longo das narrativas, tem sua origem nos anos correspondentes à década de 1930, com a organização dos festejos dos Santos Reis.

O presente trabalho se estende até 1970, pois entende-se que a partir desta década, de acordo com os próprios narradores, as relações de sociabilidade no próprio Maracanã foram bastante alteradas em função, principalmente, de dois

acontecimentos: o surgimento de “ocupações” e a instalação do Distrito Industrial de São Luís (DISAL). Este período caracteriza-se pelo discurso de modernização do Maranhão, sustentado no programa desenvolvimentista dos governos militares, com apoio de setores da burguesia. Por exemplo, a suposta modernização da propriedade fundiária foi apoiada na Lei de Terras de 1969, do governo José Sarney (1966-1970), que visava à venda de propriedades devolutas para a iniciativa privada, resultando na valorização destas e na geração de grandes conflitos no campo. Os resultados deste processo foram os seguintes: o êxodo rural e o crescimento demográfico da capital. Os indicadores do IBGE deixam isto em evidência, pois no decênio de 1940 a 1950 o percentual de crescimento da capital foi de 39,2% enquanto de 1960 a 1970 a taxa praticamente duplicou chegando à marca de 70%. Grande parte desses sujeitos que vieram para São Luís foram sumariamente retirados de suas terras pela referida Lei. Nesse sentido, os camponeses deslocaram-se para a cidade a fim de venderem sua força de trabalho, contudo, para muitos nem mesmo isso aconteceu, sujeitando-os a entrar na mendicância; é notória a contribuição destes sujeitos para o inchaço populacional de São Luís³. Com isto, muitas “ocupações” surgiram no entorno do Maracanã, tais como: Vila Sarney, Vila Nova República, Vila Guará, Vila 2000, Vila Esperança e Vila Maracujá.

Como estratégia metodológica, trabalha-se com histórias de vida das pessoas do Maracanã e Alegria, no caso, da primeira, precisamente, das (os) senhoras (es): *Maria da Conceição Soares da Cruz, 89 anos; Onorina Algarves Coutinho, 85, anos; Delfina Iria dos Santos, 84 anos; Naida Mendes, 83 anos; Alice Oliveira Baldez, 64, anos; Marlene Jansen Pereira, 57 anos; Maria do Livramento Garcez Meireles, 57 anos; Berenice Coutinho, 52 anos; Abel Meireles, 81 anos e Roberto Carlos Costa 46 anos* que, por meio de suas memórias, (re) constroem o espaço, os costumes, o cotidiano, os valores, os conflitos, um pouco do que era viver no Maracanã de 1930 a 1970. No tocante aos moradores de Alegria, destacam-se os seguintes depoimentos: *Zeneide Algarves Gonçalves, 70 anos; Matilde Neta Baldez Ventura, 66 anos; Matilde das Neves Nascimento Mendes, 57 anos e Rosa de Fátima Bernardes, 51 anos* que ajudaram a construir um pouco das antigas relações entre as duas localidades. A escolha destes narradores aconteceu em função, sobretudo, de suas idades e, também, por seu envolvimento com as

³RIBEIRO JUNIOR, José Reinaldo Barros. A formação do espaço urbano de São Luís. São Luís: Func, 1999.

manifestações culturais destas comunidades, neste caso, os festejos dos Santos Reis. Por exemplo, as senhoras Naida Mendes, Delfina Iria dos Santos, Onorina Algarves Coutinho foram às cozinheiras desta festa por mais de 70 anos, D. Berenice Coutinho é uma das organizadoras do reisado, além, de ser uma de suas pastorinhas⁴ e responsável pelas ladainhas. Por sua vez, em Alegria as responsáveis pelas celebrações dos reisados “das Nuvens” e “Sempre Vive” respectivamente são as senhoras Matilde das Neves Nascimento e Rosa de Fátima Bernardes.

Cabe destacar, que a oralidade corresponde a um dos novos domínios da história, no qual se rompe com a perspectiva linear de tempo proposta pela historiografia convencionalizada como “*tradicional*”. O diálogo entre registros escritos e orais por parte dos historiadores tem sido uma constante, principalmente, a partir das últimas décadas do século passado e, sem dúvida, deve-se essa condição a revolução documental realizada pelo grupo dos Annales⁵. Revolução essa que possibilitou, por exemplo, a memória, a literatura, a paisagem, os monumentos, ou seja, todos os elementos pertencentes aos homens, condição de fontes para a escrita da história:

A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem [...] Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com, formas de campo e com más ervas; com eclipses da lua e arreios; com peritagens de pedras, feitas por geólogos, e análises de espadas de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que, sendo do próprio homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significante a sua presença, atividade, gostos e maneira de ser (FEBVRE apud LE GOFF, 2006, p.17)

⁴ Personagem dos reisados que, de acordo, com C. Cascudo é o mesmo que pastoril e “nasceu dos dramas litúrgicos representados nas igrejas, nos quais se assistia o nascimento de Jesus, ao aviso aos pastores, à adoração dos magos e à oferenda de incenso, mirra e ouro. As personagens são, de cada cordão: Mestra e contramestra” (2002,p.491).

⁵ Corrente historiográfica francesa surgida na década de 1920. Destacando-se em suas características: a problematização das fontes, a interdisciplinaridade, a história total. A primeira e segunda gerações (1929/1960) privilegiaram os estudos de economia e sociedade. sublinhando-se neste processo os seguintes nomes: Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel. A terceira geração, a partir de 1960, concentrou suas atenções para a chamada “história das mentalidades”, favorecendo o estudo de temáticas diversas, tais como: o medo, o amor, o gênero, ou seja, possibilitou o aparecimento de novos atores para a historiografia e conseqüentemente novas fontes, por exemplo, a oralidade. A título de ilustração, esses são alguns dos nomes que compõem o grupo: Jacques Le Goff, Jean Delumeau, Georges Duby, Phillipe Aries, Michelle Perrot, Emmanuel Le Roy Laudurie.

Diante disso, a antiga discussão sobre a exclusividade das ditas fontes “primárias” para a construção historiográfica, já são coisas do passado. Porém, é pertinente não desconsiderar que, também, assim como os “documentos” escritos a oralidade também é composta por subjetividades, valores e relações de poder que estão sempre presentes por meio dos discursos. Logicamente, ao pesquisador compete descortinar os referidos discursos, transformando os “documentos em monumentos [...] onde se decifram traços deixados pelos homens, onde se deixava em negativo o que eles tinham sido, faz haver um amalgama de elementos que tem de ser isolados, agrupados [...], postos em relação, integrados em conjunto” (FOUCAULT, 2006, p 14). Nessa premissa, concordo com Albuquerque (2007, p.230):

O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá um traço de oralidade riscando a escritura, e as falas sempre carregarão pedaços de textos.

A memória é um ato de reconstrução dos processos sociais, sendo fundamental para construção das identidades, uma vez que trabalha com significados, representações, vivências e experiências que servem como símbolos de referência para os sujeitos, sempre marcada pela relação dialética entre presente e passado. A esse respeito, Delgado (2006, p.38) comenta:

A memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas. É elemento construtivo do auto reconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada, como uma família [...] A memória atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente.

Ao longo de seus relatos, os narradores selecionados para a constituição deste trabalho reconstruíram o Maracanã presente em suas lembranças. Rememoraram uma comunidade caracterizada pelas atividades de subsistência (cuja produção também era permutada nos pontos comerciais de São Luís), sobretudo, dos trabalhos na agricultura e na pesca⁶. Também, recordaram de um

⁶ Nos lugares em que ficavam as roças dos moradores do Maracanã, hoje são encontrados “ocupações” e parte do Distrito Industrial de São Luís. Muitos dos rios estão assoreados ou não existem mais. Com a instalação das fábricas, principalmente, a partir do final dos anos de 1970, o

tempo no qual o sentimento de integração entre as pessoas era verificado em todos os instantes de sua reprodução social. Contudo, essa condição não eliminava a existência de conflitos, tensões, disputas entre os sujeitos da própria comunidade. Porém, para os narradores, essas situações, de certa maneira, contribuíram para o desenvolvimento da sociabilidade que define o pertencimento a Maracanã.

No decorrer dos capítulos aqui sistematizados é analisada a Festa de Reis, como uma das experiências mais significativas na constituição da identidade dos moradores do Maracanã, experiência essa, à qual, também é somada à importância das relações de parentesco. Destarte, o presente texto está dividido em quatro capítulos.

No capítulo I, tem-se a problematização sobre o objeto, onde se destacam os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho. Sua realização aconteceu a partir de atividades de campo nas comunidades do Maracanã e Alegria. Também, foram realizadas pesquisas no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), localizado à Rua de Nazaré, no bairro da Praia Grande, na cidade de São Luís, precisamente, nos livros de Batismos e Casamentos da antiga Freguesia de São Joaquim do Bacanga, nos Relatórios e falas dos presidentes da Província do Maranhão e nos Autos de Ereção de Freguesias do Maranhão. Além, de pesquisas nos mapas de São Luís do século XIX que estão disponibilizados no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nos capítulos seguintes (II, III e IV), têm-se os resultados da pesquisa. De início, procura-se a partir das memórias das pessoas da comunidade reconstruir a sociabilidade e as vivências do que chamam de “*Maracanã de Antigamente*”, destacando-se aspectos referentes às suas práticas materiais e imateriais. Isso se refere às lembranças de suas atividades econômicas, do imaginário permeado de lendas e mistérios, de personagens (“*rezadeiras*”, “*benzedeiras*”, “*curandeiras*” e “*parteiras*”) que contribuíram para a história desta comunidade. Ainda neste capítulo, são analisadas as oscilações de lembrança e esquecimento dos seus moradores sobre sua condição de descendentes de escravos.

No terceiro capítulo, é destacado o estudo da construção e desenvolvimento das relações de parentesco que representam uma das estratégias da comunidade para sua manutenção/reprodução frente às disputas com os

cotidiano dessas pessoas foi alterado, muitos abandonaram as roças e foram ser mão-de-obra nas indústrias (ARAUJO, 2005, p.67).

“brancos” de Alegria, cujas análises serão breves, pois não constituem a discussão central deste trabalho, servem para ampliar a compreensão do trabalho feito com as memórias, haja vista que o parentesco é um dos elementos constitutivos da identidade dos moradores do Maracanã.

Conforme Claude Lévi-Strauss (2009), as relações de parentesco não se referem apenas à consangüinidade, mas sim, aos valores socioculturais, assim, a cultura seria o elemento determinante para o entendimento das relações de parentesco e não apenas a biologia. Desse modo, os sujeitos podem ser reconhecidos como parentes a partir de laços de solidariedade, por exemplo, os compadrios se constituem num dos elementos mais representativos desse tipo de relação. Contudo, não se pode perder de vista que os compadrios são compostos pela inter-relação de valores sagrados e profanos e são conquistadas por meio de relações de poder.

No caso das pessoas do Maracanã, como veremos adiante, essa prática é muito comum. Estes sujeitos, ainda, possuem o costume de tomar a benção⁷, mesmo para as pessoas que não são seus parentes consangüíneos: os mais velhos são chamados de tios, tias e assim por diante. Em algumas situações, os pais “davam” os filhos para serem “criados” por seus “*compadres*” e “*comadres*”. Geralmente, isto acontecia quando as famílias eram extensas e passavam por algumas dificuldades, principalmente, de ordem econômica, porém, como todos moravam próximos, essa situação acabava por favorecer o desenvolvimento das relações de parentesco e o sentimento de pertencimento entre àquelas pessoas. O fato de todos crescerem juntos nesse espaço, passarem por experiências de um cotidiano muito próximo, inegavelmente, contribuiu para reforçar esses laços e, por conseguinte, sua identificação enquanto membros desta comunidade. Desse modo, procura-se, na medida do possível, reconstruir a árvore genealógica destes sujeitos a partir do envolvimento entre as famílias mais antigas que se tem registro nesta localidade.

No quarto capítulo, são destacados os festejos dos Santos Reis. De início, é feito um breve histórico de seu surgimento. Compreendendo-se como uma das grandes manifestações da cultura popular, sobretudo, pela inter-relação de valores considerados sagrados com valores profanos. O reisado é uma

⁷ Ato simbólico no qual quem abençoa, deseja: saúde, felicidades e proteção para os que a recebem.

manifestação de origem europeia, precisamente, da Península Ibérica no século XII. O folguedo chega ao Brasil no século XVI juntamente à colonização (CASTRO & COUTO, 1960). Em seguida, por meio dos relatos e das pesquisas de campo, estuda-se os festejos dos Santos Reis na comunidade de Alegria⁸. De acordo com as lembranças dos narradores, os reisados foram respectivamente denominados de: “*Sempre Vive*”, representados nas cores amarelo e branco e o “*Reis das Nuvens*”⁹, por sua vez, nas cores azuis e brancas.

E, por fim, analisa-se o surgimento dos reisados na comunidade do Maracanã – os reis do *Alecrim, também, chamado de “rico”* e o “*pobre*” –, segundo os relatos concedidos pelas pessoas deste lugar, a celebração de reis foram iniciadas na década de 1930.

Destarte, sustentado nas lembranças dos seus moradores, procura-se compreender a importância que esta festa possui para as pessoas desta comunidade, entendendo-a na condição de elemento definidor das diferenças entre Alegria e Maracanã.

⁸ Segundo os narradores, os reisados atraíam pessoas da Estiva, Coqueiro, Vila Maranhão, Itapera, Quebra Pote, Pedrinhas, Igaráú, Rio Grande, Colier, Porto Grande e Taím, sendo considerada a grande celebração da região.

⁹ Em Alegria, como será visto adiante, ainda continuam acontecendo os referidos reisados, de acordo com os narradores. A organização desta brincadeira passou por várias famílias. Ver COSTA, Elenilde Antonia. Festa de Santos Reis: o surgimento do Festejo de Reis do Alecrim em Maracanã. São Luís: UFMA, 1998 (monografia de graduação em Educação Artística).

2. COMUNIDADE DO MARACANÃ: histórias contadas por seus filhos

“A cor não vale, o que importa é o prodicimento, de que adianta ser branco, se não vale aquilo que o gato enterra!”

Maria da Conceição Soares da Cruz, 89 anos.

2.1. Construção do objeto

O interesse pelo estudo da comunidade do Maracanã surgiu durante a graduação em História (2000 a 2005) realizada na Universidade Federal do Maranhão. Em Agosto de 2001, estava iniciando o 3º período de curso. Naquele momento, não pensava em monografia e muito menos tinha definido o objeto para estudo, quando ocorreu a situação que despertou a curiosidade em pesquisar a história da referida comunidade. Antes de comentar o que me motivou a realizar um estudo sobre as pessoas do Maracanã, acredito ser necessário discorrer um pouco a respeito do vínculo que possuía, até então, com esta localidade.

Minha ancestralidade materna é nascida neste local. Morei em Maracanã até os 13 anos de idade, estudei, brinquei, corri por suas ruas, banhei nos seus rios ao longo de minha infância e começo de adolescência, como tantos outros meninos deste lugar. Concluí o ensino fundamental numa escola do local, na época conhecida pelo nome de: *Unidade Integrada de 1º Grau Major José Augusto Mochel*¹⁰, diga-se de passagem, que durante muito tempo foi à única escola da região a possuir o ginásio (5ª a 8ª série). Desse modo, a referida instituição se tornou o destino de muitos jovens da área rural de São Luís. Sua inauguração aconteceu em 21 de junho de 1972, devido aos esforços dos moradores. Também, cabe destacar a importante participação da agrônoma Rosa Mochel – que veio morar em Maracanã e se radicou no lugar até sua morte, na década de 1980 –, para o desenvolvimento do sistema educacional do Maracanã e adjacências, além, de ter dedicado parte de sua vida ao estudo da fauna e flora da região. Desta maneira, em homenagem aos seus esforços pela comunidade, a escola foi nomeada com o nome de seu pai, José Augusto Mochel.

Contudo, no ano de 1994, devido a problemas na saúde de minha mãe, meus pais tiveram que se mudar para outro bairro, o Tibiri, também na área rural. O

¹⁰ Atualmente, chama-se U.E.B Major José Augusto Mochel.

mesmo fica, aproximadamente, a uns 5 km de distância do Maracanã¹¹. Dessa maneira, passei alguns anos distante da comunidade (ARAUJO, 2010).

Retornei em 2001, em função do falecimento de um tio, precisamente, no dia 06 de Agosto. Naquele dia percebi algo curioso: a todo instante minha mãe mandava-me tomar benção para as pessoas que vinham ao seu encontro. Recordava-me de alguns daqueles sujeitos, percebi a importância do cumprimento e dos gestos respeitosos entre aquelas pessoas, mas notei que além de possuírem relações de parentesco, aquelas pessoas possuíam algo em comum, a cor da pele, com predominância de pessoas negras. Dessa forma, naquele contexto, vários questionamentos foram suscitados, principalmente a curiosidade em saber suas origens: eram descendentes de escravos? De que forma construíram as relações de parentesco? Então, a partir destas interrogações, defini Maracanã como objeto de estudo para o trabalho de conclusão de curso.

Em 2004, encontrando-me na dupla condição de “*observador participante*” e “*participante observador*”, iniciei as pesquisas com objetivo de conhecer um pouco da história desta localidade, e, quem sabe, também, saber de minha própria origem. Era consciente que minha condição de ex-morador do Maracanã, de possuir vínculos com o lugar, de conhecer experiências, vivenciar as maneiras de sentir e pensar deste espaço constituía-se em um fator de bastante positividade para o trabalho, entretanto, não poderia perder de vista que meu envolvimento com as pessoas do Maracanã deveria ser mediado pela condição de pesquisador, com a finalidade de evitar um olhar romantizado sobre a mesma. Dessa forma, teria que me despir de velhos valores, de antigos hábitos para não comprometer os objetivos daquele trabalho.

Com isto, procurei realizar uma abordagem ancorada na antropologia histórica (LE GOFF, 2003), que possibilitaria olhares não apenas nos seus aspectos materiais, mas, sobretudo, compreender, investigar os seus componentes imateriais ou simbólicos, pois:

[...] a Antropologia conquistou a história por baixo, isto é, a partir das expressões mais aludidas, menos formulada, da vida cultural: as crenças populares, os ritos que impregnam a vida cotidiana ou se apegam à vida religiosa, as culturas minoritárias ou clandestinas, em suma, o folclore (BURGUIÈRE, 2011,p.325).

¹¹ A entrada do Tibiri está localizada no Km 03 da BR-135, enquanto, Maracanã se encontra no KM 08, da mesma rodovia.

Lozano (2006, p.19) acrescenta:

[...] A antropologia, a partir de sua rica e antiga tradição etnográfica, forneceu aos historiadores novos métodos e técnicas de trabalho, assim como conceitos, temáticas e problemas de estudo. Exemplo dessa influência é o atual interesse que os historiadores manifestam pelas questões culturais ou simbólicas, nos estudos sobre mentalidades e a formação e evolução das identidades coletivas dos grupos humanos.

De fato, as relações da antropologia com a história já eram percebidas há muito tempo, principalmente, a partir do início do século XX, com a publicação dos trabalhos de Marcel Mauss sobre o *“Esboço de uma teoria geral da magia”* (1902) e o *“Ensaio sobre a Dádiva”* (1923). Este teórico, de influência durkheimiana, procurou, nestas obras, compreender a sociedade como um mundo definido por relações simbólicas, sobretudo, a partir do conceito de *“representação coletiva”* que já havia sido trabalhado por Émile Durkheim.

A partir disso é interessante observar que as representações do social verificadas na linguagem, nos matrimônios, nas religiões, nos costumes, entre outras significam sistemas simbólicos que acabam por influenciar diretamente nos comportamentos dos indivíduos. As categorias *“fato social total”*¹², *“representação”*, *“mundo simbólico”*, indiscutivelmente, significaram uma ruptura epistemológica para as ciências sociais, haja vista que *“pela primeira vez na história do pensamento etnológico, um esforço era feito para transcender a observação empírica e atingir realidades mais profundas”* (LEVI-STRAUSS, 2003, p.30). Em Mauss, a categoria analítica *“função”* não se restringiu apenas em observar as instituições sociais e tentar justificá-las, mas, compreendê-las em sua complexidade, numa relação constante entre fenômenos socialmente construídos.

O autor de *“Ensaio sobre a dádiva”*, de certo modo, *“antecipou”* a proposta estruturalista¹³, ao afirmar que o significante precede e determina o

¹² Para Mauss, os fenômenos sociais deveriam ser compreendidos em todas as suas dimensões: sociológica, histórica e psicofisiológica. Ver MAUSS, Marcel. *Relações Práticas entre a Psicologia e a Sociologia*. IN: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. Ver, também: LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

¹³ O Estruturalismo enquanto corrente epistemológica surge, na França, após a Segunda Guerra Mundial (1939/1945), destacando-se entre suas características: a ausência do sujeito, a atemporalidade, as relações binárias, a crítica ao eurocentrismo e ao sujeito universal. O aparecimento desta corrente está associado às atrocidades da guerra, às barbaridades do socialismo russo e às colonizações africanas e asiáticas realizadas pelos europeus. O grande responsável por seu surgimento foi o antropólogo Claude Lévi-Strauss. Na verdade, a originalidade das concepções deste teórico foi realizada a partir da síntese de suas variadas influências, tais como: a noção de

significado. Dessa forma, as instituições estão para além dos sujeitos. Portanto, *“por trás de todo fato social, há história, tradição, linguagem e hábitos [...] ele jamais deve ser separado completamente, mesmo pela mais alta abstração, nem de sua cor local, nem de sua ganga histórica”* (MAUSS, 2003, p.322). A respeito da revolução no pensamento etnológico realizada por Marcel Mauss, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (2003, p.30) destaca:

Pela primeira vez, o social cessa de pertencer ao domínio da qualidade pura – anedota, curiosidade, matéria de descrição moralizante ou de comparação erudita – e torna-se um sistema, entre cujas partes podem-se descobrir, portanto, conexões, equivalências e solidariedades.

Quando se trata de abordagens materiais e simbólicas, logicamente, está se tratando de cultura, a compreensão da mesma, suas significações, as teias relacionais, ações de construção e desconstrução realizada pelos homens, pois a cultura, como salienta Geertz (1989, p.10), é um sistema de entrelaçados e de signos interpretáveis:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade.

A perspectiva de abordagem hermenêutica proposta pela antropologia simbólica de Clifford Geertz se traduzia no excelente referencial para o entendimento das representações, dos costumes, dos signos, do cotidiano da comunidade do Maracanã, além de contribuir para a compreensão da importância que as festas – os Festejos de Reis, o bumba-meu-boi e a festa da juçara –, com destaque aos rituais que servem para a marcação identitária destes sujeitos.

Encontrei algumas dificuldades para realização do trabalho monográfico. A principal se relacionava à pouca literatura, no campo das humanidades, sobre Maracanã, embora, já houvesse alguma produção relacionada a fauna e a flora

estrutura de Ferdinand Saussure, a fonologia de Roman Jakobson, o simbólico de Marcel Mauss e o inconsciente de Sigmund Freud. A década de 1960 pode ser considerada o ápice do estruturalismo, pois as influências de suas concepções foram para além do território francês e da própria antropologia. Com isto, o estruturalismo é verificado na filosofia, na lingüística, na história, entre outros campos do conhecimento. Ver: DOSSIE, François. A História do Estruturalismo (Vol. I e II). São Paulo: EDUSC, 2006.

desta região que vinham sendo realizadas por pesquisadores da UFMA e UEMA¹⁴. Desse modo, tive acesso apenas a dois trabalhos: *“Matracas que desafiam o tempo: é o bumba-meu-boi do Maranhão. Um estudo da tradição/modernidade na cultura popular”*, de Maria Michol Pinho de Carvalho; e *“Festa de Santo Reis: estudo sobre o surgimento do Reis do Alecrim em Maracanã”*, de Elenilde Antônia Costa, que foram de muita importância para a construção do trabalho, porém, esses estudos abordaram de forma superficial algumas questões que considero centrais para o entendimento da própria sociabilidade das pessoas do Maracanã, tais como: as relações da comunidade com a escravidão e a constituição de uma identidade marcada por essa experiência entre aqueles sujeitos.

Em *“Matracas que desafiam o tempo”* (1995), a autora chega a salientar que a comunidade teria sido formada por antigos escravos que se localizaram em torno de uma propriedade e com o advento da abolição cinco famílias vieram morar naquela região:

A história da localidade data de mais ou menos cem anos, por ocasião da abolição. Antigos escravos de uma fazenda nas redondezas buscaram um novo local para se fixar e, então, cinco famílias – Pereira, Costa, Barbosa, Coutinho e Algarves – vieram morar nesta região (CARVALHO, 1995, p.30).

O argumento de Carvalho acabou indo de encontro aos relatos concedidos para o meu texto monográfico. Como o registrado na entrevista realizada em dezembro de 2004, com a octogenária Onorina Algarves Coutinho¹⁵, nascida e criada em Maracanã. Naquela oportunidade, contou-me que seu bisavô:

Era português, seu nome era Antonio Martins Algarves, ele tinha uma fazenda pro lado da Ribeira. Na época da abolição, ele foi embora, ficando o seu filho Félix Algarves, o qual doou aquelas terras para os escravos (ARAUJO, 2005).

Entretanto, a pesquisa de Carvalho não fornece nenhuma referência a respeito da procedência destes escravos, localidade, propriedade, condição dos

¹⁴ Recentemente, foi publicado mais um livro sobre essas questões em Maracanã, a coletânea sobre a APA (Área de Proteção Ambiental) do Maracanã, reunindo trabalhos de geógrafos e biólogos de diversas instituições de Ensino Superior do Estado, tais como: UEMA, UFMA e UNICEUMA. Este trabalho analisa a fauna e flora da comunidade do Maracanã. Ver FORTES, Raimunda (Org.). *Área de Proteção Ambiental do Maracanã: subsídios ao manejo e à educação ambiental*. São Luís: Café e Lápis, 2011. A título de ilustração, também ver: MENDES, Edijanne. *Florística e fitossociologia das Trilhas ecológicas da APA Maracanã, Ilha de São Luís*. São Paulo: Revista Brasileira de Agroecologia, 2007.

¹⁵ Falecida em 2008.

mesmos, apenas ressalta que a comunidade do Maracanã teria sido formada por descendentes de escravos, comprovando-se nos nomes das famílias mais antigas encontradas na região. No caso, ela refere-se aos Algarves, Coutinho, Barbosa, Costa e Pereira. Entretanto, nas pesquisas que realizei no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), precisamente, no livro de registros de Batismos da Freguesia de São Joaquim do Bacanga¹⁶ (1855/1887; 1887/1890; 1881/1890), pude constatar a existência de outras famílias, além das mencionadas, que, também, construíram a história desta localidade, por exemplo, Garcez, Cruz e Meireles, pois seus membros são encontrados ainda hoje em Maracanã.

O segundo trabalho, também, de muita importância para minha monografia foi “*A Festa dos Santos Reis: o surgimento do Reis do Alecrim em Maracanã*” (1998), de Elenilde Antônia Costa. Segundo Costa (1998), a Festa de Reis na comunidade surgiu na década de 1930, precisamente, nos fins do referido decênio, a partir das disputas entre pessoas do Maracanã e os moradores de Alegria:

Com a ida dos moradores do Maracanã aos festejos de “Santo Reis” em Ambude¹⁷, criou-se um clima de hostilidade por parte dos moradores de Alegria que, de forma discriminatória, taxava-os de pretos, fazendo com que os maracanaenses se sentissem rejeitados e humilhados (COSTA, 1998, p.30).

Ambos os trabalhos foram construídos com a utilização da metodologia oral, por meio dos depoimentos de moradores do Maracanã. O primeiro está

¹⁶Segundo Cesar Augusto Marques (1970, p.286), no final do século XIX, no Maranhão eram verificadas 53 freguesias. Além, de São Joaquim do Bacanga, tinha-se: Nossa Senhora da Vitória da Catedral, Nossa Senhora da Conceição, São João Batista, Nossa Senhora da Luz do Paço do Lumiar, São José do Lugar dos Índios, São Matias da Cidade de Alcântara, Santo Antonio e Almas, São José de Guimarães, São João Batista de Cururupu, São Francisco Xavier do Turiaçu, Santa Helena, Santo Inácio do Pinheiro, São Francisco Xavier do Monção, São Bento dos Perizes, São Vicente Ferrer de Cajapió, Nossa Senhora da Conceição de Viana, São José de Penalva, Santa Maria de Anajatuba, Nossa Senhora da Graça do Arari, Nossa Senhora de Nazaré do Baixo-Mearim, São Luiz Gonzaga do Alto-Meraim, São José do Prêa, Nossa Senhora da Conceição de Tutóia, Nossa Senhora da Conceição de Araisos, Nossa Senhora da Conceição de Barreirinhas, Nossa Senhora da Conceição do Brejo, São Bernardo, Santana do Buriti, Nossa Senhora da Conceição de Icatu, Nossa Senhora das Dores de Chapadinha, São Sebastião da Vargem Grande, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Lapa e Pias de São Miguel, Nossa Senhora das Dores do Itapecuru-Mirim, Nossa Senhora da Piedade do Coroatá, Santa Rita e Santa Filomena do Codó, Nossa Senhora da Conceição e São José de Caxias, Nossa Senhora de Nazaré da Trisidela, São José das Cajazeiras, São Sebastião da Passagem Franca, Nossa Senhora da Conceição da Manga, São Bento dos Pastos Bons, São Félix de Balsas, Nossa Senhora de Nazaré do Riachão, São Pedro de Alcântara da Carolina, Santa Teresa do Pôrto Franco, Senhor do Bonfim da Chapada, Santa Cruz da Barra do Corda e São Bento de Bacurituba.

¹⁷ Nome de uma das ruas de Alegria.

relacionado às memórias dos integrantes do bumba-meu-boi, onde Carvalho realiza um estudo comparativo de duas brincadeiras (*Maracanã e Floresta*) e procura inseri-las na dicotomia tradição e modernidade. Nessa perspectiva, o referido estudo tem características mais descritivas a respeito da historicidade dessas duas manifestações culturais de São Luís do Maranhão, talvez por isso, em algumas passagens não problematiza os depoimentos, e, desse modo, acaba internalizando algumas representações discursivas que não convém serem mencionadas neste trabalho.

Já Elenilde Costa, investiga as origens do reisado do Alecrim, apontando para as disputas entre Maracanã e Alegria, enfatizando que os reisados nesta localidade eram celebrados desde o século XIX. Porém, limitou-se a uma análise, também, descritiva deste processo, não procurou os não-ditos destas disputas, as rivalidades por trás desta festa, ou seja, o dissecar das tramas que compuseram essas relações, sobretudo, a partir das disputas de poder no entorno da realização dos reisados. Contudo, não se pode ignorar a riqueza de suas pesquisas, principalmente, quando permite compreender que o festejo de Reis em Maracanã surge como forma de resposta às discriminações raciais sofridas pelos membros da comunidade durante as visitas às Festas dos Santos Reis, na localidade vizinha¹⁸.

No ano de 2005, apresentei a monografia *“Maracanã - a constituição de uma identidade e sua relação com a modernidade”*. Como não poderia ser diferente e por se tratar de um trabalho introdutório, o mesmo foi construído com algumas limitações. Entretanto, essa pesquisa, na medida do possível, respondeu a algumas proposições, e também possibilitou o surgimento de outros questionamentos sobre a referida comunidade.

Primeiro, reforçou-se os indícios que a comunidade havia sido formada por descendentes de escravos. Então, por meio de levantamentos de dados, de pesquisas no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), sobretudo, nos livros de Batismos da Freguesia de São Joaquim do Bacanga, além de depoimentos, conversas e informações concedidas pelos moradores do Maracanã, descobri que esses sujeitos desenvolveram relações internas responsáveis pela construção da sociabilidade e consolidação de sua estrutura de parentesco, a qual acabou por se

¹⁸ Os Reisados das Nuvens, organizado por Dona Vicentina, e o Sempre Vive de Dona Libânia, como será visto mais adiante.

constituir em um dos elementos contribuintes para a constituição da identidade entre as pessoas da comunidade.

Segundo, entendendo-se as disputas entre as localidades como heranças do Maranhão escravagista. Os moradores de Alegria reproduziam (internalizaram) as relações hierárquicas características do Brasil desse período, partindo do discurso de superioridade dos “brancos” sobre os “negros”. Sendo assim, consideravam-se superiores e atribuíam esta condição a cor de sua pele, chegando até mesmo, segundo os narradores, a demarcar seu território como “*terra de brancos*”, enquanto, no Maracanã, em decorrência de sua cor, foram classificados de maneira pejorativa como moradores de “*terra de pretos*” (ARAUJO, 2005). Posto que:

[...] A discriminação de cor é a manifestação comportamental do preconceito racial, aqui considerado como um julgamento de valor, não espontâneo, nem hereditário, construído culturalmente e destituído de base objetiva, pertencendo a classe dos mitos desenvolvidos através da socialização (FERREIRA, 2004, p.51)

Como salientado, o trabalho monográfico despertou diversos questionamentos. Por exemplo, o que significa ser de Maracanã? Quando ocorreu a noção de pertencimento à comunidade? Entendendo-se as identidades na relação pertencimento/diferença, no caso da comunidade objeto de estudo, as diferenças com os moradores de Alegria foram definidas a partir de quando? E por quem? Em que momento as disputas entre as localidades foram mais acentuadas? Talvez, sejam questões que nunca terão respostas, pois os textos sempre são escritos com suas lacunas. Porém, essas inúmeras interrogações, sem dúvida, constituíam-sena condição de elementos de motivação para realização de outras pesquisas acadêmicas.

Em seguida, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT) da Universidade Federal do Maranhão. A proposta de um Mestrado Interdisciplinar soava positivamente aos meus ouvidos. De certa maneira, acabou vindo de encontro à proposta de diálogo que já vinha realizando entre história e antropologia. Desta maneira, ingressei no referido programa com o objetivo de aprofundar algumas questões “deixadas” no trabalho monográfico, principalmente as referentes às relações de parentesco, procurando entender como

aquela estrutura que, de certa forma, também faz parte, foi construída e suas respectivas contribuições para a constituição da identidade destes sujeitos.

Conforme Silva (2000), as identidades não podem ser dissociadas do binômio pertencimento/diferença. Por exemplo, “A” é diferente de “B”, é nesta polarização que os processos identitários são classificados. Entretanto, para este autor, o “A” não pode ser interpretado de forma isolada, pois sempre necessita do “B” para se legitimar, sendo assim, identidade e diferença devem ser entendidas num constante movimento:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou do mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p.76).

Ferreira (2004, 46) acrescenta:

Importante ressaltar que identidade não é vista, aqui, como uma categoria a expressar uma estrutura pessoal fixa, mantendo-se a mesma no tempo, como muitas teorias podem sugerir. É um constructo que reflete um processo em constante transformação, cujas mudanças vêm sempre associadas a mudanças de referências e a novas construções da realidade por parte dos indivíduos, determinadas por sua participação em certos processos provocadores de impacto existencial.

Em se tratando do Maracanã e Alegria, um forte marcador dessas diferenças, certamente, foram os conflitos decorrentes do preconceito racial: de um lado, os “brancos”, e do outro, os “pretos” descendentes de escravos. A exclusão dos “negros” nos reisados dos “brancos” é representativa dessas zonas de diferenciações. Sendo assim, a Festa dos Santos Reis é apenas um dos momentos onde estas dicotomias estavam postas.

Portanto, os conflitos envolvendo as comunidades estavam para além da “simples” organização dos festejos. Envolvem a demarcação de espaço entre “brancos” e “pretos”, relacionados, ao que tudo indica, ao período da escravidão e materializados no cotidiano através das práticas sociais destes sujeitos, pois “ *a escravidão não nasceu do racismo: ao contrário, o racismo foi uma consequência da escravidão*” (WILLIAMS, 1975). Desse modo, a celebração de Reis parece-me o instante mais evidente para a definição das polarizações “nós” e “eles”. Dona Delfina Iria dos Santos, 84 anos, filha do Maracanã, forneceu-me o seguinte relato: “É

*despeito [comunidade de Alegria] sempre aqui no Maracanã, sempre as coisas são melhor [sic] e eles ficam tudo despeitado [sic] [...] isso é desde os antigos, sempre teve essa rivalidade”.*¹⁹

A discriminação sofrida pelos moradores do Maracanã nas Festas de Reis em Alegria contribuiu para a construção do sentimento de pertencimento entre aqueles sujeitos. O pertencimento é uma das condições para a constituição de qualquer processo identitário. Contam que quando chegavam à outra comunidade eram “repcionados” de maneira pejorativa com os seguintes dizeres: “*lá vêm os pretos*”. Nesse contexto, essas pessoas cansadas com as ofensas organizaram como resposta o seu próprio festejo dos Santo Reis, como será abordado no IV capítulo, chamando-o pelo nome de “*Reis do Alecrim*”.

2.2. METODOLOGIA: histórias de vida sobre Maracanã

As histórias de vida concedidas para a realização desta pesquisa foram coletadas em dois momentos. Primeiramente, no período de dezembro de 2004 a outubro de 2008. E, depois, de janeiro de 2010 a março de 2012, nas comunidades: Maracanã, Alegria e adjacências (*Vila Maranhão, Vila Sarney, Vila Nova República e Vila Esperança*).

Aproveitei alguns relatos concedidos para meu trabalho monográfico, referentes aos festejos de reis e o cotidiano no “*Maracanã de Antigamente*”. Na monografia, trabalhei com entrevistas fechadas, roteiro pronto. Neste caso, os questionamentos eram referentes às festas (o reisado, o boi e a Festa da juçara), o trabalho, a família, a chegada das fábricas e “ocupações” no entorno da comunidade a partir dos anos de 1970. A questão central daquele trabalho era compreender como a identidade em Maracanã era (re) afirmada frente às mudanças advindas com a implantação do parque industrial e do surgimento de novas pessoas com o aparecimento das “ocupações”. Como resultado foi revelado que o sentimento de pertencimento e identificação à comunidade era (re) afirmado em seus moradores, sobretudo, nos instantes de festividades. Sobre isto, Maria Michol Pinho de Carvalho (1995, p.30) comenta:

¹⁹ Relato concedido em 12/01/2010.

A produção cultural dos setores populares configura-se como uma produção coletiva, que nasce e se desenvolve dentro de uma vida grupal. Isso não quer dizer, necessariamente, a presença de uma vivência coletiva plena, mas de uma vivência coletiva no decorrer da produção das manifestações culturais, a tal ponto que podem ser claramente identificados fortes laços de solidariedade entre as pessoas envolvidas.

Assim, alguns narradores foram ouvidos nos dois momentos. Por exemplo, Dona Maria da Conceição Soares da Cruz, senhora de 89 anos nascida e criada no Maracanã. Meu primeiro contato com ela, enquanto narradora, aconteceu em Dezembro de 2004. Mesmo com o roteiro de entrevista pronto, essa senhora mencionou algumas questões que mereceram uma investigação posterior. Assim, não tive a menor dúvida que em futuras pesquisas teria que procurá-la novamente.

A partir de 2004, comecei a fazer visitas freqüentes à comunidade. De início, no período de suas festas, sempre com a intenção de rever meus parentes e, quem sabe, reencontrar antigos conhecidos da época de escola, na intenção de rememorar acontecimentos deste período e, portanto, também, descobrir algumas histórias sobre Maracanã e Alegria. Naquela época de menino, não entendia o porquê de algumas discussões entre as comunidades. Justamente, foi nesses contatos com os parentes e os amigos que o roteiro da pesquisa começou a ser elaborado, pois ao longo de nossas conversas sempre era mencionado o nome de alguém que residia há muito tempo na comunidade e sabia histórias sobre o passado de Maracanã.

Outra situação que não posso omitir se refere à importância das conversas que ouvia na minha casa. Quando alguém do Maracanã vinha visitar meus pais, a partir de então comecei a prestar bastante atenção nos assuntos, nomes, lugares referentes àquela comunidade. Depois, perguntava para minha mãe quem eram aquelas pessoas salientadas nesses encontros, onde poderia encontrá-las? Minha mãe com a preocupação de ajudar sempre dizia: *“você já foi à casa de fulano? Ele (a) sabe muita história de Maracanã!”*.

Depois do roteiro de campo pensado e elaborado, o passo seguinte era a procura destas pessoas, às vezes, não conseguia encontrá-las, mas, nunca desanimava, voltava quantas vezes fossem necessárias.

As conversas eram iniciadas sempre de maneira *“descompromissada”*, sem gravador, pois os narradores teriam que se sentir a vontade – situação acontecida somente quando conquistava a confiança dos mesmos. E, nesses

“*papos descompromissados*”, falavam dos assuntos mais diversos e curiosos. Inclusive, costumavam mencionar um Maracanã marcado por histórias de pessoas que viravam bichos (temática será abordada no próximo capítulo), pessoas que eram amaldiçoadas e ficavam assombrando os outros, ou seja, um imaginário que ao mesmo tempo despertava temor, curiosidade, mas também, em suas entrelinhas era revelador de conflitos. Muito provavelmente, essas “lendas” serviram como uma espécie de mecanismo de controle criado na própria comunidade no qual não se podia ficar até tarde na rua, talvez, por serem agricultores e terem que levantar cedo para suas atividades. Entretanto, essa condição não é uma peculiaridade de Maracanã. Peter Fry (1996) estudando uma terra de “pretos” em São Paulo, a comunidade do Cafundó, salienta as lendas criadas por estes na intenção de afastar os estranhos que começaram a aparecer com a instalação de um parque fabril no seu entorno. Neste caso, os mecanismos utilizados pela comunidade foram motivados em sua defesa, pois temiam perder os laços desenvolvidos, o território conquistado e sua identidade, no caso, tanto étnica quanto territorial.

Quando se tocava no assunto “*peçoal de Alegria*”²⁰, logo, as conversas ganhavam novos contornos, percebia-se que aquela tranquilidade do início era “quebrada”. Ao retratar esta localidade, o faziam com certa indignação, fazendo questão de enfatizar suas diferenças, afirmando que os “brancos” não queriam se misturar com os “pretos”, e, as brigas poderiam ser presenciadas em diversos momentos do cotidiano. Em um dos relatos, o senhor Abel Meireles²¹, 81 anos, nascido e criado no Maracanã, salientou que essas disputas aconteciam até nos jogos de futebol. No ano de 1937, em Maracanã, foi fundado um clube de futebol chamado de Cruzador da Ilha, que ainda continua em atividade (em setembro de 2012, completará 75 anos). No início fazia parte do seu elenco apenas jogadores da comunidade, e segundo a narrativa, as coisas “esquentavam” quando se jogava em Alegria:

Você queria ver zoada [sic] quando a gente jogava contra o time da Alegria (*Alegria Esporte Clube*) e *Vila Maranhão* [...], eles (*Alegria Esporte Clube*) não queriam perder para os “pretos” [...]. O Cruzador era o melhor time que tinha por aqui, não tinha pros [sic] times do Anil (Botafogo e Cruzeiro), da Maioba, da Mata (Dugai e Canto do Rio) [...] hoje o Cruzador tá [sic] ruim [...] qualquer time dá [sic] neles hoje.

²⁰ Maneira como os moradores do Maracanã se referem à comunidade de Alegria.

²¹ Relato concedido em 25/09/2010.

Durante os anos de 2004 a 2012, conversei com muitos moradores do Maracanã e adjacências. Nesse contexto, consegui reunir um número considerável de narrativas “*formais*” e “*informais*”²². Depois disto, iniciei o processo de seleção das pessoas para o texto de mestrado. Com isto, o presente trabalho é constituído por 15 relatos distribuídos da seguinte maneira: 11 são das pessoas do Maracanã e os demais de pessoas de Alegria.

Como o trabalho analisa processos sociais, experiências vividas pelos moradores do Maracanã entre 1930 a 1970, escolhi, sobretudo, pessoas com mais idade. Desse modo, selecionei como narradores: *D. Maria da Conceição Soares da Cruz*, 89 anos, pessoa muito respeitada, durante muitos anos desempenhou a função de parteira na comunidade, além de ser muito requisitada para tratamento de enfermidades utilizando medicamentos caseiros, os chamados fitoterápicos; *D. Naida Mendes*, 83 anos, esteve à frente por muitos anos da cozinha da Festa de Reis e do bumba-meu-boi; *D. Delfina Iria dos Santos*, 84 anos, também responsável pela organização dos festejos de reis e por puxar as ladainhas da referida festa; *D. Onorina Algarves Coutinho*, 85 anos, cozinheira do reisado; *Seu Abel Meireles*, 81 anos, agricultor, e por muitos anos desempenhou a função de coveiro no cemitério da comunidade; *Roberto Carlos Costa*, 46 anos, também, trabalhou de coveiro em Maracanã; As professoras *D. Alice Oliveira Baldez*, 64 anos e *Marlene Jansem Pereira*, 57 anos; *D. Maria do Livramento Garcez Meireles*, 57 anos, dona de Casa, trabalhou nas roças e, depois, nas empresas do distrito industrial e *D. Berenice Coutinho*, 52 anos, uma das pastorinhas do reis do Alecrim e responsável pelas ladainhas, também, do batizado do boi.

A duração dos relatos variou de acordo com a singularidade de cada pessoa. Em média tiveram a duração entre 30 minutos e 2 horas cada. Após o contato inicial com os narradores, procurava agendar o melhor dia e horário para o registro de suas histórias, todos se mostraram bastantes solícitos ao trabalho. Deixei sempre claro aos mesmos a importância da pesquisa e, sobretudo, que esta não poderia ser realizada sem as suas contribuições. De modo que todos abraçaram a ideia. Também, conversei com pessoas mais jovens sobre temas variados, ao longo do texto, aparecem um pouco dessas conversas, por exemplo, a narrativa de

²² Por relatos formais, entendem-se os depoimentos registrados em recursos audiovisuais, tais como: gravador, celular, câmera, entre outros. Já os informais são aqueles que ocorrem espontaneamente, e não são registrados.

Yargley Azevedo Mendes, 25 anos, nascida e criada em Maracanã. Porém, o público alvo do trabalho foram esses senhores e senhoras que viveram no Maracanã do período de 1930 a 1970.

Esses sujeitos são narradores (BENJAMIN, 2011) que dividem suas experiências rememorando um Maracanã caracterizado pela ruralidade, da rotina dos trabalhos na roça, das visitas aos igarapés, dos passeios pelos rios, de suas atividades comerciais, das lendas que povoaram o imaginário destas pessoas ao longo dos tempos, na integração da comunidade nas festas. E, principalmente, dos conflitos com o “*peçoal de Alegria*”.

Assim, para a realização deste trabalho, utilizei a oralidade: relatos e narrativas concedidas pelos moradores da comunidade do Maracanã e Alegria. A opção pela narrativa de suas histórias de vida se deu em virtude das pessoas ficarem mais a vontade para falar de suas respectivas trajetórias, diferente dos depoimentos “fechados”, nos quais o pesquisador parte de questionário com perguntas definidas²³ que algumas vezes já prepara a própria resposta dos depoentes. Delgado (2006, p.21) define o trabalho com as narrativas da seguinte maneira:

Constitui-se por depoimentos aprofundados e, normalmente, mais prolongados, orientados por roteiros abertos, semi-estruturados ou estruturados, que objetivam reconstruir, através do diálogo do entrevistador com o entrevistado, a trajetória de vida de determinado sujeito (anônimo ou público), desde a sua tenra infância até os dias presentes.

Ainda, acrescenta (2000, p.17):

Portanto, a história oral é um procedimento, um meio, um caminho, para a produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada sobre o depoimento – o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento é produzido – o tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades.

Etienne François (2000, p.13) salienta que:

Poucos setores da pesquisa histórica que atualmente esclarecem melhor do que a oral enquanto pesquisa empírica de campo e a reflexão teórica sobre

²³ O questionário é mais aplicável em pesquisas de caráter quantitativo. No caso deste trabalho, buscou-se um estudo qualitativo em cima dos relatos de vida.

as problemáticas e os métodos estão indissociavelmente ligadas, e que demonstrem de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de sua elaboração pelo historiador: em suma, que a história é construção.

Como qualquer outro recurso metodológico, o trabalho com a oralidade precisa de procedimentos para ser realizado. Primeiramente, o pesquisador precisa selecionar os narradores; em seguida, verificar alguns detalhes, mas, que se constituem de suma importância para o desenvolvimento do trabalho, no caso, a disponibilidade das pessoas, seu estado de saúde, enfim, suas particularidades. O narrador pode ser comedido ou prolixo. Esses critérios devem ser sempre levados em consideração para a obtenção de relatos com profundidade.

Em relação à saúde, por exemplo, quando estive com D. Maria da Conceição Soares da Cruz, em Dezembro de 2004, na época pesquisando para a minha monografia, esta senhora já possuía seus 81 anos, caminhando com alguma dificuldade, mas, não apresentava nenhum problema grave de saúde. Então, naquele dia conversamos por mais de duas horas, pois a referida senhora se mostrou bem disposta a contribuir com o trabalho, somente após essa longa conversa prévia iniciei o registro do seu depoimento.

Depois, retornei para conversar com D. Maria da Conceição Soares da Cruz, em outubro de 2010, ou seja, quase seis anos passados daquele encontro. Agora, já estava com seus 87 anos, caminhando com dificuldade. Havia sofrido um acidente que complicou sua saúde, mesmo assim, continuou extremamente solícita a contribuir com o trabalho. Entretanto, diante desse quadro não poderia ir além de uma hora, por isso o novo relato acabou sendo registrado superior a 30 minutos de narrativa.

Quando o pesquisador encontra narradores mais comedidos é necessário que este possua muita familiaridade com as técnicas de pesquisa para poder alongar a discussão. Nas comunidades do Maracanã e Alegria chegaram a acontecer situações deste tipo. Sempre pedia para as pessoas sentirem-se desinibidas ao falarem sobre sua vida, família, infância, o que considerassem importante em suas histórias nas referidas comunidades. Contudo, às vezes sentiam-se nervosos e falavam rapidamente sobre os assuntos e depois buscavam o silêncio como uma espécie de refúgio às suas lembranças. Nessa situação, compete ao pesquisador tentar rememorar situações ditas, sobretudo, antes da

utilização do gravador e que o mesmo considera importante para poder dar seqüência à conversa. Por isso, sempre destacava pontos que eram mencionados ao longo das conversas consideradas “informais” e quando acontecia a situação de silêncio por parte das pessoas, procurava tocar de maneira sutil nestas questões para poder dar prosseguimento aos registros. Claro, sem incomodá-los, pois o pesquisador precisa ter sensibilidade para perceber quando o entrevistado já está desgastado, saturado com aquela situação.

Depois, de ter finalizado as pesquisas em Maracanã, direcionei minhas atenções para as pessoas da localidade vizinha, a Alegria, principalmente, com a finalidade de investigar as maneiras de como o Maracanã era representado por esses sujeitos. Essa localidade se constituía em novo “campo” para meu trabalho, pois nos estudos anteriores concentrei meus esforços apenas com a comunidade do Maracanã²⁴. Como se tratava de um novo “campo” procurei entrar em contato com antigos colegas de escola na intenção de norteamento para os locais, casas, pessoas, enfim, os lugares que deveria buscar nesta localidade. Dessa forma, um antigo colega me forneceu o telefone de um jovem chamado, Ilfran Mendes, destacando que sua família seria a responsável pela organização de um dos reisados celebrados em Alegria, precisamente, o “*Reis das Nuvens*”. Então, entrei em contato com Ilfran Mendes e consegui agendar uma visita à residência dos seus familiares; assim, conheci sua mãe, *D. Matilde das Neves Nascimento Mendes*, senhora de 47 anos, nascida e criada naquela localidade. Na ocasião, pude conhecer, também, *D. Zeneide Algarves Gonçalves*, 70 anos. No caso de *D. Zeneide Algarves Gonçalves*, algo que chamou logo minha atenção foi seu sobrenome Algarves, o mesmo encontrado em Maracanã. Porém, esta senhora fez questão de mencionar que até onde sabe não possui nenhum parentesco com as pessoas do Maracanã. Ainda, em Alegria pude conversar com *D. Rosa de Fátima Bernardes*, 51 anos, responsável desde 1981 pela organização do outro reisado, o “*Sempre Vive*”; e, também, *D. Matilde Neta Baldez Ventura*, 66 anos, antiga professora de matemática, representante de uma das famílias mais tradicionais desta comunidade, os Baldez.

²⁴Maracanã: a constituição de uma identidade e sua relação com a modernidade. Monografia de encerramento da graduação em História. São Luís: UFMA, 2005. E, também: Memória e Identidade: lembranças da festa de reis na comunidade de Maracanã. IN: CARVALHO, Cláudio Amorim & CARVALHO, Germana Costa Queiroz (Org). Pergaminho Maranhense: estudos históricos. São Luís: café & lápis, 2010.

Cabe ressaltar que é necessário que o pesquisador antes de registrar os relatos, procure o máximo de informações sobre a pessoa a ser entrevistada, o que providenciei a partir das conversas que ouvia dos parentes, na casa dos meus pais, e, também, dos colegas de escola residentes em Alegria. Sempre acompanhava aquelas conversas com a finalidade de buscar a familiarização com meu objeto. Sobre esses conhecimentos prévios, Bonazzi (2006, p.238) destaca que:

Quando o interesse do pesquisador se concentra apenas num aspecto concreto ou numa época da vida da testemunha, ele pode ficar tentado a limitar seu questionário a esse projeto. A nosso ver é um erro. Não é supérfluo conhecer as origens familiares (avós, pais, lugar de nascimento), a formação, os gostos, as vivências cotidianas. É preciso visar a elaboração de um relato de vida, fonte de valiosa informação.

Após a realização do trabalho de escuta das narrativas de vida, iniciei o processo de transcrição – exigindo muito mais tempo do que as próprias gravações – ouvindo muitas vezes os relatos, quando não estava audível – em virtude de conversas paralelas no interior das residências, muitas vezes com a presença de sons entrecortados pelo barulho na rua, de sons automotivos, de aparelhos sonoros nas demais casas, de animais, entre outros –, sempre eram necessárias retornar ao trecho que não estava esclarecido.

Em se tratando de uma pesquisa que compreende a memória enquanto elemento que possibilita a construção de identidades, utilizo como referências que considero importantes para o presente texto: Maurice Halbwachs (2006) e seus trabalhos sobre a referida temática, entendendo-a enquanto fenômeno coletivo; Michael Pollak (1989; 1992) e seu argumento de que a memória é sempre seletiva, por isso os sujeitos desenvolvem momentos de silêncio e esquecimento relacionados a determinadas situações que lhes causem desconforto, ou seja, para alguns narradores certos temas são indizíveis, remontam insegurança, vergonha, dentre outras sensações. Merece destaque, ainda, os trabalhos sobre narrativas de vida realizadas por Ecléa Bosi (1995), Teresinha Bernardo (1998), Antônio Torres Montenegro (2010), no sentido de verificar a importância das representações sociais para construção de identidades, uma vez que através das lembranças são reconstruídos valores, práticas, costumes, experiências que contribuem para as marcações nos sujeitos.

Portanto, a memória é fundamental para construção das identidades, haja vista que opera com significados, representações, simbologias, sobretudo, com experiências que são ressignificadas a todo o momento pelos sujeitos sociais, posto que o *“processo de memorização possibilita reconstruir e redefinir continuamente as identidades tanto individuais quanto coletivas”* (Bernardo, 1998), ou seja, o passado é constantemente reconstruído através das lembranças, por exemplo: nas ruas, nas famílias, nas festas, enfim, *“em todos os instantes que possuam alguma significação para um determinado indivíduo ou grupo social de que participe”* (ARAÚJO, 2010, p.83).

Como o presente trabalho visa o diálogo interdisciplinar, principalmente, por meio do envolvimento entre história e antropologia, concorda-se com a assertiva de Lozano (2006, p.19) quando afirma que *“a história oral é um ponto de contato e intercambio entre história e as demais ciências sociais e do comportamento, especialmente com a antropologia, sociologia e psicologia”*.

Com isto, nota-se a aproximação entre memória e identidade, uma vez que estas *“constituem fontes de significado para os próprios autores, por eles originadas, e construídas por meio de processos de individuação”* (CASTELLS, 2001). É sempre reconhecendo a memória enquanto *“elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”* (ROUSSO, 2006) que compreendo as identidades por meio do movimento:

[...] a memória, ao constituir-se como fonte informativa para a História, constitui-se também como fundamento de identidades, mediante um processo dinâmico, dialético e potencialmente renovável, que contém no seu âmago as marcas do passado e as indagações e necessidades do tempo presente (DELGADO, 2006, p.51)

Percebe-se que a memória é constantemente negociada entre os sujeitos, prova disto, pode ser verificada, por exemplo, no processo de construção das identidades nacionais, sempre alicerçada nos chamados mitos de fundação²⁵. Os referidos mitos, geralmente, são trabalhados através do processo de enquadramento da memória (ROUSSO, 2006). O problema destas concepções consiste no fato de

²⁵No tocante enquadramento da memória (ROUSSO, 2006), por exemplo, pode-se citar as representações construídas pelas elites do Brasil para o personagem de Tiradentes que seria então representativa de um novo Brasil que “nascia” com a proclamação da república (CARVALHO, 2012). No caso de São Luís, pode-se mencionar a tentativa de construção de uma identidade francesa nesta cidade ou mito da Atenas brasileira construída por segmentos da sociedade maranhense no início do século passado. (MARTINS, 2006).

compreenderem as “*identidades*” sempre na condição de essência, imobilidade, como algo estático. Nisto muitas tradições foram inventadas, principalmente, aquelas com a finalidade de legitimar os Estados Nacionais, nesse sentido, “*não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece*” (CASTELLS, 2001, p. 23).

Maurice Halbwachs, na primeira metade do século XX, já havia atentado para a construção de uma memória coletiva, afirmando que a memória mais sólida nos indivíduos era a nacional. Sendo assim, não existe apenas a memória individual, pois as lembranças são constituídas devido à inserção dos sujeitos nos grupos sociais e quanto maior seu envolvimento – na família, na escola, na igreja – mais longínquas, também, serão suas lembranças, sobrevivendo apenas os acontecimentos que tenham significância.

Os estudos deste teórico representaram uma ruptura na própria epistemologia das ciências sociais, pois a partir de suas influências durkheimianas procurou investigar a importância do contexto social para o fomento de lembranças nos sujeitos, posto que antes de suas pesquisas, a memória era explicada, condicionada pelas interpretações da biologia. Agora passava a ser entendida na condição de função social, sendo que, desse modo, as lembranças não significam mais um passado conservado, imutável e muito menos armazenado em alguma parte do cérebro. Pelo contrário: significa a própria história dos sujeitos sendo fabricada a todo instante. Por isto, a memória pura é uma ilusão, sempre (re) construída, o que reforça sua dinamicidade. Ecléia Bosi (2009, p.55) se referindo à importância do trabalho de Halbwachs destaca:

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente do sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor.

Em relação às lembranças, o próprio Sociólogo Maurice Halbwachs (2006) comenta:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifesta-se já bem alterada.

Desta maneira, na condição de fato social, a memória é sempre (re)construída pelos grupos sociais, o filósofo alemão Karl Marx (2000, p. 10), em um de seus trabalhos, disse que:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos [...] os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de se apresentar nesta linguagem emprestada.

Embora, Marx não tenha sido um estudioso de questões referentes à memória (nem poderia ser), pode-se interpretar que este pensador estava se referindo ao fato de que a história é construída sempre pelo social, não pelo homem isolado. Por exemplo, na obra citada, Marx se refere ao apoio dado pelos camponeses para o sucesso do golpe de Estado de Louis Napoleão (sobrinho de Napoleão Bonaparte), em 1851. Portanto, Louis Napoleão, a quem Marx considerava um grande idiota, somente chegou ao poder em função do nome que carregava e por isso os camponeses – que idealizavam a figura de Napoleão Bonaparte – acabaram por apoiar o golpe de Estado, ironicamente, definido por Marx como o “novo” dezoito de Brumário²⁶.

Esta reflexão é bem interessante para o entendimento da importância que o passado possui para a fomentação de representações que servem como elementos de construções identitárias, haja vista que *“a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições”* (POLLAK, 1989, p.06).

Pollak (1992) diverge de Halbwachs no tocante à suposta memória nacional, não nega sua existência, porém argumenta que existem outras memórias, chamando-as de *“subterrâneas”* que correspondem às formas de resistência

²⁶Dezoito de Brumário foi o nome dado ao golpe de Estado de Napoleão Bonaparte durante a revolução francesa, no final do século XVIII. Marx ironiza a ascensão de Louis Napoleão, afirmando que a história se repete, porém, na segunda vez na condição de farsa.

encontradas pelos sujeitos “excluídos” diante o discurso de hegemonia da memória nacional, sublinhando que “*memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não devem ser compreendidas como essências de uma pessoa ou de um grupo*”.

Em seu artigo “*Memória, Silêncio e Esquecimento*” (1989), destaca que a memória é sempre seletiva, com isso os sujeitos procuram esquecer o que lhes causem desconforto. O autor realizou diversas entrevistas com sobreviventes dos campos de concentração da II Guerra Mundial, constatando através dos depoimentos que aquele acontecimento era sinônimo de tristeza para muitos dos seus depoentes, pois eram significativos de um período muito infeliz de suas histórias. Desta maneira, constata-se a existência para esses sujeitos de uma fronteira entre o dizível e o indizível, levando-se a oscilação entre o que deve ser lembrado e o que necessita ser esquecido. No caso do Maracanã, como veremos adiante, a oscilação de lembrança/esquecimento está evidenciada nos narradores, principalmente, quando se aborda questões relacionadas ao período da escravidão ou o reconhecimento de algumas destas pessoas como descendentes de escravos.

Além dos relatos concedidos para o presente trabalho, também, realizei pesquisas no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), nos seguintes documentos: *Autos de Ereção de Freguesias, Relatórios e Falas de Presidentes da Província do Maranhão e os registros de Batizados e Casamentos da Freguesia de São Joaquim do Bacanga*. Também, cabe ressaltar as consultas ao site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde foram encontrados diversos mapas antigos da cidade de São Luís no período oitocentista. Com destaque para as propriedades da região do Bacanga.

Diante disso, a partir das conversas com as pessoas do Maracanã, busquei montar, a genealogia desta comunidade, identificando suas famílias mais antigas, procurando registros de batizados, fotografias e outros elementos que contribuíssem para a reconstrução do que os narradores chamam de “*Maracanã de Antigamente*”. Nesse sentido, os livros de registros de Batizados e Casamentos da Freguesia de São Joaquim do Bacanga foram de muita importância, uma vez que nos documentos em questão se descobriu nomes de pessoas encontradas em Maracanã. Objetivou-se com as pesquisas nos *Autos de Ereção de Freguesias e os Relatórios e falas dos presidentes da Província Maranhão* ter uma maior compreensão do que representava a referida Freguesia para o Maranhão. Nos

relatórios pude constatar o destaque desta, sobretudo, em meados do século XIX, principalmente, devido à instauração de uma colônia de portugueses na região, precisamente, colonos que vieram trabalhar nas obras de construção do canal do Arapapaí²⁷; obra esta que nunca chegou a ser concluída. Entretanto, o interesse deste trabalho pelos colonos se deve, primordialmente, ao fato dos nomes mais antigos do Maracanã serem de origem portuguesa, embora, mesmo sabendo-se que o destino destes sujeitos foram os mais diversos possíveis como constam nos próprios documentos, não se pode ignorar que possivelmente algum destes tenham contribuído com o que mais tarde será conhecido pelo nome de Maracanã.

²⁷O canal do Arapapaí foi uma obra de engenharia que nunca chegou a ser concluída, apesar da importância de sua finalidade, uma vez que tinha por objetivo ligar o igarapé Arapapaí ao rio Bacanga, visando não só facilitar o escoamento da produção do interior para a capital, como também garantir maior segurança nas viagens, posto que a rota do Boqueirão, além de morosa, oferecia muito perigo como evidenciava o número de naufrágios (ARAUJO, 2005, p.17).

3. Lembranças do “Maracanã de antigamente” (1930/1970)

*“Quando eu era menina sempre ouvia meu avô dizer que não era pra emprestar a canoa para os pretos de Maracanã porque eles não devolviam”
Matilde Neta Baldez Ventura, 66 anos.*

*“Essa rivalidade é antiga. Ah! Sempre o pessoal de Alegria se colocou como superiores ao pessoal daqui, essa rivalidade é constante e hoje os grupos dos mais jovens tão [sic] tentando acabar com essa rivalidade [...] [...] mas sempre colocaram [o pessoal de Alegria] como superiores”
Alice de Oliveira Baldez, 64 anos.*

Maracanã está situado à esquerda do rio Bacanga. De acordo com César Marques, o povoamento daquela margem do rio foi iniciado ainda no século XVIII, já que, em 1741, a Câmara de São Luís atendeu a um requerimento que lhe fora apresentado por Antônio Baldez da Silva, no qual solicitava *“terrenos na margem do rio que vai desta cidade para o porto do Ibacanga”* (MARQUES, 1970, p.101).

A concessão de terras feitas a Antônio Baldez e os trabalhos para abertura do canal foram decisivos para o surgimento de uma povoação que, no ano de 1835, justificaria a criação de uma Freguesia naquela área, a qual foi erigida sob a invocação de São Joaquim do Bacanga, sendo considerada uma das mais importantes da Província do Maranhão, caracterizada por sua vasta dimensão territorial. A propriedade que deu origem à comunidade do Maracanã estava inserida neste território. Referindo-se à Freguesia, na segunda metade do século XIX, diz César Marques:

Tem por limites o rio Bacanga desde a ponta do Bonfim em frente à capital, até a embocadura do seu confluente Batatã e por este até a cabeceira, e seguindo daí pela estrada do mesmo nome Batatã até o porto do rio Tibiri, e por este até sua foz, na Baía Quebra Potes, e, subindo por ela e pelo Rio Mosquito, até a Baía do Tauá, desce por esta e pelo Boqueirão até fechar na ponta do Bonfim (MARQUES, 1970, p.101).

Nos Autos de Ereção de Freguesias²⁸, documentação da Arquidiocese de São Luís, também, disponível no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM). Pode-se encontrar o seguinte registro:

²⁸AUTOS DE EREÇÃO DE FREGUESIAS, 1799-1869 (manuscrito), caixa 176. APEM.

A Freg^a de S.Joaq do Bacanga é desmembrada do curato e parochia de N. Senhora da Conceição destacado [...] desanexamos todo terreno que fica a margem ocidental do Bacanga até estrada do arraial e de todo o território desde a dita estrada até o rio batatan e estrada do tibiri, servindo de divisória da nova A Freg^a de S.Joaq do Bacanga o mesmo rio batatan e estrada até o tibiri

No decênio de 1860, sua população era composta “*de 2802 almas, sendo livres 881 do sexo masculino e 73 do feminino; escravos, 576 do masculino e 482 do feminino*”. No tocante às atividades econômicas, as mais comuns eram olarias, pedreiras, engenhos de açúcar e produção de secos e molhados. Entretanto, a atividade preponderante foi à agricultura, pois, segundo o mesmo autor, além da mandioca, “*os habitantes desta Freguesia empregavam-se na lavoura de cana, fumo, arroz e algodão, porém tudo em pequena escala*” (MARQUES, 1970, p.101).

O geógrafo Marcelino Silva Farias Filho (2011, pg. 15-22), na coletânea que aborda a APA²⁹ (Área de Proteção Ambiental) do Maracanã, descreve um pouco da fauna e flora encontradas atualmente nesta região:

A vegetação encontrada atualmente em Maracanã é constituída por juçarais e buritizais (vegetação tipo de várzea), pelas matas de sítios, formadas por árvores frutíferas, e por vegetação secundária nas terras altas, que se apresentam como remanescentes da flora original da região, destacam-se a paparaúba, o angelim, o pau-d’arco, o guanandi, o açoita – cavalo e o pau-ferro. Nas pequenas manchas de vegetação ainda existentes na APA, é possível a observação de várias espécies de animais, tais como a cutia, a mucura, a paca, o preá, o tamanduá, a raposa, a siricoara, a juruti, a nambu, diversas espécies de répteis e de anfíbios, dentre outras que estão seriamente ameaçadas [...]. A vegetação encontrada atualmente em Maracanã é constituída, predominantemente, pelos juçarais/buritizais (vegetação típica de várzea), por vegetação secundária e por árvores frutíferas que compõem sítios e chácaras, tais como mangueiras, cajueiros, abacateiros, jameiros, dentre outras.

Não se sabe ao certo a origem do nome “*Maracanã*”. Contam os mais antigos que a palavra designa um pássaro e foi atribuído à localidade de maneira pejorativa, pelos “brancos” residentes em Alegria, que consideravam os negros barulhentos como o pássaro Maracanã³⁰; desse modo, por analogia, deram à

²⁹ APA (Área de Proteção Ambiental) criada pelo Decreto Estadual nº 12.103, de 1º de Outubro de 1991. (FARIAS FILHO, 2011, p.15).

³⁰ Nome científico (*Aratingaleucophthalma*), segundo o zoólogo alemão Philipp Ludwig Stadius Müller, em 1776. A ave pode ser encontrada tanto em florestas, quanto nas cidades, desde que o clima seja quente ou temperado.

Uma das principais características de animais desta família é o bico encurvado, uma adaptação à alimentação, que é à base de sementes. Apesar de exemplares de psittaciformes serem encontrados

comunidade o mesmo nome. Provavelmente, o barulho mencionado pelos moradores de Alegria era referente às tradições de origem africana existentes em Maracanã. Por exemplo, o tambor de mina como destaca D. Maria da Conceição Soares da Cruz: “[...] no Maracanã tinha o tambor de mina [...] comecei a dançar mina com sete anos de idade, quem me escolheu foi um guia”³¹.

A construção de sua identidade aconteceu ao longo do tempo sustentada, com destaque às relações de parentesco e festas, precisamente, as celebrações dos Santos Reis e o bumba-meu-boi. Segundo as lembranças de seus moradores, no passado, o sentimento de pertencimento à comunidade era presenciado em todos os instantes de sua reprodução social, nas atividades do trabalho, nas conversas em frente às casas, e, logicamente, nos períodos de festividades.

Contam os mais antigos que à noite, as pessoas se reuniam em frente a suas casas para conversar: oportunidade em que os mais velhos contavam histórias para os mais novos e rememoravam acontecimentos vividos pelos membros da comunidade, o que contribuía para formação dos laços entre esses sujeitos. Essas conversas podem ser entendidas como um instante para se saber das novidades. Na verdade, representavam os veículos de informação para as pessoas daquele lugar. Numa época, em que a região não tinha energia elétrica, televisão e outros meios de comunicação massificados pela contemporaneidade, inegavelmente, essas conversas, além, de possuírem um sentido pedagógico, também, representavam os momentos de saber como “*andavam as coisas*” na localidade. Atualmente, ainda é possível se observar “*rodas*” de conversa em Maracanã, porém, com uma incidência muito menor. Atribuem essa situação a um conjunto de fatores: as atividades do trabalho, a presença de novos sujeitos na região com o aparecimento das “ocupações”. Entretanto, destacam como principal motivo, a violência, dizem ser esta responsável pelas pessoas procurarem fechar suas residências ainda cedo³².

Lembram os mais idosos que, em priscas eras, os mais velhos eram respeitados, em virtude de serem considerados por todos – e serem, de fato – os

em praticamente todo o globo terrestre, a Oceania, América Central e América do Sul são os locais onde estes são encontrados em abundância.

Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%Maracanã>.

Acesso em: 10 de Janeiro de 2011.

³¹ Relato concedido em 14/12/2004.

³² Os narradores alegam que no passado todos se conheciam o que não acontece no Maracanã dos dias atuais.

depositários do saber e da memória do grupo. De modo que, em tempos de expressões do tipo “*hoje em dia ninguém respeita ninguém*” parecem ser bastante recorrentes, saber/pensar que houve um tempo em que as relações fundavam-se no respeito, seguramente enche aquele que rememora de nostalgia, como também desvaloriza ainda mais o tempo presente em suas apreciações, evidentemente, essa desvalorização do presente deve ser compreendida a partir de sua dialética com o passado. Nessa perspectiva o passado é constantemente ressignificado pelos valores do tempo presente.

Tempo, memória, espaço e História caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história. A relação tencionada acontece, por exemplo, quando se recompõem lembranças, ou se realizam pesquisas sobre [...] vida cotidiana, movimentos étnicos, atividades culturais [...] lutas pelo poder. Sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do que foi vivido e a representação individual ou coletiva sobre o passado. Sem qualquer previsibilidade do que virá a ser, o tempo, todavia, projeta utopias e desenha as cores do presente, tonalizada pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado [...] Em outras palavras, se o tempo confere singularidade a cada experiência concreta da vida humana, também a define como vivência da pluralidade, já que, em cada movimento da história, entrecruzam-se tempos múltiplos, que acoplados à experiência singular/ espacial, lhe conferem originalidade e substância (DELGADO, 2006, p.34/35).

Em suas lembranças, os narradores rememoram um Maracanã marcado por um imaginário permeado de mistérios e credices, sendo destacadas certas lendas nesse universo cultural – muitas são de origem européia e foram ao longo dos anos ressignificadas no Brasil – segundo as quais pessoas transgridem determinados valores e normas, e, por isso, são amaldiçoadas, transformadas em animais. Dentre as mais conhecidas em Maracanã, destacam-se: “*o gritador*” e “*a cavalacanga*”.³³

Contam que o primeiro, “saía” durante as noites para assustar quem estivesse na rua. Dizem que “*o gritador*” possuía um berro assustador e era acompanhado por um caixão, não sabem ao certo o que representava o suposto

³³ Lembro-me de minha bisavó sentada no chão, cercada por netos e bisnetos, contando-nos histórias que ficávamos assustados, costumava dizer que uma pessoa da região virava bicho e que por várias vezes foi assustá-la. Naqueles meninos, acontecia uma espécie de paradoxo, pois ao mesmo tempo em que ficávamos assustados com as referidas histórias, também, tínhamos muita curiosidade em ouvi-las. Nesse imaginário lendário, também, pode-se destacar as histórias sobre a “Mãe d’água” que leva os meninos para o fundo dos rios, pode-se perceber novamente o mecanismo de controle social, pois ao que tudo indica por parte dos pais a presença do sentimento de medo dos filhos irem sozinho para os rios e correrem os riscos de se afogarem.

adereço. Contudo, relatam que o grito era tão ameaçador que não tinham coragem para ver o que estava acontecendo. Já a “*cavalacanga*” é considerada um ser fantástico, a mulher que namora padre, e por isso acabava sendo amaldiçoada e condenada a vagar pelas noites. As origens da “*cavalaganga*”, também, chamada em algumas regiões do Brasil de “*mula-sem-cabeça*”, são as mais diversas possíveis, Luís da Câmara Cascudo, no seu Dicionário do Folclore Brasileiro, apresenta algumas destas definições:

É a forma que toma a concubina do sacerdote. Na noite de quinta para sexta-feira, transforma-se num forte animal, de identificação controvertida na tradição oral, e galopa, assombrando quem encontra. Lança chispas de fogo. Suas patas são como calçadas de ferro. A violência do galope e a estridência do relincho são ouvidas ao longe. Às vezes soluça como uma criança humana. O encanto desaparecerá quando alguém tiver a coragem de arranca-lhe da cabeça o freio de ferro. Dizem-na “sem cabeça”, mas os relinchos são inevitáveis. Quando o freio lhe for retirado, reaparecerá despida, chorando arrependida, e não retomará a forma encantada enquanto o descobridor residir na mesma freguesia. A tradição comum é que esse castigo acompanha a manceba de padre durante o trato amoroso (J. Simões Lopes Neto, Daniel Gouveia, Manuel Ambrosio etc.); ou tenha punição depois de morta (Gustavo Barroso, O sertão e o mundo). A mula-sem-cabeça corre sete freguesias em cada noite, e o processo é idêntico ao do Lobisomem, assim como em certas regiões do Brasil, para quebra-lhe o encanto bastará fazer-lhe sangue, mesmo que seja com a ponta de um alfinete. Para evitar o bruxedo, deverá o amásio amaldiçoar a companheira, sete vezes, antes de celebrar a missa. Manuel Ambrósio cita o número de vezes indispensável, muitíssimo maior (Brasil Interior). Chamam-na também de Burrinha-de-padre ou simplesmente burrinha [...]. Gustavo Barroso supõe que a origem do mito provenha do uso privativo de mulas como animal de condução dos prelados, com registros no documentário do século XII (CASCUDO, 2002, pg 402-403).

No caso de Maracanã, não chegaram a fazer associação direta com padre, porém acreditam que eram pessoas amaldiçoadas por algum motivo. Contam que ficavam bastante assustados em suas casas e apenas escutavam temerosos os galopes de um cavalo. Não mencionaram datas específicas para a saída deste “bicho” – noites de lua cheia, sexta-feira 13 – apenas relatam que qualquer um que estivessem na rua poderia vê-la.

Estas histórias podem ser entendidas como uma espécie de mecanismo de controle social na comunidade, pois implicitamente estava posto que não se deveria ficar na rua até tarde da noite, talvez porque, sendo uma comunidade predominantemente agrícola, no qual os trabalhos começavam bem cedo, o que evidentemente necessitava de corpos dispostos e repousados.

3.1 As práticas materiais.

Em relação às atividades econômicas, ao longo do tempo, a experiência de vida em Maracanã mostrou-se diversificada, haja vista que juntamente com um pequeno comércio existiam atividades industriais, como olarias. Entretanto, a agricultura consistia em prática dominante, cujas roças se cultivavam, sobretudo, a mandioca e o arroz. Também era praticada a pesca nos rios da região, precisamente, Bacanga, Uruburama e Cachorros, além, da procura nos igarapés por caranguejos, siris e camarões.

Conforme os relatos, o trabalho na lavoura era desenvolvido coletivamente pelos membros das famílias, independentemente do gênero, fato esse que contribuiu para desenvolver os laços de solidariedade familiar e grupal. Para os narradores, o trabalho em família e na comunidade tinha um sentido conjuntivo para as pessoas envolvidas, no qual os mais velhos transmitiam suas experiências e respectivos conhecimentos aos mais novos, logo, embora a produção fosse familiar, isso não era condição que impedia os sujeitos de cooperarem mutuamente. Essa cooperação era verificada, principalmente, quando as pessoas da comunidade se deslocavam para a cidade³⁴, com o fim de negociar parte do que era produzido.

Por isso, além de marcar a passagem do tempo e assegurar a reprodução individual e coletiva dos membros da comunidade, o trabalho também representou um importante elemento a aprendizagem e integração social entre aqueles sujeitos, de acordo com o testemunho de Dona Maria da Conceição Soares da Cruz: “o trabalho era na roça, na pesca e os mais velhos ensinando os mais novos”³⁵.

Segundo os narradores, a produção tinha um caráter de subsistência, entretanto, muito do que se produzia, também, era utilizado em permutas com comerciantes da região ou partia-se via rio Bacanga para os grandes pontos comerciais da cidade, basicamente, a região da Praia Grande, do João Paulo, do Desterro e Madre Deus, onde eram trocados, por exemplo, arroz, farinha, carvão, juçara³⁶ por óleo, querosene, manteiga, dentre outras mercadorias. A respeito deste

³⁴ Algumas pessoas ainda se referem a São Luís como um local distante. O termo cidade é carregado de simbologias para os narradores, muitos internalizam discursos de que nesse espaço as “coisas” são mais desenvolvidas.

³⁵ Relato concedido em 14/12/ 2004.

³⁶ Juçara (*Euterpe oleracea*). Planta perenifólia, com altura entre 10 e 20 metros (FARIAS FILHO, 2011, p.26). Ao longo dos tempos, essa planta tem sido muito aproveitada pelos moradores de

cotidiano de trabalho, e de sua vida na comunidade, D.Naida Mendes, 83 anos, nascida, criada e moradora do Maracanã relata:

Meu nome é Naida Mendes, 82 anos, meu pai era Baltazar Ferreira, a mãe Maria Inês Mendes [...] Eu trabalhava muito em roça, eu juntava buriti, eu ía no igarapé e fazia todos os serviços domésticos de casa [...] Achava que era melhor, porque existia o respeito [...] antigamente você podia deixar sua casa aberta, a porta era de mençaba, ía pra [sic] roça e deixava as crianças vigiando, ninguém entrava, ninguém bulia [sic] [...] a gente fazia côfo [sic] para vender [...] lavava roupas nos rios... Aqui no quintal, o rio não presta mais para dar [sic] água, está poluído, a gente ía no igarapé pegar camarão e siri [...] Eu sou mãe [sic] do boi, eu sou vaca, mando na cozinha de todos os dois (festa de reis e o bumba-meu-boi) [...] a juventude de hoje não é mais como era antigamente, né?[sic] [...] Minha Mãe morreu, eu fiquei com sete anos de idade, meu pai quem me criou. Já foi um casal de tio e uma avó [...] no tempo da escravidão, diz que [sic] tinha branco que mandava surrar preto, eu sempre ouvia eles dizerem que existia isso.

Embora seja novamente reforçado neste relato que as atividades tinham um caráter coletivo, contudo, D.Naida Mendes apresenta algumas particularidades nas atividades das mulheres, ou seja, os trabalhos artesanais, neste particular, a mesma salienta que fazia abanos, vassouras, côfos³⁷ que atendiam tanto as necessidades domiciliares quanto eram negociadas nos espaços comerciais de São Luís.

Os trabalhos independiam de gênero como verificado nos relatos, as mulheres narram um cotidiano de atividades no qual eram presenciadas algumas similitudes com os trabalhos dos homens, os casos de atividades na roça, na capina, nos igarapés. Contam que deixavam suas residências no amanhecer, aos cuidados dos filhos, geralmente, os mais novos, pois os primogênitos, e em condições de trabalho, acompanhavam os pais em suas atividades. Relataram, também, como eram as estruturas de suas residências e o cotidiano nos lares: as casas eram feitas de taipa (madeira com barro) e cobertas com palhas de Babaçú³⁸ que com o passar dos anos teriam que ser trocadas, dormia-se em redes; como não existia energia elétrica, a iluminação ficava a cargo das lamparinas que eram acesas com a queima

Maracanã. Os frutos servem de alimentação. Com o caroçoso feitos artigos artesanais (colares, brincos, pulseiras), os cachos desta palmeira são utilizados como vassouras.

³⁷ Os Abanos e Côfos eram feitos com palhas de palmeiras, enquanto, as vassouras eram feitas com os cachos de Juçareira.

³⁸ Segundo Farias Filho (2011, P.25) “Babaçu (Orbignyaspiciosa B. Rodr.). palmeira de porte elegante que alcança até 20 m de altura, é coroada por 15-20 folhas grandes, planas, sernipartidas. Essa espécie tem sido historicamente explorada por várias famílias de baixa-renda em vários estados brasileiros, mas principalmente no Maranhão [...] as folhas são utilizadas para cobertura e paredes de casas rústicas”.

do querosene; água para beber, muitas vezes retiradas dos rios ou de poços artesianos, sendo armazenada em potes feitos de barro; o fogão, também, de barro e abastecido com carvãoeira conseguido a partir das caeiras feitas nos próprios quintais; portas eram de mençaba, sem trinco ou fechadura, eram amarradas apenas com barbantes; as roupas eram lavadas nos rios da região. Contam que nas noites que tinham muitos pernilongos, queimavam palhas na intenção da fumaça afastar os insetos. Essa prática continua sendo seguida, ainda hoje, por muitas pessoas na área rural de São Luís, embora, já se tenha a existência de inseticidas e outros produtos fabricados com essa finalidade.

D. Delfina Iria dos Santos, 84 anos, nascida e criada em Maracanã, prima de D.Naida Mendes, também relembra como era sua vida, suas relações familiares, o cotidiano do trabalho. Enfim, sua representação do que era viver no chamado “*Maracanã de Antigamente*”:

Eu nasci e me criei em Maracanã, me lembro da época que agente ía pra [sic] roça, passava o dia inteiro capinando e plantando [...]. A gente vivia tranqüila [...] ía pra [sic] roça, deixava tudo aqui assim, deixava roupa no sol, comida, carne, peixe, camarão, deixava a porta aberta [...] tudo aqui é uma família [...] maior parte somos parentes [sic] [...] porque a gente é família muito grande e tudo mora pro [sic] lado e às vezes é tio, é sobrinho, é avô, é avó e assim a gente foi levando a vida [...] Nós íamos no igarapé [...] (pra [sic] chegar à cidade) a gente ía pelo rio Bacanga, mas a gente ía de pé [sic], às vezes a gente ía pegar bonde lá no Anil, quando não era isso, a gente ía pelo Sacavém³⁹.

No início, a senhora rememora as experiências do trabalho, atividades que variavam da “*plantação*”, “*da capina*”, as visitas “*aos igarapés*”, reforça a premissa de que essas atividades independiam do gênero⁴⁰. A mesma toca em um ponto central para a comunidade, as relações de parentesco, que será discutida no próximo capítulo, sobre a importância destas relações afirma que: “*tudo aqui é uma família [...] maior parte somos parentes [...] porque aqui é família muito grande e tudo [sic] mora pro lado e às vezes é tio, é sobrinho, é avô e avó e assim a gente foi levando a vida*”.

A casa de D. Delfina fica na Rua São Benedito, caminho que liga Maracanã à Vila Sarney. Esta rua é constituída praticamente por seus parentes consanguíneos ou por afinidades, por exemplo, no entorno de sua propriedade, são

³⁹ Relato concedido em 12/01/ 2010.

⁴⁰ Isto não significa que as mulheres recebiam equivalente aos homens, pois no seu relato D. Delfina salienta que trabalhava um dia e meio para equivaler a um dia dos trabalhos dos homens.

encontradas residências de alguns de seus filhos, sobrinhos, netos, além de outras pessoas que a chamam de tia, embora não possuam vínculos de consanguinidade direta, somente laços de afinidade. Também, cabe destacar uma peculiaridade nas redondezas de sua propriedade, o fato dos quintais não possuírem cercas ou equivalente; algo curioso nos dias contemporâneos, caracterizado por residências que parecem “fortalezas”, nas quais os sujeitos se “isolam” de relações interpessoais. Alguns moradores relatam que, não há muito tempo, ainda se podia dormir com as janelas e portas abertas, porque todos se conheciam, como o signo do respeito se fazendo presente, como se pairasse sobre a comunidade, zelando por ela, o que significa dizer que tinha muita importância para o tecido social. Segundo os narradores, num tempo em que a palavra pronunciada; empenhada, valiam por todos os documentos, como ilustrado no depoimento de D. Onorina Algarves Coutinho:

Naquele tempo a gente ia pra roça e deixava as portas apenas amarradas com um fio e durante a noite se podia dormir até com a janela aberta. Porque naquele tempo não existia a criminalidade de hoje e todo mundo se conhecia⁴¹.

Na verdade, atualmente são poucas as residências que possuem essa característica em Maracanã. Hoje, as casas são de alvenaria, muradas ou com cercas de arame e madeira, contam que hoje “tem muito ladrão” e por isto devem ficar protegidos em seus muros. D. Delfina, mora neste local desde sua infância, casando e construindo família, mas, residindo sempre no mesmo lugar. Esta senhora é apenas um dos vários casos semelhantes encontrados em Maracanã, possuindo uma identificação com aquelas pessoas e, sobretudo, com o território, residindo neste espaço a mais de oitenta anos.

Em 2004, conversei pela primeira vez com D. Delfina, muito simpática, abriu as portas de sua residência para uma agradável tarde de lembranças. Naquela oportunidade, ela estava perto de completar 80 anos, dizia-se cansada pela idade, por isso me confidenciou que não se recordava de algumas coisas, notei que ela não me reconheceu, embora, conheça meus familiares, minha bisavó chamava-a de “comadre”⁴². Então, naquela tarde, indaguei-lhe sobre o porquê de em Maracanã

⁴¹ Relato concedido em 13/12/2004

⁴² Outro exemplo de parentesco por afinidades. Minha Mãe a chama de Tia e quando a encontra sempre pede a bênção.

todos serem considerados parentes. A resposta foi a seguinte: “*Só tinha a gente, meu filho, e com isso acabava casando [sic] com os primos*”. (ARAUJO, 2005). O relato desta senhora, de certo modo, foi ao encontro do que D. Marlene Jansem Pereira, 57 anos, também, nascida e criada em Maracanã, comentou:

Em Maracanã existia poucos homens, por exemplo, eu tenho uma irmã [...] um daqueles parentes nossos tinha filho comigo e minha irmã e tinha com as outras primas e aí foi se formando os laços sanguíneos, por isso que hoje em dia Maracanã é laços sanguíneos porque era parente casando com parente e parentetendo filho com parente. Naquele tempo não tinha casamento com o “pessoal de Alegria” (hoje já tem)⁴³

Evidentemente, a comunidade não era isolada, também, não vejo apenas pela questão da quantidade de homens, pois não disponho de dados quantitativos para melhor elucidação do relato de D. Marlene Jansem Pereira. Entretanto, ao que tudo sugere, é que o isolamento salientado é relacionado aos contatos, principalmente com os moradores de Alegria. De acordo com os relatos, existia uma verdadeira demarcação de espaço (território) entre os dois grupos. Contam que os moradores de Alegria classificaram seu território como as terras dos “brancos” e sempre faziam questão de considerarem-se superiores às pessoas de Maracanã, alegando que em Maracanã os moradores eram inferiores por serem “negros” e descendentes de escravos⁴⁴.

[...] a imagem social dominante do negro que começa a ser construída e veiculada através dos meios como a imprensa e a literatura é a imagem de uma pessoa ameaçadora, rude, fisicamente forte e mentalmente inferior, simplória, ignorante, Bárbara, atrasada e supersticiosa. A imagem do mestiço é a de um tipo instável, portador de inteligência superior à do negro, mais inferior à do branco; sensual, denominado pelos sentidos e por uma sexualidade incontrolável, dotado de esperteza, ressentimento e não confiável (SALLES & SOARES, 2005, p.114).

Nas entrelinhas deste discurso, são observadas as divergências entre os moradores destas comunidades. Parece-me que a questão do preconceito de cor se constituiu como o principal marcador de diferença entre as localidades, onde “brancos” eram “proibidos” de se relacionarem com “negros” e vice-versa. Essa

⁴³ Relato concedido em 12/01/ 2010.

⁴⁴ A infância e adolescência de D. Delfina foram vividas nos anos de 1930 e 1940 e acredito que as lembranças e heranças da escravidão estavam muito próximas a ela e à comunidade.

interdição alcançava todas as esferas das relações sociais. Veja o que contou o senhor Abel Meireles:

Naquela época que eu me entendi, o pessoal de Alegria não gostava daqui do Maracanã, porque era negro e eles eram claros, e eles tinham esse despeito [...]. Mas depois, os mais novos foram se entendendo e a gente foi se unindo, não é [sic] todos, até no cemitério é [sic] poucos enterrados em Maracanã, se enterram na Vila Maranhão [...]. Não queriam se enterrar aqui, porque era de preto, o cemitério era de pretos e eles se achavam brancos.⁴⁵

D. Alice Oliveira Baldez, 64 anos, filha de Maracanã, também reforça o argumento da narrativa anterior; como se pode perceber em:

Essa rivalidade é antiga. Ah! Sempre o pessoal de Alegria se colocou como superiores ao pessoal daqui, essa rivalidade é constante e hoje os grupos dos mais jovens tão [sic] tentando acabar com essa rivalidade [...] [mas] sempre se colocaram [pessoal de Alegria] superiores.⁴⁶

As narrativas destacam a rivalidade entre as comunidades, especialmente no que tange a diferença de cor de pele, conforme relatos anteriores, o episódio do cemitério evidencia bem este fenômeno, pois, segundo o depoimento, os moradores de Alegria preferiam ser enterrados no cemitério de Vila Maranhão. Nessa perspectiva D. Marlene Jansem Pereira acrescenta:

A maioria do povo de Alegria é enterrada em Vila Maranhão, não queriam ser enterrados aqui [...] no tempo dos antigos que tinha essa rivalidade, hoje é menor, mais ainda tem, quem na Alegria costuma ainda a chamar o povo daqui de pretos no sentido totalmente negativo⁴⁷.

Cabe destacar, o depoimento de D. Matilde Neta Baldez Ventura, 66 anos, nascida e criada em Alegria que no tocante ao fato dos seus parentes serem enterrados em Vila Maranhão, salientou o seguinte:

[...] Eles foram enterrados na Vila Maranhão, porque o cemitério de Vila Maranhão é mais antigo, por isso que os mais velhos foram para Vila Maranhão, mesmo sendo mais longe do que o de Maracanã eles são enterrados lá.⁴⁸

⁴⁵Relato concedido em 25/09/ 2010.

⁴⁶Relato concedido em 12/01/ 2010.

⁴⁷ Relato concedido em 12 /01/2010.

⁴⁸Relato concedido em 10/03/ 2012.

Sendo que o cemitério de Vila Maranhão, como mencionado na narrativa é mais distante, do que em Maracanã, portanto, em sua condição de “brancos”, de pele clara, não poderiam dividir os mesmos espaços com os “negros”. Segundo o senhor Abel Meireles, para o “*peçoal de Alegria*”, era uma ofensa enterrar seus parentes na terra e no local habitado por “negros”.

A partir desses discursos é notória a constituição de questões de racismo envolvendo os referidos grupos sociais. De um lado, estavam os “brancos” e, do outro lado, os “negros” descendentes de escravos. Embora, D. Alice saliente que as novas gerações tenham tentado uma aproximação, e o próprio Senhor Abel, mencionar que moradores de Alegria já são enterrados em Maracanã, isto não invalidou a persistência destas práticas. Sobre isto, Fredrick Barth (1995, p. 188) comenta:

As distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, muito ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes. A interação em um sistema social como este não leva a seu desaparecimento por mudança e aculturação; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos.

A teoria de Barth, embora, aborde a questão das fronteiras étnicas, no caso de Maracanã e Alegria, penso que as disputas não foram no tocante a etnicidade, mas sim, como mencionado anteriormente, é referente a questões de racismo que entendo como consequência do Maranhão escravista, desse modo, muita coisa acabou sendo internalizada e reproduzida pelos sujeitos de ambas as localidades. Entretanto, concordo com o autor no que diz respeito aos grupos sociais não poderem ser compreendidos de maneira estática, mas sim, a partir de suas interações, embora, sempre conflituosas, posto ser evidente que é através do contato com os “*outros*” que as diferenças/identificações se constituem.

Com isto, pode-se afirmar que a própria noção de etnicidade “*é sempre produto de alguma mudança social, nunca pode resultar de uma situação de imobilidade social*” (Pereira & Oliveira, 2008, p. 85). Nesse sentido, o reconhecimento enquanto pertencente à comunidade do Maracanã, também, acontece pela diferenciação com os moradores de Alegria:

Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente interior, com outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário (GOMES, 2005, p.42).

Qualquer identidade é reconhecida prioritariamente pela oposição em relação ao “outro”. Com a identidade do Maracanã não poderia ser diferente, neste caso, o reconhecimento das pessoas com a comunidade e a sua construção identitária aconteceu, sobretudo, a partir das oposições com alguns dos moradores de Alegria. Nesse contexto, a identidade necessita da diferença, porém, esses pólos não podem ser entendidos de maneira independente, possuem relações, embora, sempre conflituosa. Woodward (2000, p.40) conclui que:

As identidades são fabricadas por meio da demarcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao mesmo tempo e em parte, por meio de sistemas classificatórios.

A classificação entre “brancos” e “pretos” não foi uma construção dos moradores de Alegria ou do Maracanã. Estes apenas reproduziram um sistema excludente que demarcou as posições socioculturais no Brasil escravagista, no qual “os brancos” se consideravam superiores aos “pretos”.

O preconceito racial, no Brasil, foi criado a partir da interação entre dois grupos – uma classe política e economicamente dominante que assumiu uma concepção de mundo considerada superior e estigmatizou o outro grupo, neste caso, o dos não brancos, caracterizando-o como de qualidade inferior, crença que passa a ter função de justificar a dominação sobre ele. Concomitantemente, a medida que o grupo dominado passa a compartilhar as crenças sobre si mesmo e se submete a dominação, o processo passa a ser legitimado (FERREIRA, 2004, p. 51/52)

Hoje, ainda é verificada a exclusão de negros na sociedade brasileira, imagine em meados do século, ou seja, discursos disseminados e dispersos sobre vetores de superioridade “branca” e inferioridade “negra” foram internalizados e, provavelmente, naturalizados. Embora, sabe-se que quando se fala de relações sociais nada é natural, pelo contrário, tudo é construído, fabricado, em tempo e lugar, por meio dos interesses dos sujeitos envolvidos, pois o próprio discurso nunca

é neutro, sempre parte de um grupo e com objetivos específicos. O discurso em questão era de legitimação dos “brancos” sobre os “negros”. A esse respeito, Sansone (2007, p.27) argumenta:

É claro que a negritude, assim como a branquidade, não é uma entidade dada, mas um constructo que pode variar no espaço e no tempo, e de um contexto para outro. A identidade negra, como todas as etnicidades, é relacional e contingente. Branco e Negro existem, em larga medida, em relação um ao outro; as “diferenças” entre negros e brancos variam conforme o contexto e precisam ser definidas em relação aos sistemas nacionais específicos e às hierarquias globais de poder, que foram legitimados em termos raciais e que legitimam os termos raciais.

D. Alice de Oliveira, no seu relato, afirma que “*os mais jovens tão tentando acabar com essa rivalidade*”⁴⁹. Estas comunidades passaram por mudanças ao longo dos anos, o aparecimento de “ocupações”, o surgimento de novos moradores, pessoas estudando na mesma escola, tudo isto tem contribuindo para uma “aproximação” entre essas pessoas. Entretanto, no depoimento, de D.Zeneide Neta Baldez Ventura, filha de Alegria, percebe-se que os conflitos, de certo modo, ainda não foram encerrados, ou seja, é como se outros sujeitos estivessem tomando partido de histórias que ouviram:

Ainda existe umas brigas, ouvia muito essas histórias quando criança,[...] hoje a briga é de pessoas que nem são filhos do lugar (Alegria e Maracanã), mais vem morar aqui e ouve histórias e se “tornam” filhos do lugar e querem brigar.⁵⁰

D.Zeneide Baldez se refere às confusões que tem acontecido na região com pessoas que foram morar nestes locais, sobretudo, em função do crescimento demográfico de São Luís, não necessariamente, às brigas entre “brancos” e “negros” do passado, do que ouvia em sua infância ou que mesmo deve ter presenciado. Percebi nos relatos das pessoas mais idosas das duas localidades certo desconforto ao tratar destas questões, parece-me que por parte de algumas pessoas há necessidade de silenciar sobre acontecimentos que remetem a questões raciais, preconceito, discriminação, dentre outros.

⁴⁹Relato concedido em 12/01/2010.

⁵⁰ Relato concedido em 10/03/2012.

2.2 As pessoas e suas investidas.

Segundo Walter Benjamin (2011, p.198), a “*experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores*”. O próprio autor acrescenta que com o advento da sociedade da informação, no seu caso, do rádio e da literatura na década de 1930, e, hoje, sobretudo, com a internet, a experiência de narrar está em desaparecimento. Nesse sentido, consegui encontrar em Maracanã, narradores, no sentido atribuído por Benjamin, que ao longo de seus relatos foram reconstruindo experiências e vivências de um local que chamam de “*Maracanã de Antigamente*”. Assim, no percurso de suas narrativas, pessoas investidas de seu papel social de “*parteiras*”⁵¹, “*benzedeiros*”, “*rezadeiras*” e “*curandeiras*”, ganharam nome e vida, caracterizando um pouco do cotidiano de uma época presente em suas memórias.

Contam que quando alguém ficava doente, dificilmente ia ao hospital, não só devido à distância até a cidade, que era grande, ou em função da raridade e morosidade dos transportes⁵², que muito contribuíram para isso. Também, porque consideravam que o tratamento podia ser realizado na própria comunidade. Além do conhecimento acumulado sobre ervas e raízes, algumas pessoas eram respeitadas por seus saberes e poderes curativos, a exemplo das “*rezadeiras*”, “*benzedeiros*” e “*curandeiras*”, como Tia Nilza, a respeito de quem temos esse testemunho:

Muito procurada por pessoas da comunidade, Tia Nilza praticava cura de determinadas enfermidades (quebrantos e maus olhados) através de benzimentos. Nas comunidades rurais, pessoas com poderes de cura por meio de benzimentos são muito queridas e respeitadas”. (COSTA, 1998, p.20).

Por exemplo, quando alguém estava com dores de cabeça, diziam que a mesma era decorrente do sol excessivo. Desse modo, aquela pessoa era levada à “*benzedeira*” que realizava o seguinte tratamento: colocava-se um copo com água sobre a cabeça da pessoa doente, de repente a água começava a borbulhar e esse movimento simbolizava que o sol, causador das dores, estava sendo retirado.

⁵¹ Segundo o dicionário Aurélio: “Parteira é a mulher que, sem ser médica, assiste a parto, ajudando ou socorrendo a parturiente”.

⁵² A principal rota de Maracanã com destino a cidade de São Luís era a travessia do rio Bacanga. Travessia não poderia ser realizada a toda hora, pois, além de custosa, dependia das condições de maré.

Contam que quando borbulhava muito, era necessário recorrer ao respectivo tratamento mais de uma vez, até a pessoa estar completamente curada da enfermidade. Pois:

[...] a ação de ‘benzer’, como é concebida pela cultura local, vem explicitar aquele outro lado da moeda contido no ato de abençoar, isto é, a dimensão ‘redenção – resgate’. O benzimento é eminentemente curativo e exorcizante. Quando se fala que tal pessoa ‘é benzedor’ ou que ‘benze’, o que se tem em mente? Está-se referindo a determinados indivíduos que manipulam rezas específicas para males específicos e que no ato de proferir a reza eficaz agregam-lhe o gesto também eficaz do sinal da cruz. Basicamente é isto. Outros gestos rituais simbólicos e algumas técnicas terapêuticas suplementares podem acompanhar ou não, dependendo do mal, o benzimento”.(PRADO, 1975,p.41)

Nos relatos, contaram que as mulheres tinham seus filhos em casa e, para isso, uma personagem da comunidade era fundamental: a parteira. Dentre elas, uma muito respeitada era, a hoje octogenária Maria da Conceição Soares da Cruz, pois, de acordo com os narradores, teria sido responsável por mais de dois mil partos em Maracanã e localidades adjacentes. É a própria Maria da Conceição que rememora uma curiosidade que marca sua história enquanto parteira, contando: “os primeiros partos que realizei foram em dias santos: o de João Meireles, no dia de São João; e o de Zé Reis, no dia de Reis”⁵³. E, acrescenta outras lembranças:

Meu nome é Maria da Conceição Soares da Cruz, nasci em Maracanã, minha mãe se chamava Paula Soares da Cruz e meu pai Sicilio Azevedo, tenho 85 anos... Tenho saudades dos meus avós, dos meus pais [...]. Minha mãe conviveu com meu pai e tiveram 16 filhos [...]. Minha mãe morreu primeiro que o meu pai. Quando ela ía completar dois anos de morta, ele morreu. Tudo em Maracanã [...] quando eu comecei dançar mina... Minha mãe dizia, no que [sic] eu completei 07 anos, quem quer [sic] seja me agarrou (o guia) [...] Porque eu não fui feita por macumbeiro nenhum, eu já sou de nascença... Quando eu comecei a fazer parto, estava com 15 anos, o primeiro menino que nasceu na minha mão foi o filho de minha mãe, esse mora lá no Desterro, Abilio [...] Depois Zé Reis, João Meireles. De 15 anos para cá [...], em Maracanã não tem conta [sic] nem fim de partos⁵⁴.

Incontestavelmente, o ofício desempenhado por esta senhora estava relacionado às dificuldades encontradas na própria comunidade. Como já mencionado, Maracanã está localizado na área rural de São Luís distante do centro

⁵³ Relato concedido em 14/12/ 2004.

⁵⁴ O parto de minha avó, também, foi feito por Dona Maria da Conceição, tanto que, minha mãe a chama de tia Conceição, dessa forma, as relações de parentesco necessariamente não são referentes apenas a laços consanguíneos, mas sim, a valores socioculturais, essa situação representa um dos tipos de parentescos por afinidades (LEVI-STRAUSS, 2009, p.40).

da cidade e no período salientado pelos narradores, a situação, sem dúvida, deveria ser muito mais complicada. Numa época em que o acesso à parte considerada urbana da capital era realizada pela travessia do rio Bacanga e em determinados períodos. Desse modo, essas pessoas atuavam na solução de problemas fundamentais para a comunidade. Sendo possuidores apenas do conhecimento empírico, na maioria das vezes, adquiridos dos pais e acumulado em suas vivências e experiências.

Ainda hoje, com menos frequência, recorre-se a esses tratamentos. D. Maria da Conceição Soares da Cruz apesar de estar próxima aos noventa anos, ainda, continua sendo solicitada para realização de partos. A mesma é conhecida por todo Maracanã e adjacências, entretanto, nunca desempenhou sua função na comunidade de Alegria. Segundo o seu relato, *“eles preferiam (os moradores de Alegria) levar as mulheres para a cidade, não deixavam seus filhos nascerem nas mãos de pretos”*⁵⁵. No tocante a essa atividade, Prado (1975, p.41) destaca:

Os benzedores podem ser homens ou mulheres. Entre as ultimas, no entanto, quando se soma uma especialidade a mais, ou seja, o fato de ‘partejar’ mulheres, temos as parteiras. Não são todas as ‘benzedoras’ que são ‘parteiras’, mas não há parteira que não seja também benzedora. Aliás, a difícil tarefa de secuntua a parto de uma mulher, onde vida e morte se roçam de perto, situa a parteira dentro do domínio semântico de triunfo da primeira sobre a segunda. Todas as vezes que, de novo, a morte ronda a vida, a parteira será chamada a atuar (agora, como benzedora). Eis porque a ‘parteira’ não será tratada como uma categoria que extrapolasse os quadros do benzedor. Ao contrario, ela é uma espécie de. Do mesmo modo que ele, recorre, em seu serviço, a rezas eficazes. O que distingue como parteira será apenas a conjunção de dois traços: o tipo de sofrimento a ser tratado (= parto) e dimensão sexo: uma mulher

De acordo com o seu relato, para os moradores de Alegria, D. Maria da Conceição não possuía conhecimentos adequados para a condução do nascimento de seus filhos, pois não possuía diploma ou algo que a credenciasse a desempenhar a referida função. Entretanto, o fato desta senhora não ter realizado partos na comunidade de Alegria, também, deve-se não apenas a essa situação de ser considerada leiga, mas, à cor de sua pele e sua condição de descendente de escravo. Percebi no modo como constrói seu relato que, embora, não diga abertamente que o motivo tenha sido este, acredita que sua condição de descendente de escravo acabou sendo determinante. Na verdade, em Alegria

⁵⁵ Relato concedido em 14/12/ 2004.

apenas era reproduzido o discurso pregado por setores da sociedade brasileira, que influenciados pelo fervor de instituírem discursos sobre a modernidade, defendiam que o Brasil chegaria à condição de “civilidade” no momento em que apagasse seu passado escravocrata, no qual os negros eram sinônimos da decadência:

Quanto mais branco melhor, quanto mais claro superior, eis aí a máxima difundida, que vê no branco não só uma cor, mas também uma qualidade social: aquele que sabe ler, que é mais educado e que ocupa uma posição social mais elevada (SCHWARCZ, 1998, p.189)

De acordo com os narradores, a condição material de algumas pessoas de Alegria, principalmente, a família dos Baldez (possuíam canoas, casas de alvenaria, dentre outras) era superior à dos de Maracanã, o “*peçoal de Alegria levava os filhos para estudarem na cidade*” ⁵⁶[(D. Alice Oliveira Baldez)], numa época em que o acesso era realizado pelo rio Bacanga, as “visitas” ao centro de São Luís, sem dúvida, eram muito reduzidas e ao que tudo sugere não eram todos que tinham esta possibilidade e condições para uma locomoção frequente. E, o fato de algumas pessoas na comunidade oponente “mandarem” seus filhos para estudarem na cidade, inegavelmente, implica-lhes uma condição material mais favorável. A afirmação de D. Alice pode ser reforçada, por exemplo, a partir do que pude verificar no relato, D. Matilde Neta Baldez Ventura:

Quando eu era menina sempre ouvia meu avô dizer que não era pra emprestar a canoa para os pretos de Maracanã, porque eles não devolviam, naquele tempo não tinha estrada de terra como tem hoje, nesse tempo o caminho era pela travessia do rio Bacanga até um porto que tinha na Madre Deus.⁵⁷

Evidentemente, “*parteiras*”, “*rezadeiras*”, “*benzedadeiras*” e “*curandeiras*” foram personagens muito importantes para a construção da comunidade, localidade rural, caracterizada por suas atividades de subsistência. Contudo, não se deve ignorar que também aconteceram mortes entre as pessoas do Maracanã. Segundo os narradores as maiores baixas eram sobre as crianças, contam que aconteceram casos de mulheres que tiveram muitos filhos e apenas a metade conseguiu chegar até a fase adulta.

⁵⁶Relato concedido em 12/01/ 2011.

⁵⁷ Relato concedido em 10/03/ 2012.

Esse quadro de dificuldades, também, contribuiu para o fortalecimento dos laços de parentesco (consanguíneos e por afinidades) na comunidade, pois, quando alguma família passava por dificuldades (não apenas), era muito comum a “doação” dos filhos para serem criados por suas respectivas “madrinhas” e “padrinhos”⁵⁸. A escolha desses personagens não era por acaso, mas sim, envolvidas por relações de interesses, buscando-se alguém que evidentemente tivesse uma condição mais favorável para ajudar na criação das crianças. A título de ilustração, pode-se mencionar o que aconteceu com D.Libânia Garcez Meireles, a mesma teve 17 filhos, número que logicamente já traria dificuldades para serem criados pela própria família, e, por isso, alguns foram “criados” (moraram com) por parentes (consanguíneos ou afinidades). Por exemplo, como o acontecido com D. Adalgiza Meireles uma de suas filhas, que ainda bem menina ficou sob a “tutela” de D.Onorina Algarves Coutinho (comadre de D.Libânia Garcez Meireles). Contudo, essa situação não afastou Adalgiza de sua mãe biológica, pelo contrário, esta senhora salienta que possuía duas mães. Neste caso, tem-se tanto o parentesco consanguíneo com D.Libânia Garcez Meireles quanto por afinidades com D.Onorina Algarves Coutinho. Essa situação, de acordo com os próprios narradores, era a regra entre as pessoas do Maracanã.

Infelizmente, não disponho de dados quantitativos, para melhor análise desta situação, em muitos casos, as crianças ou outros membros da comunidade foram enterrados diretamente no cemitério do Maracanã, sem passar por uma perícia ou algo do gênero, que esclarecesse os motivos das mortes. A própria distância do Maracanã contribuiu para não acontecerem autópsias, provavelmente, em muitas situações. Tudo sugere que essas mortalidades eram decorrentes do próprio desconhecimento da comunidade em relação a algumas doenças e seus respectivos tratamentos. Pode-se acrescentar que a própria medicina naquele período estava se desenvolvendo. Também, o acesso às informações, sem dúvida, era muito mais restrito. Desse modo, as pessoas da comunidade poderiam operar apenas com esse tipo de conhecimento empírico, conforme já mencionado e conhecido convencionalmente de “medicina popular”. O que não pode ser esquecido é que, certamente também, este tipo de tratamento com todas as

⁵⁸Como será analisado no próximo capítulo os compadrios é um dos principais componentes das relações de parentesco no Maracanã.

dificuldades, provavelmente, foi o responsável por ter se evitado um número maior de óbitos.

2.3 “Do tempo que branco mandava surrar preto”: visões distintas para a escravidão.

O sociólogo Michael Pollak (1989) destacou nos seus trabalhos que a memória é constantemente disputada entre os sujeitos sociais. Condição essa que contribui para a formação de zonas de fuga, de interdição, de silêncio para algumas pessoas. Diante disto, alguns procuram (desejam) esquecer ou silenciar acontecimentos que lhe representem desconforto, tristeza, insegurança, por exemplo, a morte de um ente querido, uma tragédia, fatalidades, discriminações e assim por diante. Essas zonas de fuga, por sua vez, também, possibilitam a construção do que o próprio autor classificou como “*memórias subterrâneas*”, que se constituem em oposição à memória nacional.

No tocante ao Brasil, na passagem do XIX para o século XX, por exemplo, as elites que tinham instaurado o recém-formado regime republicano, procuraram construir a memória nacional. Memória essa que excluía os descendentes de escravos, os indígenas e os considerava como seres inferiores. A isto, deve-se o fato desses setores desejarem apagar qualquer lembrança do período escravista, não porque estavam entristecidos com os acontecimentos do passado, com as atrocidades desta época, mas sim, porque na condição de nação almejanse à tão sonhada “civilidade” e inserção do Brasil nas rotas do tão “aclamado” progresso, as influências da cultura de origem africana eram vistas como representativas de atraso e decadência e, portanto, um enorme empecilho para suas pretensões. Posto, que o “novo” Brasil deveria copiar os costumes, os valores, as vestimentas, as vivências dos europeus, como salientado por Sevecenko (1989, p.30):

Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose, conforme veremos adiante: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.

Desse modo, os negros juntamente aos seus valores socioculturais deveriam ser apagados da história deste país e quando lembrados seriam na condição de seres inferiores por natureza. Essa perspectiva estava ancorada no discurso biológico por meio do conceito de raça, no qual a suposta “superioridade” do “branco” era entendida como natural, nesse sentido, a miscigenação representava involução para a “nação” brasileira, então, idéias eugênicas começaram a ser disseminadas e defendidas por setores da intelectualidade brasileira, sobretudo, por meio de médicos e escritores, como salientados pela historiadora, Lilia M. Schwarcz (1998, p.177):

[...] o antropólogo Roquete Pinto, como presidente do I Congresso Brasileiro de Eugenia, que aconteceu em 1929, previa anos depois e a despeito de suas críticas às posições racistas, um país cada vez mais branco: em 2012 teríamos uma população composta de 80% de brancos e 20% de mestiços; nenhum negro, nenhum índio.

Ainda, sobre o I Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado entre 01 e 07 de julho de 1929, Domingues (2004, p. 259), por meio do estudo de suas atas, destaca que:

Os médicos, intelectuais e políticos consultados no congresso rechaçaram a proposta de permitir a entrada de negros no país, utilizando, entre outros argumentos, de que, a entrada de mais pretos representaria um entrave ao processo de purificação da raça e, por conseguinte, de branqueamento da nação.

Evidentemente, também, existiram vozes dissonantes a referida proposta de europeização do Brasil, por exemplo, o escritor Lima Barreto que foi um grande crítico deste projeto, sobretudo, na obra “*O Triste Fim de Policarpo Quaresma*”, publicada em 1912 no auge desta discussão. Neste romance, Barreto a partir das concepções de seu personagem central, o Major Policarpo Quaresma, e seu nacionalismo extremado critica o projeto desejado pelas elites de copiar os valores europeus. Ao longo da referida obra são exaltadas as riquezas materiais e simbólicas destas terras. Entretanto, quando o assunto são os valores de origem africana, percebe-se certo deslize do próprio autor ao retratá-los, provavelmente, o mesmo, embora, mulato acabou internalizando algumas representações construídas, principalmente, por setores elitistas a respeito dos descendentes de

escravos. Como pode ser observado, por exemplo, em um dos trechos da obra onde é destacada a doença de uma das personagens, no caso, Ismênia que caiu em “depressão” após ser abandonada pelo noivo antes do casamento, dessa forma, seus pais buscaram os mais avançados conhecimentos da medicina da época para resolver o referido quadro de enfermidade, mas não conseguiram obter êxito nestes tipos de tratamentos, por isso como última tentativa recorreram aos serviços da chamada medicina “popular”, especificamente, as práticas realizadas por antigos escravos:

Os feiticeiros tinham outros passes e as cerimônias para entrar no conhecimento das forças ocultas que nos cercam eram demoradas, lentas e acabadas. Em geral pretos africanos. Chegavam, acendiam um fogareiro no quarto, tiravam de um cesto um sapo empalhado ou outra coisa esquisita, batiam com feixes de ervas, ensaiavam passos de dança e pronunciavam palavras inteligíveis. O ritual era complicado e tinha sua demora [...]. O preto considerava um instante, como se estivesse recebendo as últimas comunicações do que não se vê e nem se percebe, e dizia com sua majestade de africano [...]. Era uma singular situação, a daquele preto africano, ainda certamente esquecido das dores do seu longo cativeiro, lançando mão dos resíduos de suas ingênuas crenças tribais, resíduos que tão a custo tinha resistido ao seu transplante forçado para terras de outros deuses (BARRETO, 2010, p.146/147):

Esse discurso acabou sendo internalizado por diversos setores da sociedade brasileira, tanto por “brancos” quanto por “negros”. O que provavelmente contribuiu para que muitos descendentes de escravos esquecessem ou procurassem silenciar o passado, uma vez que a representação da escravidão estava associada à condição de “coisa” e não de pessoa, o resultado desse processo foi o seguinte:

Neste país de larga convivência com a escravidão, onde o cativeiro vigorou durante mais de três séculos [...] a escravidão, em primeiro lugar, legitimou a inferioridade e, enquanto, durou, inibiu qualquer discussão sobre cidadania. Além disso, o trabalho limitou-se exclusivamente aos escravos, e a violência se disseminou nesta sociedade das desigualdades e da posse de um homem por outro (SCHWARCZ, 1998, p.185)

A partir da década de 1930, percebe-se a revisão do discurso da miscigenação no Brasil, esta saíria da condição de atraso, de inferioridade e passaria a ser compreendida por alguns intelectuais como representativa da própria identidade do país, sobretudo, quando “*o mestiço transformou-se em ícone nacional,*

em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé e no futebol” (SCHWARCZ, 1999, p.178). Salienta-se neste processo a publicação em 1933 da obra “*Casa-Grande e Senzala*”, do Antropólogo pernambucano Gilberto Freyre, destacando, por exemplo, a importância do hibridismo na formação da sociedade brasileira.

O que sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a européia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos (FREYRE, 2010, p.69)

Entretanto, a perspectiva de uma sociedade miscigenada não aboliu as desigualdades entre “brancos” e “negros” no Brasil, pelo contrário, de certa forma, acabou contribuindo com a formação de uma sociedade eminentemente racista, mascarada pelo véu da suposta “*democracia racial*”. Segundo, Souza Filho (2007, p.79):

Ao fracasso do projeto eugenista se sobrepôs a poderosa ideologia da democracia racial, na qual a morenidade, como sinônimo das distintas mesclas e da suposta valorização dos nossos tipos raciais, se impôs como marca constitutiva da nossa brasilidade. Tal idealização não ressesemantizou socialmente a velha idéia de diferença que continuou funcionando como equivalente de desigualdade.

Diante disto, em Maracanã, observei nos narradores, lembranças distintas sobre a escravidão, ou melhor, diferentes representações sobre este período. Notei que para alguns narradores não soava de maneira agradável o fato de ser descendentes de escravos ou que a comunidade tenha sido formada a partir da conquista de uma propriedade por antigos cativos. Contudo, outros sujeitos fizeram questão de ressaltar suas origens, falarem na condição de comunidade construída por ex-escravos e valorização de sua cor frente às discriminações proferidas por algumas pessoas de Alegria.

Destacam-se neste tópico alguns relatos de pessoas da comunidade do Maracanã referentes às lembranças desse período. Precisamente, as narrativas das seguintes senhoras: D. Naida Mendes; D. Alice Oliveira Baldez; D. Maria da

Conceição Soares da Cruz, e D.Onorina Algarves Coutinho que (re)construíram suas experiências no tocante ao que ouviram sobre os tempos de escravidão.

Primeiramente, quando conversei com D.Naida Mendes, notei um desconforto por sua parte em discorrer sobre o assunto, salientar suas lembranças dos parentes, de sua infância, lembrar o que seus antepassados diziam a respeito dos tempos da escravidão. De início, ficou em silêncio, pensei em não tocar mais nesta questão, quando de repente argumentou: *“no tempo da escravidão diz que tinha ‘branco’ que mandava surrar preto, eu sempre ouvia eles dizerem que existia isso”*.⁵⁹

D.Naida Mendes nasceu no ano de 1928, menos de cinquenta anos após a abolição da escravatura. Provavelmente, seus antepassados passaram pelas experiências do Maranhão escravagista. No decorrer de sua fala mencionou o falecimento dos pais quando era ainda uma menina, relatando que teve de ser criada pelos parentes, no caso, por um tio e seu avô. A morte dos pais já seria suficiente para não querer recordar a época de sua infância, pois tudo sugere que ao tocar nestes assuntos trazem recordações de momentos muito tristes para a mesma e seus familiares.

As lembranças e representações deste período estão muito vivas em sua memória, principalmente, quando a mesma deixa bem evidenciada quando ouvia dizer dos *“tempos que branco mandava surrar preto”*. A situação descrita por D.Naida Mendes remete ao período de intolerância racial de “brancos” com “negros”. A escravidão lembra opressão, falta de liberdade, inferioridade e a descendência de ex-escravos podem vir acompanhadas pelo sentimento de tristeza. O tempo retratado pela narradora não é apenas o cronológico, mas um tempo carregado de simbologias, de sofrimento, numa oscilação constante de lembrança e esquecimento, na *“fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separando [...] uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil [...] de uma memória coletiva organizada que resume a imagem de uma sociedade majoritária”* (POLLAK, 1989, p.06).

Já D.Alice de Oliveira Baldez, 64 anos. Forneceu-me o seguinte relato:

Alice Oliveira Baldez, 63 anos, minha infância em Maracanã foi muito boa [...] Aqui, que eu consegui tirar meu primário, depois eu fui pra São Luís pro

⁵⁹ Relato concedido em 12/01/2012.

[sic] ginásio e depois casei e voltei pra [sic] trabalhar em Maracanã [...] Antigamente, nós tínhamos uma tranquilidade, nós poderíamos sair de dentro da nossa casa, casinha de porta de buriti, porta feita de tucum, saía dava um laço pro [sic] lado de fora tirava e ía embora pra [sic] festa, dançava até de manhã e quando voltava o laço ainda estava lá [...] Meus pais trabalhavam de lavoura[...] e extração de madeira e sobreviviam disso [...] A educação naquele tempo [...] era um pouco rústica, mas era uma educação que era bem dada e recebida pelos alunos [...] Minha avó me falava sempre que ela era filha de escrava [...] minha avó foi descendente de escravos.

Percebi na conversa com D.Naida Mendes, certo incômodo ao falar desse período, “limitando-se” apenas a dizer que: *“no tempo da escravidão diz que tinha ‘branco’ que mandava surrar preto, eu sempre ouvia eles dizerem que existia isso”*. Já D. Alice Oliveira Baldez faz questão de destacar que: *“Minha avó me falava sempre que ela era filha de escrava [...]minha avó foi descendente de escravos”*. Aqui, se identificam visões distintas sobre um acontecimento em comum para as pessoas da comunidade de Maracanã, no caso, a própria escravidão, ou seja, observa-se entre os seus moradores novamente a oscilação entre esquecimento e lembrança, tristeza e satisfação. Talvez, as recordações de D. Alice, devem-se ao fato desta senhora ter sido professora e, muito provavelmente, ter acompanhado a expansão do discurso de afirmação da identidade étnica, principalmente a partir do início dos anos de 1970. Desse modo, esse recorte da escravidão deva ter contribuído para a lembrança de que Maracanã foi constituída por descendentes de escravos.

Segundo Pereira & Oliveira (2008, p.28):

Os movimentos de afirmação de identidade negra no Brasil só surgem com força política nos anos de 1970, do século XX, demonstrando a juventude dos processos de afirmação de identidade; assim, recaindo apenas posteriormente na construção da identidade dos atuais quilombolas, especialmente dos mais novos, já que para os mais velhos a construção da identidade é outra, a defendida aqui, sem o antagonismo com a escravidão.

Os autores se referem à identidade étnica dos descendentes de um quilombo, o Bananal, localizado no interior do Estado da Bahia. Partem do pressuposto de que a identidade construída pelos negros residentes no referido quilombo é diferente das identidades dos negros fora de lá, *“o negro nascido e criado numa comunidade quilombola parece não ter a lembrança/herança coletiva de ex-escravo ou oprimido, mas, sim, de pessoa”* (PEREIRA & OLIVEIRA, 2008, P.17). Afirmando a partir de trabalhos empíricos que os indivíduos deste quilombo não

se identificam com prisioneiros, ex-cativos, pelo contrário, construíram uma identificação pautada no sentimento de liberdade. Com isto, é percebida nos discursos dos moradores de Bananal uma dicotomia entre o “nós” livre (Bananal) e “eles” cativos (outros negros). Os autores concluem que os negros não residentes no Bananal, na maioria das vezes, internalizaram os discursos produzidos pelos “brancos”, no qual o escravo é sinônimo de inferioridade, de falta de liberdade e opressão.

No caso do Maracanã, de acordo com os narradores, e, também, a partir de outros registros, sobretudo, os documentos do século XIX, não se verifica nada que possa indicar que a referida localidade tenha sido constituída a partir de um quilombo, mas sim, que a terra (propriedade) foi “doada” por um determinado senhor no período da abolição, precisamente, nos fins do século XIX. Existe uma vasta literatura no Brasil sobre as relações entre senhores e seus escravos no período Colonial e Imperial referentes à concessão de objetos, até mesmo terras por parte de senhores a cativos muito próximos, na maioria das vezes estes eram seus filhos considerados “bastardos”, como observa Freyre (2010, p.525):

Ao sentirem-se aproximar-se a morte, pensavam os senhores nos seus bens e escravos em relação com os filhos legítimos seus descendentes; os testamentos acusam a preocupação econômica de perpetuidade patriarcal através dos descendentes legítimos. Mas acusam – às vezes em antagonismo com esse espírito de perpetuidade e de legitimidade – um vivo sentimento cristão de ternura pelos bastardos e pelas negras.

Não se pode concluir – em função da própria dificuldade de documentação referente aquela região nos fins do século XIX – que tenha acontecido algo parecido com Maracanã, pois essa situação na verdade não correspondia regra no Brasil escravagista, mas sim, uma exceção. Muito provavelmente, esta “doação” não tenha sido espontânea, um ato de benevolência deste senhor para com seus cativos. Possivelmente, esses cativos conquistaram a respectiva propriedade a partir de disputas, estratégias e negociações com o referido senhor que, ao que tudo indica, tenha sido o português Antônio Algarves. Recorro novamente ao relato de D.Onorina Algarves, que disse que seu avô:

Era português, seu nome era Antonio Martins Algarves, ele tinha uma fazenda pro [sic] lado da Ribeira. Na época da abolição, ele foi embora, ficando o seu filho Félix Algarves, o qual doou aquelas terras para os escravos (ARAUJO, 2005).

Embora, não tenha encontrado nos registros de batismo da antiga Freguesia de São Joaquim do Bacanga especificamente, o nome dos senhores Antonio Martins Algarves (bisavô) ou mesmo de Felix Algarves (avô) o relato de D. Onorina Algarves Coutinho é muito importante, principalmente, quando complementado com um registro disponibilizado no endereço eletrônico da Biblioteca Nacional⁶⁰ do Rio de Janeiro, precisamente, um mapa da Ilha de São Luís do ano de 1820. Haja vista, que no referido mapa se pode verificar na região do Bacanga, nas proximidades onde se encontra a atual comunidade do Maracanã, a propriedade de um dos membros da família Algarve, neste caso, do senhor José Algarve.

Nos registros de batismos, como será visto no próximo capítulo, o referido nome (Algarves) aparece de forma demasiada o que, por conseguinte, constata sua importância na região de São Joaquim do Bacanga. O registro de 1820 foi o mais antigo referente esta família encontrada neste território. De acordo com a localização do atual do Bairro de Maracanã, muito provavelmente, a propriedade do senhor José Algarve é a mencionada por D. Onorina Algarves Coutinho. Ao que tudo aponta, aquela eram as terras dos antepassados desta senhora. Como pode ser observado no mapa abaixo.

⁶⁰[http://bndigital.bn.br/Biblioteca Virtual da Cartografia do Século XVI ao XIX](http://bndigital.bn.br/BibliotecaVirtualdaCartografiaoSéculoXVIOXIX)
http://consorcio.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=projeto_finep_pr&db=projeto_finep&use=sh&rn=12&disp=card&sort=off&ss=54331361&arg=maranhao. Acesso em: 10 de Janeiro de 2011.



Figura, 02: Mapa da Ilha de São Luiz 1820 em destaque a propriedade de José Algarve.
Fonte: <http://bndigital.bn.br/>

Outro detalhe curioso está relacionado ao sobrenome desta senhora, Algarves Coutinho, nome de origem portuguesa⁶¹. Talvez, seus antepassados tenham sido escravos do mencionado Antonio Martins Algarves que com a abolição – como muitos proprietários – “concedeu” a propriedade aos seus antigos cativos. Aconteceram casos no Brasil escravista, de cativos herdarem o nome dos seus senhores, na verdade, essa era uma exceção à regra. Na maioria dos casos, os escravos nem nome possuíam, pois muitos eram vistos como “coisas”.

⁶¹ Na região, em meados do século XIX, foi instalada uma colônia de portugueses: “a colônia do Arapapá foi fundada em 1854, na freguesia de São Joaquim do Bacanga, com o fim de localizar trabalhadores para o canal que aí se abria. Compunha-se de 368 pessoas” (VIVEIROS, 1992, p. 305).



Figura 03: MAPA DA ILHA DE S.LUIZ DO MARANHÃO - 1820 – Levantada por Antonio Bernadino Pereira do Lago (Coronel do real corpo de engenheiros) Fonte: <http://bndigital.bn.br/>

Em nenhum momento de sua fala é há referência de que seus antepassados tenham sido escravos, ao contrário, salienta que seu avô era

Português (Antônio Algarves) e como se pode constatar no próprio relato, este concedeu as terras, num ato de extrema benevolência e gratidão, para os escravos, não os colocando entre estes. D.Onorina enfatiza que é uma legítima Algarves, provavelmente, referindo-se ao fato de que na comunidade de Alegria, também, existe uma família com mesmo nome. Cabe ressaltar, que a abolição e o regime republicano não significaram formas de cidadania para os ex-escravos,mas ao que tudo indica, estes continuaram a ser vistos na condição de “coisas”, muito provavelmente, deve ter acontecido algo semelhante nas relações entre Maracanã e Alegria por meio do espaço de diferenciações entre “brancos” e “pretos”. A esse respeito, Fernandes (2008, p.29) destaca:

A DESAGREGAÇÃO DO REGIME ESCRAVOCRATA e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistências e garantias que os protegessem na transição para o trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumissem sem encargos especiais, que tivessem por objetos prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho.

No caso, de Maracanã não se pode precisar se os nomes portugueses (Algarves, Coutinho) que contribuíram para a construção desta comunidade sejam oriundos, por exemplo, dos remanescentes da colônia do Arapapai⁶², mas, o destino variado que esses sujeitos tiveram não descarta esta possibilidade. Por exemplo, no relatório apresentado ao presidente da província, Dr. Francisco Xavier Pais Barreto, em 1857, aponta o destino destes sujeitos, sobretudo, no tocante aqueles que ficaram no interior da ilha:

Ao que disse no relatório que apresentei a assembléa legislativa na sessão do anno passado próximo pouco terei a acrescentar relativamente as colônias existentes na província.

As epidemias que atacam a população de algumas delas, a ausência de muitos colonos, e, sobretudo ao pouco interesse que mostravam os empresários pela propriedade das colônias, cuja fundação haviam contratado com o governo, atribuo nenhum desenvolvimento desses estabelecimento.

Colônia do arapapahy. Os colonos a proporção que vão satisfazendo os seus débitos ao governo retirão-se da obra; poucos são ainda os que persistem [...] depois que saldão as suas contas com a fazenda provincial; segundo me informa o director da colonisação tem-se evadido 64 colonos de ambos os sexos sem que tenham satisfeito integralmente suas dividas

⁶²Ver nota anterior.

(RELATORIOS E FALAS DOS PRESIDENTES DA PROVINCIA DO MARANHÃO (APEM): 1857, Livro Nº 007 (manuscrito), fl 18)

Descrevendo a colônia portuguesa, dois decênios após a morte do “sonho”, diz o estudioso César Marques: “*Arapapaí possui uma pequena vila na qual os habitantes vivem na total decadência*” (MARQUES, 1970, p.101). Oferecendo um maior número de dados a esse respeito, também escreve José Ribeiro do Amaral (1897, p.60):

Dos 368 indivíduos, para esta colônia, todos portugueses [...] D’estes colonos, 174 depois de haverem indennizado a fazenda provincial das quantias, que lhe tinham sido adiantadas, rescindiram os contractos, como lhes foi facultado, e estabeleceram-se na cidade e seus arredores, empregando-se em diferentes indústrias; evadiram-se 37, e suppõe-se que cinco regressaram para o seu paiz natal, dirigindo-se uns para o Pará, andando outros a divagar pelo interior da ilha e da província, e falecendo 22, permanecendo na colônia 38, os quaes com o correr do tempo também o abandonaram.

Para Jerônimo de Viveiros (1992, p.265), em sua obra, História do Comercio no Maranhão, o “*canal do Arapapaí passou a ser para o povo maranhense um sonho que o tempo desvaneceu, e para o comercio que lhe manteve as obras uma prova do seu patriotismo*”.

Assim, diferentemente do quilombo do Bananal (talvez, pelo fato de Maracanã não ter sido um quilombo), para alguns moradores da referida comunidade, objeto deste estudo, a escravidão é associada à condição de não liberdade, de repressão, de “coisidade” e, portanto, precisa ser interdita, silenciada e esquecida.

Parece-me que algumas pessoas internalizaram as representações da escravidão construídas pelos “brancos”, no qual os descendentes de cativos são definidos como inferiores, destinados a posições subalternas, em decorrência de sua cor, possivelmente, algumas pessoas não querem associar suas vidas ao passado de escravidão, numa sociedade onde o padrão é o “branco” retratado diariamente pela mídia, nos meios de comunicação, no cotidiano, colocando os negros em condições secundárias, embora, nos últimos anos, os grupos de afirmação étnica estejam tentando modificar essa situação. No caso, do relato, sobretudo, de D. Naida Mendes corresponde, conforme Fernandes (2008), ao período de passagem de uma sociedade de castas regulada pelo modo de produção escravo para a

sociedade de classes inserida no modo de produção capitalista. Desse modo, os embates foram, principalmente, no aspecto cultural através das representações do “negro” construído pelos setores dominantes, ver:

[...] O isolamento do negro e do mulato, através das impulsões econômicas, psicossociais e socioculturais segundo as quais eles foram excluídos ou se excluíram da ordem legalmente institucionalizada da sociedade nacional, representava o modo por que a sua agregação ao regime de classes poderia transcorrer inicialmente. Um agregado justaposto, nada mais que isso. (FERNANDES, 2008, p.77).

Nestas representações da escravidão em Maracanã, percebe-se a existência de uma memória subterrânea (POLLAK, 1989, p.06) para alguns de nossos narradores, numa *“total interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos”*. Assim, o passado, embora, sempre em movimento, para alguns necessita ser silenciado, enquanto para outros precisa a todo instante ser lembrado.

Sobre isto, Pereira & Oliveira (2008, p.25) salientam:

A apropriação do passado é uma das maneiras por que mais nitidamente uma sociedade exhibe sua organização: projeta-se. Toda uma antropologia da significação das relações históricas seria possível a partir da consideração de que o passado é algo que cada cultura convencionou e inventou (transformação estrutural de situação). Assim, na medida em que são sistemas de codificação, cada cultura equipa os homens com uma lente específica, através da qual transparecerá um mundo particular.

Entretanto, a (re) construção do passado não acontece de forma pura, mas sim, sempre ressignificada com os valores do presente, segundo Benjamin (2010) como um artesão, os narradores reconstróem suas experiências no diálogo constante entre presente e passado:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

No caso da identidade étnica, o diálogo entre presente e passado é perpassado pela expansão do discurso de afirmação identitária presenciada desde os anos de 1970, o que de certo modo, parece-me ter contribuído na (re) leitura por

parte de alguns narradores sobre o nascedouro da comunidade do Maracanã. Nesse sentido, como já discutido anteriormente, as experiências do passado podem ser reconstruídas de forma positiva ou negativa pelos narradores, não somente os que passaram por determinadas experiências, mas, sobretudo, aqueles que cresceram ouvindo histórias, pois o tempo da memória é entrecortado por diversos níveis de temporalidades, a saber: *individual, social e histórico*. Por exemplo, muitos sujeitos com mais de 60 anos quando se referem ao governo de Juscelino Kubitschek o caracteriza como “*anos dourados*”, contudo, mesmo os que não viveram nesta época e a conheceram, a partir do que ouviram dos avós ou do que fora lido em livros, reportam-se também a este período de maneira similar que seus ascendentes. A esse respeito, Delgado (2006, p.18) destaca:

[...] a visão do passado não vivido, mas integrado à história de cada pessoa pela inserção na memória coletiva, identifica algumas épocas como sombrias, como fases de perdas e de obscurantismo. Um bom exemplo, são os “anos de chumbo” referentes aos da ditadura militar no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Não foram vividos pela atual geração de jovens brasileiros, mas são por eles identificados como um tempo de sombras. Novamente, a memória social alimenta as imagens do passado, contribuindo para a construção de visões e representações sobre determinado período da história.

É pertinente a assertiva de Pollak (1989) no sentido de que os fatos sociais não podem ser compreendidos apenas como coisas, mas sim, investigativos porque se tornam coisas, pois são construções dos homens em tempo e lugar, assim como a memória e as identidades:

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas. Como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional (POLLAK, 1989, p.02)

Para Pereira & Silva (2008, P.19), “*a etnicidade e a identidade negra são produtos da modernidade e, na última temporada, da globalização, pois que refletem o resgate de raízes perdidas, mas já inseridas no contexto atual*”. No caso dos moradores do Maracanã, não acredito que esta seja a questão, embora, não se

possa negar a influência que a globalização trouxe para os sujeitos sociais, a chamada sociedade em rede, era informacional, sem dúvidas, ampliou os contatos, abriu as “fronteiras” do Maracanã. Hoje, pessoas da comunidade estudam junto com o “*peçoal de Alegria*”, algo impensável, de acordo com os narradores a pouco tempo. Mas, notam-se ainda nos discursos dessas pessoas (Maracanã e Alegria), um pouco de diferenças entre as comunidades por meio de adjetivações que positivamente uns em detrimento dos outros.

Portanto, a identidade não pode ser entendida como algo estático, desse modo, a questão racial que no início definiu as diferenças entre Maracanã e Alegria, parece-me que sofreu algumas mudanças, sobretudo, em função dos discursos de identificação étnica acompanhados recentemente, porém, de alguns elementos do preconceito racial ainda, os quais podem ser visualizados nas referidas localidades por meio das palavras, dos comportamentos, embora, algumas pessoas tenham sido categóricas em afirmar que não existem mais as diferenças. Mas,

As fronteiras e os marcadores étnicos não são imutáveis no tempo e espaço e, em algumas circunstâncias, a despeito de muitas provas de discriminação racial, as pessoas preferem mobilizar outras identidades sociais que lhes parecem compensadoras. Se a identidade étnica não é entendida como essencial, é preciso concebê-la como um processo, afetado pela história e pelas circunstâncias contemporâneas e tanto pela dinâmica local quanto pela global. A identidade étnica pode ser considerada como um recurso, poder que depende do contexto nacional ou regional (SANSONE, 2007, p.12)

Os distintos relatos concedidos por essas senhoras são significativos para o entendimento, também, do movimento das identidades. As narradoras se reconhecem enquanto pertencentes àquele espaço, aos costumes, aos valores, as experiências e vivências construídas ao longo dos tempos. As recordações dos “*tempos que branco mandava surrar preto*” é muito forte para algumas destas, pois remontam a época onde posições sociais eram definidas pela cor da pele, nesta condição, construiu-se o discurso de que “*quanto mais branco melhor, quanto mais claro superior, eis a máxima que vê no branco não só uma cor, mas também, uma qualidade social*” (SCHWARCZ, 1998). Entretanto, como resposta a essa situação, uma das narradoras argumenta: “*a cor não vale, o que importa é o prodicimento, de que adianta ser branco, se não vale o que o gato enterra!*” [(Dona Maria da Conceição Soares da Cruz)].

Em suma, os antepassados destas senhoras tiveram experiências práticas dos tempos da escravidão, o que, provavelmente, foram ouvidas ao longo da infância e, também, materializadas através dos contatos com as pessoas da comunidade de Alegria. Desse modo, em Maracanã estratégias tiveram que ser desenvolvidas para o enfrentamento desta condição. Nesse sentido, o parentesco e as festas dos Santos Reis, sem dúvida, constituíram-se em elementos primordiais para a marcação destas diferenças e, sobretudo, para a própria construção identitária.

4. MARACANÃ: formação de suas relações de parentesco.

*“tudo aqui é uma família [...] maior parte somos parentes [...] porque aqui é família muito grande e tudo [sic] mora pro lado e às vezes é tio, é sobrinho, é avô e avó e assim a gente foi levando a vida [...] só tinha a gente meu filho, por isso acabava casando com os primos”
Delfina Iria do Santos, 84 anos.*

O estudo das relações de parentesco tem sido, ao longo dos anos, um dos principais campos de abordagem para a antropologia, principalmente, a partir dos trabalhos de campo realizado por Bronislaw Malinowski (1962) que analisou o parentesco numa perspectiva sistêmica, funcionalista, ainda com muita influência das interpretações biológicas. Assim, o grande avanço nas pesquisas sobre parentesco se deu em meados do século passado com a publicação dos primeiros trabalhos do estudioso francês Claude Lévi-Strauss. O corte epistemológico provocado por este autor consistiu no fato de romper com as antigas análises que entendiam o parentesco somente pela biologia, por meio dos laços de consanguinidade, dessa maneira, o avanço de Lévi-Strauss consistiu no entendimento destas relações pelo aspecto cultural.

No seu livro, *“As estruturas elementares de parentesco”*, publicado originalmente em 1949, Lévi-Strauss destaca que as ações dos homens devem ser compreendidas a partir da relação natureza e cultura, salienta que a interdição do incesto deve ser entendida por meio da perspectiva cultural e não meramente pelas interpretações da biologia ou por questões de ordem natural, pois *“a proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura, e em certo sentido – conforme tentaremos mostrar – é a própria cultura”* (LEVI-STRAUSS, 2009, p.49).

Em relação ao conceito de estrutura elementar de parentesco, o próprio Lévi-Strauss (2009, p. 15) destaca:

Entendemos por estruturas elementares do parentesco os sistemas nos quais a nomenclatura permite determinar imediatamente o círculo dos parentes e os dos aliados, isto é, o sistema que prescrevem o casamento com um certo tipo de parentes. [...] a expressão “estruturas elementares”, corresponde, neste trabalho, portanto, aquilo que os sociólogos chamam habitualmente de casamento preferencial. Não podemos conservar esta terminologia porque o objeto fundamental deste livro é mostrar que as regras do casamento, a nomenclatura, o sistema de privilégios e das proibições são aspectos inseparáveis de uma mesma realidade, que é a estrutura do sistema considerado...

Destarte, percebem-se as contribuições da antropologia simbólica de Marcel Mauss para os trabalhos de Lévi-Strauss, principalmente, quando este teórico está mais voltado para o entendimento dos “códigos” , ou seja, os valores simbólicos que constituem a “mensagem” do que, propriamente, a “mensagem”. Nesse sentido, para Lévi-Strauss a cultura tem que ser entendida enquanto um sistema assim como a língua, portanto, nesta condição a cultura se caracteriza por suas relações sempre invariantes, definidas pela presença das estruturas – por exemplo, o parentesco, um tipo de estrutura que atravessa os sujeitos independentes de suas vontades. Evidentemente, a riqueza do pensamento de Claude Lévi-Strauss não pode ser esgotada nesta breve introdução e, também, o interesse do trabalho não consiste em analisar a obra deste autor.

Nesta dissertação, analisam-se as relações de parentesco na comunidade do Maracanã, a partir da união dos membros de suas famílias mais antigas, constituídas, predominantemente, por pessoas de pele “negra”. Outrossim, procura-se compreender a formação destes laços sociais, entendendo-os na condição de um dos elementos significativos que definem a identidade entre as pessoas deste lugar.

Para tanto, trabalha-se com o método genealógico que, também, pode ser entendido como uma técnica de pesquisa que facilita o trabalho com as histórias de vida, conforme Gomes (2011, p.60):

O método consiste em entrevistar uma pessoa perguntado-lhe quem são seus parentes tanto consanguíneos quanto por casamento, desde a família nuclear, passando por parentes por adoção ou cerimônias (tipo compadrio), até quando possível se expandir pela memória no tempo e no espaço pela memória do pesquisado

Procedendo dessa maneira, os narradores foram citando ao longo dos relatos os nomes dos seus familiares. Então, a partir deste momento, se procurou junto aos próprios, compreender a estrutura de sua árvore genealógica. As lembranças destas pessoas, em sua maioria, estenderam-se até os nomes de seus avós.

Embora, tenha havido dificuldades na construção desta genealogia – principalmente, relacionados a pouca documentação –, pode-se chegar à constatação de que por meio da união dos nomes salientados pelos narradores, no início, as pessoas que originaram a comunidade do Maracanã buscaram formas de

relações endogâmicas, neste caso, entre os antigos escravos e seus descendentes. Acredita-se que isto aconteceu em decorrência da discriminação que sofreram por serem ex-escravos, uma vez que a abolição não representou para esses sujeitos igualdade social, e sim a continuidade em serem representados como “*coisas*” e não pessoa. Desse modo, as relações endogâmicas podem ser interpretadas como estratégias. Embora, as narrativas não expressem com clareza essa situação, através dos não ditos das práticas discursivas se pode chegar à referida afirmação, por exemplo, no relato de D. Delfina Iria dos Santos: “*só tinha a gente, meu filho, e por isso acabava casando com os primos*”.⁶³

O isolamento a que se refere a respectiva senhora diz respeito às relações de conflito com o “*peçoal*” de Alegria, pois neste período – primeira metade do século passado –, de acordo com os próprios narradores, existia uma clara demarcação dos espaços entre os “*brancos*” e os “*pretos*”. Também, o fato desta senhora salientar que as pessoas casavam com os primos reforça o parentesco, os laços de solidariedade e, uma vez que essas pessoas se considerassem primos devido à consanguinidade era necessário que a estrutura de parentesco já estivesse implantada. Sendo assim, a demarcação de espaço representada por meio das diferenças de cor entre “*brancos*” de Alegria e os “*pretos*” do Maracanã constituiu-se em um dos elementos definidores do binômio “*nós*” e “*eles*” necessários para as marcações identitárias, haja vista que *as “identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela”* (HALL, 2012, p.110)

Desse modo, a organização de sua genealogia aconteceu, sobretudo, por meio do depoimento concedido por D. Maria do Livramento Garcez Meireles, senhora de 57 anos, nascida e criada na referida localidade. Suas lembranças, também, estenderam-se até o nome de sua avó materna, precisamente, a senhora Inês Rosa Meireles, entretanto, através do respectivo registro foi possível realizar a associação dos nomes entre as demais pessoas deste lugar, portanto, D. Inês Rosa Meireles significou para o presente trabalho uma mediadora especialmente importante, como será visto mais adiante, com os nomes mencionados nos demais relatos, pois seus filhos possuem parentescos consangüíneos e por afinidades com os membros das demais famílias.

⁶³Relato concedido em 14/03/ 2004.

Também, acrescentam-se às pesquisas realizadas junto aos livros de batismo da Freguesia de São Joaquim do Bacanga, precisamente, no interstício de 1855 a 1890. Embora, em muitos casos, não tenha sido possível, a montagem de uma relação direta entre os nomes dos antepassados mencionados nas narrativas e os registros, porém, os referidos documentos constataam a existência das famílias salientadas e pertencentes às pessoas da comunidade do Maracanã e, também, de Alegria, tais como: *Algarves, Costa, Coutinho, Garcez, Cruz, Baldez, Barbosa, dentre outros*.

O presente capítulo está subdividido em três tópicos. Primeiramente, analisa-se importância das relações de compadrio entre as pessoas do Maracanã; Em seguida, investigam-se os registros encontrados nos livros de batismos da Freguesia de São Joaquim do Bacanga; E, por fim, a montagem da árvore propriamente dita a partir do relato concedido por Dona Maria do Livramento Garcez Meireles.

4.1 Maracanã: comunidade de compadrios.

As famílias mais antigas encontradas em Maracanã são as seguintes: *Algarves, Coutinho, Pereira, Barbosa, Costa, Santos, Garcês, Cruz e Meireles*. Constatando-se um sistema social composto pela reunião de parentes por consanguinidade e afinidades, sobretudo, com a importância das relações de compadrios entre esses sujeitos. Relações de compadrio que são inter-relacionadas por elementos de cunho sagrado com elementos considerados profanos. Observou-se essas características, principalmente, quando os narradores fazem questão de enfatizar que “*não podem deixar seus filhos serem pagãos*” e, dentro desta lógica, quando mais cedo os filhos forem batizados será melhor para todos. Compreende-se, a referida passagem sob duas perspectivas. Primeiro, o temor de o filho ser considerado “*pagão*”, dessa forma, o mesmo não poderia ser abençoado por Deus e mesmo pelas pessoas da comunidade, e, conseqüentemente a própria comunidade poderia correr o risco, também, de não ser abençoada. Com isto, constata-se o caráter sagrado presente no ato do batizado, pois somente assim se pode montar a aliança com Deus através das relações de compadrio por meio de laços de fidelidade entre os envolvidos. Percebe-se que os acordos feitos entre as pessoas

com a entidade sobrenatural, um santo ou até mesmo o próprio Deus é uma relação de reciprocidade.

Logo, o batismo decorrente destas relações pode ser interpretado como uma necessidade cultural entre as pessoas da comunidade do Maracanã, principalmente segundo seu redimensionamento com as bênçãos, posto haver uma reciprocidade, o padrinho e/ou madrinha tem de abençoar seus afilhados, em contrapartida, estes devem sempre respeitá-los, com isto podem ser presenciados aspectos sagrados nestes acordos. Assim, a relação entre compadres e/ou comadres é sempre horizontal, já entre padrinho/madrinha e afilhado caracteriza-se por sua verticalidade. De acordo Regina Pereira dos Santo Prado (1975, p. 70):

No contexto deste embaralhamento de bem e mal que paira sobre toda a criação 'benção' surge como uma espécie de bússola, instrumento de caráter teleológico para o bem, como também o seria a maldição para o mal. Face ao possível norteamento definitivo para o mal que exerceria a maldição, a benção lhe seria o antídoto preventivo o qual não deixa de incluir, segundo uma lógica interna, a outra face da questão: o seu caráter de resgate corretivo. A vida de cada homem, e dos homens entre si, tem que ser cumulada de bênçãos, como proteção previa e eficaz das boas relações sociais, e da relação homem-mundo.

Segundo, os compadrios, também, são permeados por relações de poder, pois muitas vezes determinada família não tinha condições materiais de criar seus filhos e, dessa forma, a presença do padrinho ou da madrinha era fundamental, de preferência, alguém que pudesse adotá-los, ou melhor, dividir as tarefas com aquela família. Entende-se que as referidas relações, quando analisadas sob este ângulo, possuem um caráter profano. Entretanto, contribuíram para a construção da identidade, pois madrinhas e padrinhos eram escolhidos entre os próprios membros da comunidade do Maracanã, reforçando os laços de pertencimento e de solidariedade entre aquelas pessoas.

Ressalta-se que os compadrios não são constituídos apenas por meio dos batizados, popularmente, conhecido como "*compadres de alma*". Mas também, observou-se entre essas pessoas outras maneiras de constituição destes laços, por exemplo, os chamados "*compadrios de fogueira*" que, na maioria das vezes, acontecem no período das festas juninas. Os narradores contam que o ritual deste tipo de parentesco por adoção (GOMES, 2011) acontece da seguinte forma: primeiramente, acende-se uma fogueira em homenagem aos santos – *Antônio, João e Pedro* –; em seguida, duas pessoas ficam nas suas extremidades, geralmente,

segurando um pedaço de pano ou outro adereço sobre as chamas; e, por fim, dizem algumas palavras ao respectivo santo que, por conseguinte, abençoa a união e a partir de então as referidas pessoas são considerados “compadres” e “comadres” de fogueira. Esse tipo de compadrio é muito característico em comunidades rurais. Também, podem ser verificadas as relações de reciprocidade entre as pessoas (padrinho ou compadre/madrinha ou comadre) e os santos através dos acordos, das promessas e, sobretudo, da fidelidade. A esse respeito, *Regina Pereira dos Santo Prado*, no estudo, realizado com uma comunidade rural do município de Bequimão - Maranhão no início dos anos de 1970, destacou a importância que possuem para os envolvidos, simbolizando integração, pertencimento, solidariedade e, também, marcação identitária. Sublinhando que:

O compadrio de fogueira: se bem que o termo usado seja “padrinho”, “madrinha”, as pessoas nele envolvidas são que se escolhem mutuamente, podendo se dar inclusive entre crianças [...] o compadrio de simples apelação: há muitas pessoas que passam a se tratar de compadres sem que haja um laço ritual formal que sustente, com desejo, porém, de explicar uma amizade forte (PRADO, 1974, p.81)

As relações assim significadas são bastante valorizadas, ainda hoje, entre as pessoas do Maracanã, principalmente, entre os mais velhos, pois os mesmos são tratados com algum respeito, por exemplo, quando perguntava “*se fulano conhecia beltrano?*”, muitas vezes as respostas que obtive eram as seguintes: “*conheço bastante era minha ‘dindinha’(madrinha)*”, “*somos cumpadres de alma*”, “*ele era padrinho meu e dos meus irmãos*”, “*somos compadres de fogueira desde quando nós éramos crianças*”. Embora, os narradores, também, tenham salientado que no passado esse tipo de tratamento fosse mais comum entre as pessoas do Maracanã. Entendem-se estas relações como signos marcadores do comportamento, da postura, do respeito entre as pessoas e, por conseguinte, importante elemento para o sentimento de pertencimento e identidade.

4.2. São Joaquim do Bacanga e suas famílias

Nos registros de batismo da Freguesia de São Joaquim do Bacanga pode ser encontrado alguns nomes, porém, os mesmos não fornecem uma precisão em relação às pessoas do Maracanã, entretanto, possibilitaram alguns apontamentos

relacionados à formação da comunidade. O relato de D. Onorina Algarves Coutinho é bem elucidativo quanto a esta questão, salientando que a “concessão” das terras que deram origem à Maracanã aconteceu no contexto da abolição, quando um senhor, conhecido pelo nome de Antonio Algarves doou as terras para seus antigos escravos. A partir desta afirmação, Algarves foi o primeiro nome que se buscou. Nome encontrado nos registros de batismo e, também, na documentação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro já em 1820, muito anterior a própria Freguesia de São Joaquim do Bacanga⁶⁴. No caso, o documento de 1820 é um mapa da ilha de São Luís, no qual se destaca na região do Bacanga a propriedade do senhor José Algarves (Imagem 02 e 03, páginas 71 e 72) apontando para a importância de sua família para a região. Em relação ao registro de 1855 foram encontrados os seguintes nomes:

Aos vinte dias do mez de novembro de mil oitocentos e cincoenta e cinco, annos, nesta matriz e freguesia de São Joaquim do Bacanga, baptisei solennemente e puz os santos óleos a André, nascido a dez de novembro do anno passado filho natural da mulata Bertoleza, escrava de Joaquim Ignácio Pereira, foram padrinhos. Sivorino, escravo do major Joaquim Maciel Aranha, e Barbosa escrava do alferes João Martins Algarves⁶⁵.

O primeiro registro é referente ao batizado do filho de uma escrava, chamada de Bertoleza, em meados do século XIX, de propriedade do senhor Joaquim Ignácio Pereira, os padrinhos de batismo, também, eram escravos, no caso, Sivorino, do Major Joaquim Maciel Aranha e Barbosa escrava do alferes João Martins Algarves. Cabe ressaltar, que esses compadrios entre escravos não foram uma peculiaridade do Maranhão, pois no trabalho, “*Escavidão, compadrio e família na Província do Paraná: um estudo de trajetórias de famílias de cativas*” (2004), de autoria de Daniele Weigert, são mencionadas relações deste tipo na província do Paraná no século XIX; sustentada em fontes documentais: *registros de casamentos e batismos*, Weigert formulou a hipótese de que os relacionamentos entre cativos e, também, entre livres verificados em cerimônias de batizados ou de casamentos era uma forma encontrada pelos senhores para uma maior socialização entre os escravos. De um lado, para uma dominação mais efetiva por parte dos senhores, do

⁶⁴ A criação da Freguesia de São Joaquim do Bacanga aconteceu em 1835.

⁶⁵ REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1855-1877). Livro Nº 150 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 06. APEM.

outro, para os cativos, pois o fato de possuírem um padrinho livre era uma condição de diferenciação em relações aos demais escravos. Nesse sentido, a própria Weirgert (2004, p.20) destaca:

[...] poderíamos aqui falar em uma identidade cativa em oposição a livre, essa questão pode ser observada nos Registros de Batismo que diferencia os filhos dos cativos (sempre vinculado ao nome dos senhores) em relação aos filhos livres, mas a questão é mais complexa, se observamos que mesmo que o pároco marque a diferença entre livres e escravos, e que realmente ela existia, a quantidade de pessoas livres escolhidas para compadre de escravos pode sugerir que esses cativos queriam se desvincular da identificação enquanto escravo, se vinculando a pessoas livres.

E, acrescenta:

A família escrava, por meio de varias manobras, buscava a aliança pelo parentesco, e ser parente significou para o cativo não ser apenas escravo; o papel que desempenharam pela maternidade e paternidade ou pelo compadrio significou ser reconhecido como parente e fazer parte de uma rede de pertencimento. Mesmo que para a família senhorial os vínculos estabelecidos pelo compadrio com os seus escravos pudessem representar um reforço do domínio senhorial; para os escravos estes vínculos com a família do senhor poderia ser uma estratégia para melhorar sua condição, tendo em vista o significado do compadrio enquanto aliança e proteção.

No caso do registro de batismo da escrava Bertoleza, não se pode precisar que se tratava de uma relação de socialização entre os escravos, pelo fato, dos seus padrinhos também serem cativos, entretanto, a possibilidade de reforço do domínio senhorial no território de São Joaquim do Bacanga a partir do envolvimento entre as famílias dos Pereira e dos Algarves não pode ser descartada, uma vez que as relações de compadrio presenciadas foram entre senhores diferentes. Ao longo dos registros, pode-se confirmar a importância dos Algarves, principalmente, em virtude da frequência com que este nome aparece nos documentos como, por exemplo, nos registros de 1887:

Aos dois dias do mes de outubro de mil oitocentos e oitenta e sete, nesta Freguesia de São Joaquim do Bacanga, baptisei e puz os santos oleos a Adolpho, filho natural de Theresa de Jesus Algarve, nascido em treze de dezembro do anno passado, sendo padrinhos Aristeves Algarves dos Santos e Maria Benedicta Algarve.⁶⁶

⁶⁶REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 03. APEM

No caso, o registro não se refere ao batizado de um escravo, mas sim, de pessoa livre, precisamente, Adolpho, filho natural de Theresa de Jesus Algarves. Diferentemente, do registro anterior, as relações de compadrio se concentraram nos membros da própria família Algarves. Situação semelhante pode ser verificada no documento de 1889, porém, agora com a família Garcez referente ao batizado de Faustino, essas relações ficaram a cargo dos membros desta família. Talvez, esta condição seja decorrente do prestígio destas pessoas, sugerindo que o parentesco se restringisse apenas a seus familiares:

Aos doze de maio de 1889, no mesmo oratório e com licença retroferida, baptisei o innocente – Faustino – nascido em quinze de fevereiro deste anno, filho legitimo de José Marianno Garcez e Maria Salomé da Costa Garcez. Foram padrinhos: Luiz Antonio Garcez, e D. Rosa Amélia Garcez⁶⁷.

Nos demais registros, ainda foi possível, encontrar outros nomes, tais como: Costa, Barbosa, Cruz e Santos. Também, os documentos são referentes os batizados de pessoas livres, porém, diferentemente do que se observou no caso dos Algarves e dos Garcez, nos demais se tem registros da socialização entre as famílias por meio dos compadrios, como constam nos seguintes documentos:

Aos dezenove de novembro de mil oitocentos e oitenta e dois, no mesmo oratório e com licença retroferida, baptisei solennemente a inocente – Petroninha – nascida na Freguesia de São Joaquim do Bacanga em trinta de maio de mil oitocentos e oitenta e um, filho legitimo de Francisco Firmino Barbosa e Dona Catharina Rosa de Assumpção Barbosa; foram padrinhos: Felicíssimo Antonio Costa e Leandra Joaquina Rodrigues⁶⁸.

Aos nove de fevereiro, no oratório do sitio “alegre”, freguesia de São Joaquim do Bacanga, com licença do Exmo RmoSr Bispo Diocesano, baptisei Paula – filha natural de Angelina Rosa da Cruz, nascida a 29 de junho de 1889. Foram padrinhos: Marcollino José Sanchez, e Dionizia Maria da Cruz⁶⁹.

Aos vinte e cinco dias do mes de dezembro de mil oitocentos e oitenta e sete, nesta Freguesia de São Joaquim do Bacanga, baptisei e puz os santos oleos a Josepha filha legitima de Hermenegildo José Pereira e Maria dos Praseres Mendes Pereira, nascida em dezoito de setembro do anno

⁶⁷ REGISTRO DE BATIZADO E CASAMENTOS DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA: ORCTORIO SITIO SANCTO ALEGRE (1881/1890). Livro nº 180. Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 29. APEM.

⁶⁸ REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1855-1877). Livro Nº 150 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 06. APEM.

⁶⁹ REGISTRO DE BATIZADO E CASAMENTOS DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA: ORCTORIO SITIO SANCTO ALEGRE (1881/1890). Livro nº 180. Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 30. APEM.

passado, sendo padrinhos Cyro Antonio da Costa e Marcellina Joaquina dos Santos. Para constar, fiz este assento, que assigno no impedimento do vigário.⁷⁰

Aos vinte e cinco dias do mes de Agosto de mil oitocentos e oitenta e nove, na Igreja matriz desta Freguesia, o reverendo frei Caetano de Sannta Ritta Serejo, em necessaria licença, baptisei e puz os santos oleos a Simplicia, nascida a dois de abril do corrente anno, filha de, Jozinna Francisca de Jesus, sendo padrinhos Firmino Pantalião Barbosa e Ignes Emilianna Barbosa. Para constar fiz este termo que assigno no impedimento do vigário.⁷¹

Como mencionado, nos registros seguintes, não constam nomes de escravos, apenas de pessoas livres, aparecendo alguns nomes de famílias encontradas em Maracanã, no caso, dos registros de 1882 constam os nomes dos Barbosa e de Cruz, além dos padrinhos, onde consta o nome de Felicíssimo Antonio Costa e Leandra Joaquina Rodrigues. Também, pode-se observar nos documentos de 1887 e 1889 as referências, novamente, aos Costa e aos Barbosa. Não se pode precisar se esses sujeitos foram os parentes diretos ou os senhores dos escravos que deram origem a comunidade do Maracanã, entretanto, a existência dos respectivos nomes, no mínimo, aponta para que estes sujeitos tenham sido os senhores, pois segundo a memória dos narradores, nos primórdios do Maracanã estavam as famílias Algarves, Coutinho, Barbosa, Costa, Pereira, Garcez, Santos e Meireles.

E, por fim, têm-se registros de mil oitocentos e oitenta e nove, legalmente, incluídos no período pós-escravidão, aparecem nestes documentos os nomes das famílias Cruz, Garcez e novamente Costa, no caso, destes últimos as celebrações já não aconteceram na Igreja de São Joaquim do Bacanga, mas, no sitio “Alegre”, provavelmente, seria uma propriedade particular. Desse modo, os referidos nomes sugerem que estes senhores tenham sido proprietários de cativos ou que possuíam bastante prestígio na região pelo fato do batizado acontecer em uma propriedade privada.

Os narradores contam que no passado os batizados⁷² eram realizados na Igreja de São Joaquim, geralmente, no período de festividades religiosas, principalmente, nas festas em homenagem ao próprio São Joaquim, quando era

⁷⁰REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 04. APEM

⁷¹REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 10. APEM

⁷²Os registros de batismo das pessoas do Maracanã no período de 1900 a 1940 podem ser encontrados na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no bairro do Anil.

enviado um padre para que, de forma coletiva, realizasse o sacramento para todos os presentes.

As desobrigas (hoje quase em desuso) eram visitas que os missionários faziam, em princípio a cada ano, aos locais mais remotos do sertão, levando os sacramentos às populações que não dispunham de assistência religiosa regular, devido ao próprio isolamento em que viviam ou ausência de padre na região. O nome desobriga refere-se ao antigo preceito da Igreja de que o católico é obrigado, ao menos uma vez por ano, a confessar-se e comungar. Nas desobrigas, além de celebrar missa, o padre fazia confissões, batizados e casamentos em grande quantidade (MONTENEGRO, 2010, p.72).

Cabe ressaltar, a frequência de outro nome que aparece ao longo dos documentos, no caso, a família dos Baldez. A mesma é considerada uma das mais tradicionais da comunidade de Alegria, pois é difícil encontrar entre os mais antigos desta localidade uma pessoa que não tenha nenhuma relação de parentesco com os membros desta família; D. Alice de Oliveira Baldez, nascida e criada em Maracanã, contou-me que “*não tem nenhuma relação do seu nome Baldez com os encontrados na Alegria*”⁷³. É pouco provável que não exista alguma relação, haja vista que não se pode descartar o fato dos antepassados desta senhora terem sido cativos de alguém da família em questão, uma vez que segundo a própria narradora “*minha avó foi escrava*”⁷⁴, dessa forma, sua avó poderia ter “herdado” o nome do seu senhor. Contudo, estas questões no presente texto ficam na condição de apontamentos para estudos posteriores.

As considerações de D. Alice são muito relevantes para a compreensão das disputas entre Maracanã e Alegria e, sobretudo, para o entendimento da constituição das relações de parentesco entre as pessoas da comunidade objeto de estudo. Posto, que a família dos Baldez, segundo os narradores, era constituída de pessoas com muitos bens (terras, canoas) tanto que fazem questão de enfatizar que seus filhos nasceram na maternidade e estudaram na cidade de São Luís, provavelmente, entre os seus bens no passado tivessem escravos. Caso semelhante, também, pode ser observado entre os Algarves das duas localidades, quando D. Zeneide Algarves Gonçalves, 70 anos, nascida e criada, na comunidade de Alegria, ressalva: “*Nasci e me criei aqui nesse pedaço de chão, não tenho*

⁷³ Relato concedido em 12/01/2010.

⁷⁴ Relato concedido em 12/01/2010.

nenhum parentesco, pelo menos, que eu saiba com os Algarves de Maracanã”.⁷⁵ Embora, no presente trabalho não se possa precisar se os antepassados desta senhora tenham sido os senhores dos Algarves encontrados em Maracanã, porém, o referido embate confirma que as disputas entre Maracanã e Alegria são resultantes históricos sociais do período escravista. Pois, o nome Algarves aparece com frequência nos registros da Freguesia de São Joaquim do Bacanga, apontando para a importância desta família naquela região. O mesmo raciocínio pode ser atribuído aos membros da família Baldez, uma vez que os primeiros registros referentes à existência deste nome na região do Bacanga constam desde o século XVIII, segundo César Augusto Marques (1970, p.101) em seu *Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão*:

Com a denominação de Ibacanga, encontramos um requerimento em que Antonio Baldez da Silva pediu à Câmara terrenos na margem do rio que vai desta cidade para o porto do Ibacanga. A Câmara concedeu-lhe com o mesmo nome, em 4 de dezembro de 1741

Ao longo dos registros de batismos se observou bastante o aparecimento do nome Baldez, precisamente, em todos os livros disponíveis para pesquisa, confirmando, também, a importância desta família em São Joaquim do Bacanga. Como pode ser verificado nos documento de 1887/1890:

Aos dezenove dias do mês de junho de mil oitocentos e oitenta e sete, nesta Freguesia de São Joaquim do Bacanga baptisei e puz os santos oleos a Paulo, filho legitimo de Fernando Pereira da Silva e Olympia Annuniação [...] nascido em oito de janeiro do anno passado, sendo padrinhos Estevão Antonio Baldez e Maria Marginalessa, para constar fiz este assento, que assigno no impedimento do vigário⁷⁶.

Aos vinte e quatro dias dom mes de julho de mil oitocentos e oitenta e sete, nesta Freguesia de São Joaquim do Bacanga, baptisei e pus os santos oleos a Dionisia, filha natural de Ritta Joaquina Baldez, nascida em vinte e seis de agosto do anno passado, sendo padrinhos José Martins da Silva e Adelia Joaquina Baldez. Para constar fiz este assento, que assigno no impedimento do vigário.⁷⁷

Aos dois dias do mes de outubro de mil oitocentos e oitenta e sete, nesta Freguesia de São Joaquim do Bacanga baptisei e puz os santos oleos a Raimundo, filho natural de Raimundo da Rosa [ilegível], nascido em julho do

⁷⁵ Relato concedido em 03/03/2012.

⁷⁶REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 02. APEM

⁷⁷REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 03. APEM

anno passado, sendo padrinhos Simpliciano Baldez e Elycia Rosa Baldez. Para constar fiz este assento, que assigno no impedimento do vigário.⁷⁸

Aos vinte e nove dias de janeiro de mil oitocentos e oitenta e oito, na Igreja matriz desta Freguesia, baptisei e puz os santos oleos a Victorina, filha de Martinha Rosa Vieira, nascida em novembro de mil oitocentos e oitenta e dois, sendo padrinhos Alfredo Antonio Baldez e Laura Leopoldina Baldez. Para constar fiz este assento, que assigno no impedimento do vigário.⁷⁹

Aos quatro dias do mes de outubro de mil oitocentos e oitenta e oito, na Igreja matriz desta Freguesia, baptisei e puz os santos oleos a Lourenço, filho de Margarida Francisca Baldez, nascido a dez de agosto deste anno, sendo padrinhos Antonio Raymundo Leitão e Amalia Rosa da Silva. Para constar fiz este assento, que assigno no impedimento do vigário.⁸⁰

Aos vinte e seis dias do mes de dezembro de mil oitocentos e oitenta e oito, na Igreja matriz desta Freguesia, baptisei e puz os santos oleos a Anastácio, filho legitimo lyjianna Rosa Magalhães, com dezesseis meses de idade, sendo padrinhos Raymundo Marcellino de Macedo e Ritta Joaquina Baldez. Para constar fiz este termo que assigno no impedimento do vigário.⁸¹

Assim, como nos demais registros não se pode precisar se esses Baldez foram parentes diretos dos que são encontrados, principalmente, entre as pessoas de Alegria. Entretanto, os documentos apontam para o destaque desta família para a região, sobretudo, no tocante aos seus bens. No relato de D. Matilde Neta Baldez Ventura essa condição é indicada:

Quando eu era menina sempre ouvia meu avô dizer que não era pra emprestar a canoa para os pretos de Maracanã, porque eles não devolviam, naquele tempo não tinha estrada de terra como hoje, nesse tempo o caminho era pela travessia do rio Bacanga até o porto que tinha na Madre Deus⁸²

Nesse sentido, quando Maria Michol (1995, p.30) afirma que a comunidade do Maracanã surgiu com a abolição a partir da reunião de famílias que foram residir nesta localidade, discurso este, também, sustentado pelos narradores, parece-me ser comprovado que os atritos e a não aceitação dos parentescos entre

⁷⁸REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 04. APEM

⁷⁹REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 05. APEM

⁸⁰REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 05. APEM

⁸¹REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão, fl 09. APEM

⁸² Relato concedido em 10/03/ 2012.

as pessoas das duas localidades sejam decorrências do período escravista. Talvez, existiam diferenças entre senhores e/ou escravos no sentido de que os Algarves e os Baldez de Alegria pudessem se unir com os do Maracanã. Nessa perspectiva, concordo com Max Weber (1991, p.26):

Nem sempre o fato de algumas pessoas terem em comum determinadas qualidades ou determinado comportamento ou se encontrarem na mesma situação implica uma relação comunitária [...]. Pode ocorrer que devido a limitação do commercium e connubium imposta pelo mundo circundante, cheguem a encontrar-se numa situação homogênea, isolada diante deste mundo circundante. Mas, mesmo que reajam de maneira homogênea a essa situação, isto ainda não constitui uma relação comunitária; tampouco esta se produz pelo simples 'sentimento' da situação comum e das respectivas conseqüências.

O parentesco, também, consistiu em um elemento de afirmação para as pessoas do Maracanã frente aos conflitos com as de Alegria ou, muito provavelmente, membros da família Baldez. Apesar de considerarmos complicado se pensar as relações sociais por meio de polarizações, embora, as mesmas como percebidas nos relatos existissem – ou ainda existem, especialmente, no tocante aos reisados, como será visto no próximo capítulo –, sem dúvida, também, existiram zonas de contato, mesmo que os referidos contatos apenas tenham reforçado as disputas entre as pessoas, segundo consta: nos reisados, nos jogos de futebol e até mesmo no “empréstimo” de canoas. O episódio do “empréstimo” das canoas mencionado no relato de D. Matilde Neta Baldez sugere duas questões. Primeiro: o fato da família dos Baldez possuir canoas e poder emprestá-las a outras pessoas, evidentemente, aponta o poder aquisitivo dos seus membros, sobretudo, numa época em que aquela região tinha como base de sustentação as atividades agrícolas, predominantemente, de acordo com os relatos, voltadas para a subsistência. E, segundo: o fato do não “empréstimo” para os “pretos” de Maracanã indica que estes eram vistos com desprezo pelos Baldez, construindo-se com isso uma representação das pessoas do Maracanã como imorais e indisciplinados. Essa construção não é uma peculiaridade das pessoas de Alegria, mas sim, uma resultante da sociedade escravagista, sobretudo, na crítica ao negro no período pós-abolição.

[...] depois da Abolição o preconceito foi redefinido socialmente num duplo sentido: não só formalmente, cor e condição social não correspondiam mais à mesma e irremissível situação de casta dos escravos, como negro livre

passou a frustrar mais generalizadamente as expectativas dos brancos e, mais tarde, a ameaçar a exclusividade das posições sociais por ele mantidas. A partir deste momento começa realmente o 'problema do negro': o preconceito muda de conteúdo significativo e de funções sociais [...] De um momento para o outro, o negro – que fora o sustentáculo exclusivo do trabalho escravo – para a ser representado como ocioso, por ser negro, e assim por diante (CARDOSO, 2003, p. 317/318).

4.3. Maracanã e sua genealogia.

A construção da genealogia da comunidade de Maracanã foi bastante complicada em virtude da pouca documentação referente ao período. Embora, com a utilização do método genealógico, as lembranças dos narradores em sua maioria se estenderam, por exemplo, até os nomes de seus avós. Muitos não chegaram nem a conhecê-los ou quando muito tinham apenas uma referência pela linhagem materna ou paterna. Desse modo, o depoimento de D. Maria do Livramento Garcez Meireles foi central para as ligações entre as famílias, embora, o recuo feito pela referida senhora tenha se estendido, também, até o nome de sua avó materna. A questão atribuída a importância de seu relato foi à longevidade, sobretudo, de sua tia, D. Mercedes Meireles que viveu mais de cem anos e tendo falecido a menos de quinze . Nesse sentido, por meio do nome de sua mãe e tias se pode montar, na medida do possível, a árvore genealógica da comunidade, embora, seja consciente que muitas lacunas precisam ser preenchidas para um melhor entendimento da construção da própria localidade.

D. Maria do Livramento Garcez Meireles, assim como muitas pessoas do Maracanã, na infância trabalhou na roça, nas plantações, cujo primeiro objetivo estava voltado à própria subsistência da família, o excedente era utilizado em permutas com os comerciantes da região ou negociado nos pontos comerciais de São Luís, ou seja, nos bairros do Desterro, João Paulo, Madre Deus, Praia Grande. Em seguida, com a instalação do Distrito Industrial de São Luís (DISAL) nos anos de 1970 nas proximidades do Maracanã, também, juntamente com outras pessoas desta comunidade foi ser mão de obra nas fábricas, com uma rotina de atividades totalmente diferentes daquelas que tinha vivenciado ao longo de sua infância e adolescência.

Meu nome é Maria do Livramento Garcez Meireles, tenho 57 anos, sou nascida e criada em Maracanã. Minha Mãe era Libania Garcez Meireles e o meu pai Raimundo Costa, chamado de Raimundo “grosso”, era primo de Zé Costa [membro de umas famílias que deram origem a comunidade][...] porque ele era um homem muito duro, as coisas tinham que ser serias com ele, porque senão acabava apanhando, não tinha essa de desrespeitar ele porque já sabia o que acontecia! [...] ele tinha um cavaquinho, gostava de tomar as cachaças dele e tocar o cavaquinho, o ritmo era o chorinho sempre nos finais de semana [...] o trabalho era na roça, todos nós tinha [sic] que ir, meus pais tiveram 17 filhos, muitos morreram ainda pequenos [...] naquele tempo era difícil hospital, tinha que atravessar o rio Bacanga, as coisas eram difíceis [...] hoje só tem cinco filho vivo [sic], Dalgiza que morava pro lado do São Bernardo⁸³ e agora tá morando de novo no Maracanã, Valdir que mora no Maracujá⁸⁴, Dolores que mora a muitos anos no bairro de Fátima⁸⁵ e Francisco que mora pro lado do centro⁸⁶, os outros já morreram, o último foi Abmael que morava no São Cristóvão⁸⁷, mas sempre vinha visitar mamãe, todo dia de manhã ele ficava na parada perto da feira do São Cristóvão para conferir os carros, nunca entendi porque ele fazia isso, a gente chamava ele de “*bieca*”, os filhos dele moram tudo pras bandas do São Cristóvão, ali perto da garagem da transbrasiliana⁸⁸[...] muitos irmãos não conheci, morreram antes, lembro de Gracinha que morreu nos anos 70 no clube e Arcelino que tava bêbado e foi pular no “pontilhão”⁸⁹[...] meu pai morreu em 1970 e mamãe em 1996 [...] mamãe trabalhava na roça, como todo o pessoal de Maracanã, nas festas de reis ou do boi ela era uma das cozinheiras, com as “comadres” dela, tia Naíde (Dona Naida), tia nonoca (D. Onorina Algarves Coutinho) e outras que moravam no Maracanã, ela gostava de mascar o fumo dela, quando o comer era peixe, ela se sentava no chão para comer o pilão, gostava do peixe cozido e botava farinha, varria o quintal com cachos de juçareira [...] não conheci minha avó, minha mãe falava que o nome da mãe dela era Inês Rosa Meireles, teve três filhas, minha mãe, titia Otacília, chamada de “estancirria” e titia Mercedes [...] titia “estancirria” morreu primeiro nos anos 80, depois foi mamãe em 96, a mais velha era titia Mercedes morreu no final dos anos 90 com mais de cem anos, ela morava no sítio grande que tem bem na entrada de Maracanã, cheio de frutas, Muita juçara, esse sítio minha mãe falava que era da mãe dela [...] continuo (atualmente está morando no São Cristóvão) indo ao Maracanã quando tem a festa de reis, não perco nenhum ano, tanto o reis “rico” quanto o reis “pobre”[...]No Maracanã antigamente tinha até escola de samba, o pessoal sempre gostou de fazer festa [...] não gosto do reis de Alegria, o pessoal dali são tudo metido, só querem ser...⁹⁰

A reconstrução do “*Maracanã de antigamente*” realizado por D. Maria do Livramento Garcez Meireles está em sintonia com as descrições dos demais narradores, ou seja, comunidade agrícola, com trabalhos desempenhados por

⁸³ Bairro de São Luís do Maranhão.

⁸⁴ Comunidade tradicional próxima de Maracanã.

⁸⁵ Bairro de São Luís.

⁸⁶ Centro de São Luís.

⁸⁷ Bairro de São Luís.

⁸⁸ Empresa de Goiânia que faz transporte interestadual cuja garagem em São Luís fica no referido bairro.

⁸⁹ Um dos rios da região de Maracanã, sobre o mesmo passa a linha férrea da antiga REFESA, ainda hoje, muitas pessoas sobem nos trilhos para saltarem neste rio, porém, o “pontilhão” se encontra, assim como os demais da região, no estado de assoreamento.

⁹⁰ Relato concedido em 10/01/2012.

homens e mulheres e, sobretudo, o sentimento de integração e solidariedade presenciado, principalmente, nos períodos de suas festividades, uma vez que em seu relato fez questão de enfatizar que mesmo não residindo no Maracanã, “*não perde a festa de reis, tanto o ‘rico’ como o ‘pobre’*”.

Assim, D. Maria do Livramento destacou que o nome de sua mãe era Libania Rosa Meireles, nascida em 1917, era a caçula de três irmãs, sendo que a mais velha, Mercedes, faleceu no final dos anos noventa com mais de cem anos. Embora, não se possa afirmar com exatidão a data de nascimento de sua avó, D. Inês Rosa Meireles, ao que tudo indica, aconteceu no interstício de 1870 a 1880 e, levando-se em consideração o fato de sua família ser constituída por pessoas de pele negra, provavelmente, D. Inês Rosa Meireles e seus antepassados teriam sido escravos. Então, os nomes que compõem a referida árvore genealógica foram organizados de três maneiras: primeiramente, os nomes que estão fora do parêntese correspondem aos pais. Segundo, os nomes que estão em itálico dentro dos parênteses correspondem aos filhos. E, por fim, os nomes que estão em negrito são referentes às famílias que originaram a comunidade.

Inês Rosa **Meireles** teve os seguintes filhos: Otacilia (*Pedro, Abel e Juliana*), Libania(*Euza, Dalgiza, Dolores, Maria do Livramento, Abimael, Valdir, Francisco, Arcelino e Maria das Graças,...*) e Mercedes (*João Meireles, Quirina e Crotilde*)

Euzébia Santos **Algarves** teve como sua filha Nilza⁹¹ (*José Raimundo, Fátima e Esmeralda*)

Maurícia **Algarves Coutinho**⁹² era a mãe de (*Onorina**Algarves Coutinho***).

Maria Venânciada **Cruz** era mãe de Paula Soares da Cruz (*Maria da Conceição Soares da Cruz*⁹³, *Gracy da Conceição Soares da Cruz,...*),

Balbina F. dos **Santos** teve como filha Patrocinha (*Marlene Jansem Pereira*⁹⁴, *Julia, Ana, Maria de Jesus, Maria do Socorro, Afonso e Augusto*)

Suzana **Pereira** que por sua vez era mãe de [...] que teve como filhos (*Alice Oliveira Baldez*⁹⁵, *Alcenira, Aliete, Albanira, Alberto e Alban*)

⁹¹Contam que era muito requisitada, também, para a cura de enfermidades por meio de “benzimentos” e trabalhos com ervas.

⁹²D. Maurícia era conhecida na comunidade como “Tia Iça” foi quem organizou o reisado em Maracanã.

⁹³ Parteira.

⁹⁴Professora.

Lucinda **Coutinho** mãe de Jocelina Coutinho de Oliveira (*Berenice Coutinho de Oliveira*⁹⁶,...)

Agripino era marido de Dona Naida Mendes⁹⁷(*Alda, Aderson, Arlindo e Albani*)

D. Mercedes Meireles teve como meio irmãos, por parte de pai, Agripino (*Alda, Aderson, Arlindo e Albani*) e Nilza (*José Raimundo, Fátima e Esmeralda*). Nilza, como já observado, era filha de Euzébia Santos Algarves que era prima por afinidades de D. Mauricia **Algarves Coutinho**.

D. Mercedes **Meireles** era prima de D. Maria Venânciada **Cruz** que, por sua vez, era prima de D. Balbina F. dos **Santos**, e, esta senhora era de D. Suzana **Pereira**. O marido de D. Libania, Raimundo **Costa**, por seu lado, era primo dos membros da família **Costa** e dos **Barbosas**. A título de ilustração, um dos membros da família Barbosa que é muito conhecido no meio da cultura popular e, também, muito respeitado entre as pessoas do Maracanã é o Senhor *Humberto Barbosa*, 73 anos, amo⁹⁸ do boi, popularmente conhecido pela alcunha de Humberto de Maracanã.

Desse modo, por meio das narrativas e dos registros encontrados nos livros de batismo de São Joaquim do Bacanga se montou a árvore a partir destes nomes: *Algarves, Coutinho, Costa, Pereira, Barbosa, Meireles, Garcez, Cruz, Santos*. Haja vista, que seus descendentes são encontrados ainda entre as pessoas do Maracanã. Portanto, as relações de parentesco tanto por consanguinidade e, também, por laços de solidariedade são observados no envolvimento destas famílias. Ou seja, as relações endogâmicas, salientadas no início, desenvolvidas pelos membros destas famílias, por exemplo, o nome de D. Onorina Algarves Coutinho é decorrente da união entre pessoas das famílias dos Algarves com pessoas dos Coutinho.

No tocante a consangüinidade pode ser observada uma grande presença de meios irmãos, por exemplo, Mercedes, Agripino e Nilza são irmãos por linhagem paterna, seus filhos são primos de primeiro grau. Entretanto, Mercedes, também, era irmã de Libânia e Otacila. Neste caso, os filhos de Mercedes (João, Quirina e

⁹⁵Professora.

⁹⁶ Responsável pelo reisado.

⁹⁷Cozinheira das festas de reis e do boi.

⁹⁸ “Chefe do conjunto. O principal cantor. Na representação é o proprietário da fazenda. Geralmente é vivido pelo dono da brincadeira” (NETO, 2003, p.123). Este ano Humberto está completando 40 anos à frente do boi do Maracanã.

Crotildes), são primos de primeiro grau com os de suas irmãs (Libânia e Otacília), porém, os filhos de Agripino (*Alda, Aderson, Arlindo e Albani*) são parentes por afinidades dos filhos das irmãs de Mercedes. Percebe-se nessas relações que os meios irmão foram sempre por parte de pai, indicando muitos casos de relações extraconjugais. Contam que o fato dos homens terem filhos com várias mulheres, às vezes até com as próprias cunhadas, era uma prática comum em Maracanã. A esse respeito D. Marlene Jansem Pereira ressalva que:

Em Maracanã existia poucos homens, por exemplo, eu tenho uma irmã, um daqueles parentes nossos tinha filho comigo e minha irmã e tinha com as outras primas e aí foi se formando os laços sanguíneos, por isso que hoje em dia Maracanã é laços sanguíneos porque era parente casando com parente e parente tendo filho com parente. não tinha casamento com gente de Alegria (hoje já tem)⁹⁹

Muitas relações foram entre parentes por afinidades, embora, não se tenha registros mais elucidativos para essas questões. Entretanto, contam que as relações de afinidades eram constituídas, sobretudo, através dos compadrios (de alma, fogueira, dentre outros), pois como pode se verificar por meio dos seguintes casos: D. Libânia Rosa Garcez era comadre de D. Naida Mendes que, por sua vez, também era comadre de D. Mercedes Meireles, esta senhora já era de D. Balbina dos Santos e assim por diante. Com isto, seus filhos são considerados parentes por afinidades, pois acabavam pedindo/tomando a bênção para as respectivas senhoras.

No tocante as bênçãos, ainda são possíveis, se presenciarmos no Maracanã as pessoas pedindo – caráter sagrado presente nas relações de compadrio e, também, no próprio parentesco – mesmo para aqueles sujeitos que não são seus parentes consanguíneos, ou até mesmo seus padrinhos ou madrinhas. Isto acontece em virtude da afinidade construída entre essas pessoas ao longo dos anos. Casos como estes acontecem, por exemplo, quando João tem por padrinho e/ou madrinha “Pedro e “Maria” e seu irmão Paulo, por sua vez, tem como padrinho e/ou madrinha “Afonso” e “Juliana”, teoricamente João não pediria a bênção para “Afonso” e “Juliana”, porém, isto não acontece, mesmo não sendo afilhado destas pessoas, João pedirá à bênção o que reforça o parentesco por relações de afinidades e desenvolvimento de laços de solidariedade entre as famílias.

⁹⁹ Relato concedido em 12 /01/2010.

Localidade caracterizada pelas relações patriarcais, como verificados ao longo dos relatos, os narradores sempre se remetem ao pai com muito respeito e, também, com certo “medo”. A situação descrita, por exemplo, por D. Maria do Livramento no seu relacionamento com o pai, chamado de Raimundo “grosso”, é um dos casos bem típicos que aconteciam entre as pessoas do Maracanã. Na verdade, esta não é uma peculiaridade das pessoas do Maracanã, nesta localidade apenas se reproduziu o modelo de sociedade patriarcal presenciada em grande parte do território nacional.

Os narradores salientaram que a maioria das pessoas não eram casadas formalmente, ou seja, no civil ou no religioso. Mas sim, por meio de relações que chamam de “*amigadas*” ou “*amancebados*” o que logicamente não invalida os votos de união. Um detalhe importante é o mencionado no final do relato de D. Marlene Janssem Pereira onde afirma que “*não tinha casamento com a gente de Alegria*”. Provavelmente, em virtude das questões de cor, pois já que as pessoas de Alegria não queriam ser enterradas no Maracanã, não necessitavam dos serviços das “*parteiras*”, “*benzedeiras*”, “*curandeiros*”, também, não queriam contrair matrimônio com esses sujeitos. Uma vez que as relações polarizadas entre os “brancos” e os “negros” estavam definidas.

Portanto, entende-se que as relações de parentesco em Maracanã constituem-se em um dos elementos principais para a marcação identitária destes sujeitos, sobretudo, porque estas envolvem noções de pertencimento, solidariedade e de integração. Relações estas que surgiram como estratégias diante às discriminações raciais desferidas pelos moradores de Alegria e o que, também, possibilitou a identificação entre essas pessoas a partir das diferenças entre “brancos” e “pretos”.

5. “AONDE O REIS É BOM? É NO MARACANÃ”: somos de Maracanã.

“A festa é tradicional, secular, desde que eu me entendi já tinha”

Roberto Carlos Costa, 46 anos.

“Eu acompanho o reis todos os anos, já fui até rainha [...] eu tinha uma faixa de uns nove anos [...] eu gosto de todos os dois reis (Alecrim “rico” e o pobre), não vejo diferença entre os dois, o que muda é o nome”

Iargley Azevedo Santos, 25 anos.

“A festa toda pra mim é maravilhosa e se fosse o ano todinho, seria bom, né?”

Berenice Coutinho de Oliveira, 52 anos.

As palavras que dão origem ao título deste capítulo foram extraídas do trecho de um dos cânticos dos reisados em Maracanã, precisamente, do que foi definido pela comunidade como sendo o “*Reis Pobre*”. Entretanto, até as pessoas da comunidade reconhecerem que em torno desta referência se constrói identidades, uma longa caminhada de conflitos com as pessoas da localidade de Alegria foram presenciadas. Desta maneira, o respectivo capítulo procura contar a formação do Reis do Alecrim na condição de elemento constituinte da identidade das pessoas do Maracanã e, também, por meio de sua historicidade analisar movimento desta identidade.

Inicialmente, abordo o reisado na condição de uma das manifestações representativas da cultura popular, composta pela inter-relação de valores sagrados e profanos. Sua origem data da Europa medieval e que depois, ao longo dos séculos, foi ressignificada nas várias regiões do Brasil. Em seguida, discorre-se sobre os rituais acompanhados nos reisados da comunidade de Alegria, precisamente, os Reis “*das Nuvens*” e “*Sempre Vive*”. E, por fim, o surgimento deste folguedo em Maracanã nos anos 1930 e sua posterior divisão em reisado “*Rico*” e “*Pobre*”.

No tocante à atividade de campo, propriamente dita, parte-se de uma análise ancorada na antropologia simbólica. Entende-se que esta ciência tem contribuído significativamente para a escrita da história. Destaca-se que a “descoberta” da antropologia pelos historiadores não é uma novidade, pois conforme já mencionado, pode-se observar as contribuições formuladas por Marcel Mauss

para o grupo dos annales. Por exemplo, a obra “*Os reis taumaturgos*” de Marc Bloch (1924) na qual investiga o significado do ritual de coroação dos monarcas, o sentido de cura atribuído aos reis de França e Inglaterra no período medieval é bem representativo desta relação, ou os trabalhos do medievalista francês, Jacques Le Goff estão inseridos nesta proposta de história antropológica ou antropologia histórica. Em relação a essa perspectiva, Burguiere (2010, p, 305) define:

[...] O antropólogo está familiarizado, há muito tempo, com esse princípio de opacidade que caracteriza toda a realidade social. Ele sabe que é preciso sempre contornar o que uma sociedade declara sobre si mesma a fim de compreendê-la. Os historiadores, ao contrário, sentem ainda mais dificuldade para se distanciar da mitologia oficial, pelo fato de terem, contribuído para sua construção e transmissão. Estudar a história de um ritual vinculado a instituição monárquica, a história de uma técnica agrícola como a charrua ou prática do alqueive [...] A antropologia histórica, portanto, não tem um domínio próprio. Ela corresponde a um procedimento que sempre vincula a evolução considerada a sua ressonância social e aos comportamentos que engendrou ou modificou.

Na França do final dos anos 20 do século passado, um grupo de historiadores procurou revolucionar a forma de se escrever a história¹⁰⁰, principalmente, na proposta de uma história total que almejasse o diálogo com as demais ciências por meio de trabalhos que objetivassem a interdisciplinaridade. No tocante a essa proposta, Marcel Mauss já salientava a importância de uma antropologia apoiada na sociologia, na psicologia e na história, pois entendia que os fenômenos sociais deveriam ser compreendidos em sua totalidade.

Toda a teoria das representações coletivas e das práticas coletivas, toda essa parte psicológica de nossos estudos dependem exclusivamente de três ciências além da nossa: da estatística e da história que, como eu vos disse, nos fazem conhecer os fatos e suas circunstâncias, e, enfim, a terceira ciência, da psicologia, que nos permite compreendê-los, isto é, traduzi-los, quaisquer que eles sejam, em termos precisos, inteligentes e científicos.

Mauss (2006, p.325) acrescenta:

Com efeito, na nossa ciência, em sociologia, nunca ou quase nunca encontramos, exceto em matéria de literatura ou de ciências puras, o homem dividido em faculdades. Lidamos sempre com seu corpo, com sua mentalidade por inteiro, dados de maneira simultânea e imediata. No fundo, tudo aqui se mistura, corpo, alma e sociedade. Não são mais fatos especiais dessa ou daquela parte da mentalidade, são fatos de uma ordem

¹⁰⁰Veja nota 4.

muito complexa, a mais complexa imaginável, que nos interessam. É o que chamo fenômenos de *totalidade*, dos quais participam não apenas o grupo, mas também, por ele toda personalidade, todos os indivíduos em sua integridade moral, social, mental e, sobretudo, corporal e material.

A proposta do estudo de objetos, como as festas, que antes eram trabalhados, principalmente, por antropólogos tem tido muito destaque entre os historiadores. Por exemplo, a terceira geração dos annales com sua abordagem “*das mentalidades*”, o interesse por personagens antes silenciados pela historiografia convencionada como “tradicional” tem contribuído sobremaneira para o estudo das manifestações populares. Por meio dos rituais destas manifestações podem ser analisadas as maneiras de sentir e pensar dos sujeitos sociais, a importância presente na organização dos festejos, as relações de reciprocidade entre homens e as entidades, enfim, as práticas de cunho individual e coletivas acompanhadas nestas celebrações têm apresentado uma abordagem historiográfica cada vez mais em sintonia com a antropologia. Sobre esta perspectiva o antropólogo americano Clifford Geertz (2001, p. 123) salienta:

A onda recente de interesse dos antropólogos não apenas pelo passado (sempre nos interessamos por ele), mas pela maneira como os historiadores lhe dão um sentido atual, e do interesse dos historiadores não apenas pela estranheza cultural (coisa que Heródoto já exibia), mas também pela maneira como os antropólogos a trazem para perto de nós, não é um simples modismo; sobreviverá ao entusiasmo que gera, aos medos que desperta e as confusões cria.

5.1 – O Reisado e a cultura popular

Os estudos referentes à cultura popular têm contribuído sobremaneira para os trabalhos sobre identidade, uma vez que se entende por “*identidade o processo de construção de significado com base no atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado*” (CASTELLS, 2001, p.22). Diante disto, através dos seus simbolismos, de suas representações podem ser analisados os movimentos de integração e pertencimento nas pessoas envolvidas com as festas. Cabe ressaltar que outra característica importante das manifestações populares é a sua inter-relação de elementos considerados de caráter sagrado com outros de caráter

profano. A essa condição, pode-se atribuir o fato destas festas servirem, também, como um instante de mediação entre os homens e as entidades sobrenaturais, pois em grande medida são originadas do pagamento de promessa feita a determinado santo, ou seja, um acordo firmado entre os homens e as entidades que respondem por determinada brincadeira. Para ilustrar, no Maranhão no período junino os acordos são feitos com São João, São Pedro e São Marçal. Desse modo, os acordos não podem ser quebrados em instante algum, tal comportamento seria uma espécie de traição, desrespeito e, por conseguinte, poderá ocorrer represália por parte das entidades, pois:

Tradicionalmente, o povo comemora as festas religiosas com procissões, danças, fogos, bebidas e diversões que, embora apresentem aspectos profanos, visam fins religiosos na prática é, portanto difícil separar nitidamente o sagrado do profano, uma vez que ambas, podem estar muitas vezes intimamente correlacionadas. (FERRETI, 1996, p.50)

Sobre a relação entre o profano e o sagrado citado acima, pode-se dizer que existe nos folguedos uma mistura, pois os rituais observados em ambos (sagrados e profanos) se confundem. A esse respeito, Emile Durkheim (1968: 547-548), destaca:

[...] toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscita assim um estado de efervescência, às vezes, mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso [...] pode-se observar, também tanto num caso como no outro, a mesma manifestação: gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevam o nível vital etc. Enfatiza-se freqüentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito.

Durkheim entende as festas a partir de uma análise funcionalista, na qual sua maior característica seria, sobretudo, a integração, a coesão social por parte dos envolvidos. Concordo com o referido autor no tocante ao sentido de integração, pois se observabastante esses elementos, por exemplo, nos festejos de reis. Em Maracanã a comunidade participa de todas as suas etapas desde a decoração, as ladainhas, o cortejo, o preparo dos alimentos, nos cânticos em homenagem ao

menino Jesus, nas vestimentas, nas cores da brincadeira, no próprio nome das manifestações, na saudação aos reis, na abundância da comida e bebida, nas participantes do cordão, nos locais percorridos, na composição das pessoas, dentre outras:

[...] Quer estudemos fatos especiais ou fatos gerais, num fundo é sempre com o homem completo que lidamos, como eu vos disse. Por exemplo, ritmos e símbolos põem em jogo não apenas as faculdades estéticas ou imaginativas do homem, mas todo o seu corpo e toda a sua alma ao mesmo tempo. Na sociedade mesma, quando estudamos um fato especial, é com o complexo psicofisiológico total que temos que lidar. Só podemos descrever o estado de um indivíduo “obrigado”, isto é, moralmente dominado, alucinado por suas obrigações, por exemplo, um ponto de honra, se sabemos qual é o efeito fisiológico e não apenas psicológico do sentido dessa obrigação. Não podemos compreender que um homem possa acreditar, por exemplo quando reza, que ele é uma causa eficiente, se não compreendemos como, ao falar, ele se ouve e crê, exalando-se por todas as fibras do seu corpo (MAUSS, 2003,p.338).

Entretanto, a crítica que pode ser feita a Émile Durkheim é o fato de conceber a sociedade a partir de uma perspectiva organicista com fortes marcas das interpretações da biologia, porém, não podemos negar a importância histórica dos trabalhos funcionalistas ou pré-funcionalistas deste autor que influenciaram muitos estudos no campo das ciências humanas no início do século XX, sobretudo, história, sociologia e antropologia, por exemplo, as pesquisas de campo, a observação participante de Bronislaw Malinowski.

Para Malinowski o método funcionalista não era uma novidade, porém faltava-lhe uma sistematicidade, ou seja, a definição de uma metodologia utilizada pela pesquisa antropológica, no caso, este teórico defendeu a proposta de que para compreensão da sociabilidade de povos até então chamados de “*primitivos*” ou de “*selvagens*” era necessário conviver com eles, deste modo, partindo dos trabalhos de campo, somente assim, poderia se compreender o significado de um casamento, do parentesco, da política para determinada realidade social. Deste modo, seu posicionamento consiste no fato de que os aspectos materiais de uma sociedade não podem ser dissociados de seus elementos simbólicos.

Nesse contexto, o autor opera com duas categorias fundamentais para sua classificação, os conceitos de “*forma*” e “*função*”. As duas se complementam pelo advento das necessidades, pois segundo Malinowski as instituições deveriam ser compreendidas a partir de suas próprias necessidades de existência.

Discorrendo um pouco mais sobre a importância do referido pensador para a consolidação da antropologia enquanto disciplina científica, François Laplantine (2010, p.81) destaca:

Com Malinowski, a antropologia se torna uma “ciência” da alteridade que vira as costas ao empreendimento evolucionista de reconstituição das origens da civilização, e se dedica ao estudo das lógicas particulares características de uma cultura [...] Não são puerilidades que testemunham de alguns vestígios de humanidade, e sim sistemas lógicos perfeitamente elaborados. Hoje, todos os etnólogos estão convencidos de que as sociedades diferentes da nossa são sociedades humanas tanto quanto a nossa, que os homens e mulheres que nelas vivem são adultos que se comportam diferentes de nós, e não “primitivos”, autômatos atrasados (em todos os sentidos) que pararam em uma época distante e vivem presos a tradições estúpidas.

Para Malinowski não existe uma linha demarcatória entre “*forma*” e “*função*”, acrescentando que “*a forma de qualquer cultura específica é a maneira pela qual ela é feita*” (1962, p. 150); deste modo, sublinha que não se pode conhecer o significado dos valores simbólicos de uma determinada cultura se estes forem destacados de sua totalidade.

Fornecendo uma maior riqueza de detalhes sobre o conceito de “*função*”, o próprio Bronislaw Malinowski (1962, p.154) a define da seguinte maneira:

A função sempre significa, por conseguinte, a satisfação de uma necessidade, do mais simples ato de comer à ação sacramental na qual comungar está relacionada a todo um sistema de crenças determinado por uma necessidade cultural de unificação com o Deus vivo

Basicamente, para este teórico a sociedade está dividida em diversas funções que serão compreendidas a partir do entendimento de sua totalidade. Sendo assim, Bronislaw Malinowski, também, na condição de homem do seu tempo, trabalha com conceitos universais que foram generalizados para a leitura de outras formações sociais; diferenciando apenas como as instituições – casamento, parentesco, religião – estão postas, mas sempre por meio de uma necessidade funcional.

Nesta passagem, percebem-se com nitidez as contribuições de Émile Durkheim para sua interpretação organicista de sociedade. Outro ponto importante a se destacar, sem dúvida, é relacionado à importância da análise dos sistemas de “representações coletivas”, pois somente assim, podem-se entender o significado das relações do material com o simbólico, por exemplo, por meio da escolha do

nome de um filho em dia santo, no pagamento de alguma promessa, da aliança entre homens e entidades, entre outras. O reisado é um dos grandes expoentes desse conagração de valores. Segundo, o folclorista Luís da Câmara Cascudo (2010, p.315), o folguedo possui todo um ritual representando uma espécie de teatro em homenagem ao menino de Jesus, onde o seu nascimento aconteceu da seguinte forma:

É denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de reis (6 de janeiro). Em Portugal diz-se reisada de reiseiros, que tanto pode ser um cortejo de pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, quanto os autos sacros, com motivos da história de Cristo. O reisado tem sua origem na Idade Média. Da dramaticidade antiga guarda apenas as embaixadas e os diálogos, como o reisado e o guerreiro. O auto popular profano-religioso, pertencente ao ciclo natalino, é formado por grupo de músicos, cantadores e dançadores que vão de porta em porta anunciar a chegada do Messias e homenagear os três Reis Magos. O reisado é conhecido também com os nomes de Reis, Folia de Reis e o enredo é sempre a natividade, os Reis Magos e os pastores a caminho de Belém. No Brasil a denominação, sem especificação maior, refere-se sempre aos Ranchos, aos Ternos, grupos que festejam o Natal e o Reis. Vestem-se da calça ou saiote, com guarda-peito, uma espécie de colete enfeitado com vidrilhos, lantejoulas, espelinhos e fitas coloridas. O Reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo ou série de pequenos atos encadeados ou não.

Segundo Castro & Couto (1960, p.10), o reisado, tem sua origem na Europa, precisamente, na região da Península Ibérica, chega ao Brasil no século XVI juntamente com a colonização e ao longo dos anos o folguedo foi sendo ressignificado nas diversas regiões do Brasil, como pode ser destacado através dos nomes: *rancho de reis*, *folias de reis*, *reisados* e *etc.* No caso, suas pesquisas se concentraram na análise dos reisados no antigo estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro, no interstício de 1951 a 1954, a partir dos trabalhos de campo foram catalogados os seguintes grupos: *Cantagalo*, *Carmo*, *Cordeiro*, *Itaocara*, *Friburgo*, *Marques de Valença*, *Miracema*, *Santo Antonio de Pádua* e *Vassouras*. Embora, existam diferenças ente os grupos, as autoras observaram uma similitude quanto aos seus surgimentos, sobretudo, o aspecto religioso verificado no pagamento de promessas:

A folia – um sinal de júbilo pelo nascimento de Cristo – organiza-se, em geral, em conseqüência de promessa, isto é, um compromisso livremente assumido, que obriga a folia a sair no mínimo de sete anos a fim de conseguir a desejada graça. O caso mais comum é que a promessa tenha

sido feita pelo mestre, mas encontramos também folias que saem por promessa comum de todos os seus componentes (Estrela d'Alva, Mesquita, Nova Iguaçu) e até mesmo de outra pessoa (Estrela do Nascente, Morro de Formiga). (CASTRO & COUTO, 1960, p.17).

O reisado, em geral, estende-se de 24 de dezembro a 06 de janeiro, encerrando o ciclo natalino. No dia 24 são iniciadas as ladainhas em homenagem ao nascimento do menino Jesus que serão estendidas até o dia 06 de janeiro simbolizando o encontro com os três Reis Magos. Contudo, nas várias ressignificações que o folguedo possui, as datas podem ser modificadas, por exemplo, no estado do Rio de Janeiro, Castro & Couto (1960, p.35) destacam que as celebrações são estendidas até de 20 de Janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade:

A folia pretende reproduzir [...] a viagem dos Magos a Belém, ao encontro do Filho do Homem. Os foliões partem à meia-noite, no Natal [...] e encerram sua jornada no dia dos Reis, como o faziam no interior, se, em homenagem à Guanabara, que os acolhe, não a tivessem se estendido até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião [...]. Há assim, duas fases de jornada. A primeira, a dos Reis, que vai até o dia 6 de janeiro, assinala-se pela presença dos magos na bandeira, o estandarte da folia. A segunda, do dia 7 em diante, exige um acréscimo de uma estampa de São Sebastião ao lado da dos Magos. Os cânticos da folia são as vezes diversos em cada fase [...] aproveitando os mestres, na primeira, os motivos bíblicos da Adoração, da Visita dos Reis, da Fuga para o Egito, etc., e, na segunda, de acordo com a tradição católica popular, tocada pelas concepções correntes nas macumbas cariocas, os padecimentos de São Sebastião.

Como pode se verificar através de suas ressignificações se tem a incorporação de elementos singulares, por exemplo, no Rio de Janeiro a união de passagens bíblicas relacionadas aos Reis Magos com o catolicismo em homenagem a São Sebastião. Contudo, independente de suas modificações o que permanece é a inter-relação de elementos profanos com sagrados. Das promessas de cunho individual até as oferendas em sentido coletivo ajudam a contribuir para a manutenção destas brincadeiras e, sobretudo, para as construções identitárias e para os laços de solidariedade entre os envolvidos, uma vez que a *“cultura popular não é fetichista, ela não lida com coisas, mas com significantes, e os significantes estão dentro do espírito”* (BOSI, 1988, p.47), confirmando sua importância para as pessoas que a celebram. Concordo com Alfredo Bosi quando destaca que a cultura popular lida sempre com significantes, que se constituem em elementos fundamentais para as marcações identitárias nos sujeitos.

5.2. Os reisados de Alegria: “Reis das Nuvens” e “Sempre Vive”.

5.2.1 – O “Reis das Nuvens”

Não se pode precisar o início dos reisados na comunidade de Alegria, porém, de acordo com os narradores os festejos neste local são anteriores aos de Maracanã. Contam que o “Reis das nuvens” começou a ser organizado nas primeiras décadas do século passado por uma senhora chamada de Libânia.

As celebrações acontecem nos dias 05 e 06 de Janeiro. Possuindo a seguinte estrutura: dois casais, no caso, o rei e a rainha, também, o vassalo e a dama; as pastorinhas que são representadas pelas mulheres que puxam as ladainhas e os cânticos em forma de cordão, uma vez que os reisados são celebrados por meio de cânticos e danças; e, por fim, os músicos contratados especificamente para as celebrações.

Realizei pesquisas nos referidos reisados nos dias 05 e 06 de janeiro dos anos de 2011 e 2012. Dessa forma, a análise aconteceu a partir do que observei nos trabalhos de campo, além, dos relatos concedidos por seus moradores. Numa destas narrativas a senhora Matilde Nascimento Mendes, 47 anos, nascida e criada em Alegria e atualmente responsável pelo “*Reis das Nuvens*” nos forneceu as seguintes informações referentes à sua vida e a organização do folguedo:

Meu nome é Matilde das Neves Nascimento Mendes, 47 anos, meus pais eram Francisca Baldez do Nascimento e José Anacleto do Nascimento [...] Nós somos dez irmãos, hoje só temos oito [...] na infância minha vida foi muito difícil, porque meu pai era pescador e quando ele não estava em alto mar, nós tavamos na roça com ele, naquela época o meio de sobrevivência era esse, passamos por muitas dificuldades [...] a festa de reis (reis das nuvens) era organizada pelos pais do meu pai e já havia a muito tempo, hoje me encontro neste processo de organização, apesar da dificuldade, dando continuidade com a ajuda do povo [...] a festa é comemorada nos dias, 05 e 06 de Janeiro. No dia 05 começa com a apresentação dos reis, tem os cânticos acompanhados por músicos, tem comida: jantar que a gente oferece para todo o pessoal que chega independente da idade, do número é todo mundo servido e depois tem as ladainhas. No dia 06 começa com a apresentação e temos a coroação do próximo reisado que geralmente são as pessoas que vem e querem botar seus filhos no reis [...] não tem visita as casas, um dia a gente vai até o reis sempre vive e no outro dia eles vem nos visitar [...] nunca fui no reis do Maracanã até porque é no mesmo dia e hora do nosso e eu não posso nem sair daqui [...] eu tenho uma boa relação com Maracanã, meus filhos, meus pais, as brigas eram da antiguidade, meu pai sempre falava que quando ia em festa lá (no Maracanã) sempre tinha briga, confusão [...] o pessoal de Maracanã tem o nariz meio empinado.¹⁰¹

¹⁰¹Relato concedido em 10/03/ 2012.

De início, D. Matilde Nascimento Mendes destaca um cotidiano muito parecido com os descritos pelos moradores do Maracanã, ou seja, as atividades oscilando entre a prática agrícola e a pescaria. Também, a quantidade de irmãos considerável, neste caso, dez, destacando que o sucesso ou existência das celebrações de reis se deve, sobretudo, as contribuições fornecidas pela própria comunidade. Apesar de D. Matilde Mendes enfatizar que os conflitos com as pessoas do Maracanã são coisas do passado, percebe-se em seu discurso, resquícios destas disputas, por exemplo, no trecho final quando diz: “*o pessoal de Maracanã tem o nariz empinado*”. Ou seja, as antigas polarizações “nós” e “eles”, ainda são observadas através desta explicação.

As celebrações de reis acontecem na capela ao lado de sua residência, na verdade, a capela é ao lado do barracão, o mesmo possui a forma retangular com aberturas nas paredes laterais, o chão é cimentado, as paredes laterais são levantadas até aproximadamente a altura de 1,5; a capela e o barracão começam a ser decorados logo cedo (*Figuras 04 e 05*).



Figura 04: barracão do “Reis das Nuvens”



Imagem 05: Interior do barracão do “Reis das Nuvens”

Na parede dos fundos da capela é armado o presépio em homenagem, louvação ao menino Jesus (*Figura 06*); decoração preparada com muita atenção, pois nada pode sair errado senão estariam desrespeitando o próprio Cristo

representado no presépio. Por volta das 19 horas são apresentados a comunidade os reis, geralmente, são dois casais – mas, dependendo da procura pode ser até mais – um formado por crianças e outro por adolescentes. Não necessariamente tem que ser pessoas da própria Alegria, mas sim, qualquer um que deseje. Entretanto, este terá que contribuir com os preparativos dos festejos, ou seja, o contrato dos músicos, da radiola, confecção das camisas padronizadas, dos alimentos que serão distribuídos antes das ladainhas e dos cânticos. Desse modo, nota-se que não são todas as pessoas que possuem condições de colocarem seus filhos ou parentes para serem reis ou rainhas nestas celebrações. Por isso, se percebe pequenas relações de poder no interior desta manifestação. Nesse sentido, existe todo um destaque não somente para as pessoas que estão representando a nobreza dos reisados, mas, sobretudo, os responsáveis por estes, pois na maioria das vezes são sujeitos que possuem algum poder aquisitivo. A capela é o lócus principal da celebração, por isto este espaço é carregado por toda uma simbologia tanto que fazem questão de não modificarem sua estrutura.



Figura 06: Fachada da capela das celebrações do “Reisado das Nuvens”.

O antropólogo Norton Figueiredo Correa realizou um trabalho sobre o Batuque, religião de origem africana, no estado do Rio Grande do Sul a partir de categorias analíticas da antropologia simbólica e em determinado momento de seu texto destaca a importância que o salão (lócus principal) possui para aquela celebração:

[...] Nele se realiza a parte mais ativa (as danças sagradas, a possessão das cerimônias públicas, as “festas”; mas é utilizado também na “matança” quando, em uma grande toalha colocada no chão, são deitados os corpos dos animais sacrificados no quarto-de-santo, que lhe fica contíguo (CORREA, 2006, p.76).

No caso, dos reisados, a capela (sagrada) e o barracão (profano) são os locais onde os rituais são realizados. Nas proximidades da residência de D. Matilde são distribuídas comidas para os presentes. O cardápio é variado desde uma alimentação mais “pesada” como arroz, carne, feijão até iguarias mais “leves”, tais como: mingau de milho, mingau de tapioca, bolos, refrigerantes. A herança medieval é bem evidenciada por meio das diferenças sociais dos personagens que compõem o reisado, principalmente, no instante das refeições, pois são servidos de início os casais reais, depois as pastorinhas juntamente com os músicos e, por fim, os devotos, os admiradores que acompanham o ritual.

Contam que a comida representa fartura, uma forma de agradecer a entidade pelas dádivas alcançadas no ano anterior, pois costumam dizer que “*reisado bom é que tem muita comida e bebida*”¹⁰². Nisto, percebe-se a reciprocidade (MAUSS, 2003) entre os homens e as divindades durante as celebrações.

Por volta das 21 horas e 30 minutos é iniciada, na capela, as ladainhas que são puxadas pelas pastorinhas. Inicialmente fazem um agradecimento por poderem estar presentes nas celebrações; nesse instante novamente é percebido o caráter sagrado da cerimônia através do pagamento da promessa com o Deus menino; as ladainhas se estendem até, aproximadamente, às 23 horas. Os músicos ficam acomodados no canto da capela. A capela e o barracão ficam completamente cheios de pessoas observando os cânticos e as ladainhas, pessoas ficam encostadas nas paredes ou nas janelas do local, a temperatura começa a ficar elevada pelo acúmulo de pessoas por metro quadrado, porém, ninguém se retira do recinto enquanto não termina a cerimônia. Àquele momento simboliza o agradecimento às dádivas alcançadas não apenas pelas pessoas envolvidas com a brincadeira, mas de forma geral, de todos aqueles que acompanham a cerimônia, pois se podem perceber pessoas que não são moradoras de Alegria que durante o Pai-Nosso e a Ave-Maria começaram, ainda que de maneira tímida, a acompanhar;

¹⁰²Relato concedido em 10/03/2012.

esses sujeitos são de várias idades e localidades, naquele dia estavam presentes pessoas da Vila Maranhão, Vila Guará, Fervento, Coqueiro, Porto Grande, Itapera, Rio Grande, dentre outras localidades do interior da ilha de São Luís.

Ao lado da capela, observa-se o barracão e à sua frente um terreno bem vasto, o mesmo é cercado durante os festejos, formando um quadrado onde é colocada a radiola que tocará nos dias de festa; para acompanhá-la na parte interna do cercado não é necessário o pagamento da “porta”. Entretanto, nem todos os sujeitos pelo tamanho do espaço no qual acontece a festa têm condições de acompanhar a radiola do lado de dentro, desse modo, percebe-se uma aglomeração de pessoas do lado de fora ouvindo e dançando com as músicas que estão sendo executadas.

Outro detalhe consiste no fato de somente após os rituais realizados na capela, que será iniciada a festa no barracão. Neste sentido, a radiola começa a tocar por volta das 23 horas, ou até mesmo, meia-noite e adentra a madrugada independente do dia em questão. Esse é um instante que consideram como profano desta celebração, o ritual sagrado – *ladainhas e cânticos* – cede espaço para vários ritmos musicais e danças, tais como: *axé, calipso, forró, funk, brega, lambada*, mas, principalmente, *o reggae*. Contudo, as relações entre sagrado e profano não podem ser entendidas como polarizadas, pois as mesmas pessoas que participam dos rituais considerados sagrados são as mesmas que depois estarão na manifestação chamada de profana. Em seu artigo sobre “as festas populares” o antropólogo Sergio Ferreti (2009), destaca que o *sagrado* está relacionado à *obrigação* e que, por sua vez, o *profano* se relaciona com a *brincadeira*. Porém, este teórico ressalta que estes domínios não se isolam em campos distintos, muito pelo contrário, possuem uma relação de complemento.

A oposição e a complementaridade que simultaneamente existem entre brincadeira e obrigação, entre profano e o sagrado, refletindo ambigüidade, incerteza e imprecisão, constituem um dos eixos de nosso estudo sobre as festas, da forma pela qual analisamos a identidade que as festas populares e religiosas ajudam a construir. A ambigüidade constitui, justamente, uma das características fundamentais do elemento humano que transparece na observação das festas (FERRETI, 2009, p.193).

No dia seguinte o roteiro é seguido novamente. O preparo da capela, do barracão, as ladainhas, as refeições distribuídas e no cercado os “batidões”¹⁰³ começam a atrair novamente as pessoas da redondeza. Os recursos para realização do festejo, segundo seus organizadores, são obtidos na própria comunidade através das doações: de comida, de roupas, dentre outros. Neste tocante, nos últimos anos no “Reisado das Nuvens” tem se confeccionado camisas padronizadas (Figuras 07 e 08) que são patrocinadas pelos representantes dos reis; as camisas, logicamente, nas cores azuis e brancas, simbolizando a cor do reisado. Por exemplo, neste ano em sua costa continha os seguintes dizeres: “*vamos andando alegre e contente para ver o Deus menino, nosso rei onipotente*”.



Imagens 07 e 08: camisa padronizada do “Reis das Nuvens” 2012.

5.2.2 – O “Reis Sempre Vive”

Em Janeiro de 2012 visitei o reis “*Sempre Vive*”. Brincadeira representada nas cores amarela e branca. Contam que uma das primeiras responsáveis pelo

¹⁰³As batidas são ouvidas a uma distancia considerável. Seus admiradores chamam essas radiolas de paredões.

reisado foi Dona Vicentina Bernardes Ferreira. Esta senhora faleceu em 1987 com 96 anos de idade, de acordo com os narradores começou a dançar o reis com 12 anos. Dessa forma, as celebrações do “Sempre Vive”, ao que tudo indica, tem mais de um século.

Não existem muitas diferenças no enredo dos reisados em Alegria. Também, no “*Sempre Vive*” os preparativos são iniciados bem cedo, sobretudo, a parte de decoração da capela com a preparação do presépio. No caso, uma das diferenças consiste no fato da não presença da radiola, mas sim, de seresteiros que embalam as noites após as ladainhas. Assim, como no reisado analisado anteriormente, a capela e o barracão (Figuras 09 e 10) são ao lado da propriedade da pessoa responsável pelo festejo.



Figura 09: Interior da capela do “Reis Sempre Vive”

As celebrações do reisado “*Sempre Vive*” estão sob o comando da senhora Rosa de Fátima Bernardes, 51 anos, nascida e criada em Alegria. Dona Rosa me concedeu o seguinte relato a respeito do seu envolvimento com a brincadeira:

[...] Estou a frente dos reis ‘sempre vive’ desde 1981 quando minha tia Vicentina passou para minha mãe Joana da Silva Bernardes que tem 79 anos de idade, sempre fui envolvida com as festas deste reis, já fui rainha, minha filha, também, já foi rainha, hoje ela não quer mais porque é

evangélica [...] as cores do reis são amarela e branca, o porque eu não sei, pois quando eu me entendi já era dessa cor, o rei das nuvens é azul e branco e o de Maracanã (alecrim) é verde e branco falam que é por causa da planta....¹⁰⁴

Por volta das 19 horas começam as ladainhas sempre em agradecimento a saúde por poderem organizar novamente as celebrações, as mesmas são uma composição de cânticos entoados em português e perpassados por passagens em latim. Novamente, percebe-se um grupo de pessoas que se encontram no entorno do cordão fazendo suas orações; orações intercaladas pelo som dos músicos, especialmente, contratados para o momento. Os músicos deste dia estavam propiciando uma sonoridade agradável para as pessoas que estavam acompanhando a cerimônia. Esses sujeitos, além de realizarem seus agradecimentos, também, movimentavam seu corpo como se estivessem realizando um determinado tipo de dança. No que pode ser descrito como uma total sintonia entre a musicalidade (sagrada e profana) e o corpo. Marcel Mauss em uma comunicação apresentada à sociedade de psicologia em 1934 discorreu sobre o que chamou de técnicas do corpo, ou seja, as formas de disciplina que passam pelos corpos dos sujeitos sociais desde o nascimento, caracterizadas pela relação de elementos materiais e simbólicos.

Eu digo as técnicas do corpo, porque se pode fazer a teoria da técnica do corpo a partir de um estudo, de uma exposição, de uma descrição pura e simples das técnicas do corpo. Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo [...] Chamo técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que nisso não difere do mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica e não transmissão se não houver tradição. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral (MAUSS, 2003, p.399/407).

No dia 05 de janeiro, antes das ladainhas, é servido o jantar a todos que estão presentes; primeiramente, a nobreza representada pelo casal real e o vassalo com sua dama; em seguida, as pastorinhas juntamente com os músicos; e, por fim, as pessoas que estão acompanhando a cerimônia. No outro dia, as refeições são mais fartas, pois são distribuídas pela seguinte ordem: almoço e jantar. Para tanto, abatem um boi e a carne é toda oferecida aos presentes. Não pode ser esquecido que a fartura depende do poder aquisitivo de quem “patrocina” a festa, ou seja, os

¹⁰⁴ Relato concedido em 10/03/2012.

responsáveis pelo rei e rainha e, também, pelo vassalo e a dama. Após as ladainhas, como no dia anterior, tem início à seresta no barracão (imagem 10) ao lado da capela, costuma-se dizer que “a festa não tem hora para acabar”¹⁰⁵.



Figura 10: Entradas da capela e barracão do reisado “Sempre Vive”.

As celebrações acontecem nos dias 05 e 06 de janeiro, a escolha dos reis, também, é feita com antecedência e segue o mesmo ritual descrito no “*Reis das Nuvens*”. A pessoa que procura os organizadores tem que contribuir com os preparativos da brincadeira. Novamente, percebem-se as relações de poder, pois significa “*capital-prestígio*” para aqueles que colocam pessoas próximas, seus parentes nos holofotes da festa. Muitas vezes o ato é em decorrência do pagamento por alguma dádiva concedida pela entidade religiosa, nesse caso, o próprio menino Jesus. Por exemplo, no reisado das “*Nuvens*”, Dona Matilde disse que “*já tem pedidos garantido até 2014*”.¹⁰⁶ No “*Sempre Vive*”, os pedidos estão garantidos até o próximo ano.

Nos reisados de Alegria não acontecem os cortejos ou a visita às casas das pessoas – como será verificado adiante em Maracanã –, as festas ficam na

¹⁰⁵Relato concedido em 10/03/2012.

¹⁰⁶Relato concedido em 10/03/2012.

mesma rua, chamada de menino Jesus – no passado era chamado de Ambude –, porém, com certa distância entre eles. Esta rua não possui infraestrutura, a maior parte do trecho não possui iluminação, o chão, também, não é asfaltado, na verdade, verifica-se uma rua com muitos buracos. Noutros trechos se tem a presença de bastante areia, o que compromete sua passagem, principalmente, durante a noite. Provavelmente, em função de todas essas dificuldades não seja pertinente as visitas. Embora, D. Matilde tenha salientado que nos últimos anos, os reis tenham se visitado, ou seja, um dia o “*Reis das Nuvens*” vão ao “*Sempre Vive*” que no outro dia pagará a respectiva visita, o ritual é caracterizado pela troca de lembranças.

Outra particularidade que pode ser salientada é referente à quantidade de reis, por exemplo, no “*Sempre Vive*”, geralmente, é apenas um casal, enquanto, no outro não tem “limite”, embora, tenha-se observado com mais frequência a presença de dois casais. A escolha, também, acontece envolvida por relações de poder, desse modo, pode ser qualquer pessoa desde que possa contribuir com a celebração.

Embora, o objetivo deste trabalho não seja analisar as relações de poder existentes na escolha dos reis – *mas sim, compreender as disputas entre Maracanã e Alegria, sobretudo, no passado por meio de questões de preconceito raciais entendidos como reminiscentes do Maranhão escravista* –, não se pode esquecer que elas existem, muitas vezes, aparecem de maneira bem sutil; não apenas no interior da própria brincadeira, mas, sobretudo, na relação entre os reisados de Alegria e do Maracanã.

5.3. MARACANÃ: Reis do Alecrim “Rico” e Reis “Pobre”.

Os trabalhos de campo nos reisados do Maracanã aconteceram de 05 a 07 de janeiro de 2010, pois as festas nesta comunidade possuem uma exclusividade, ou seja, são estendidas até o final da noite do dia 07 no ritual que chamam de coroação dos reis. Assim, por meio das narrativas, sobretudo, de D. Berenice Coutinho – responsável por comandar as ladainhas tanto nas festas de reis quanto no batizado do boi – e do que foi observado se objetiva compreender o movimento de sua identidade.

Relato como o de D. Naida Mendes: “[...] agente ia nas festas, agente não se unia, eles eram brancos e agente negro e aí se irritava”¹⁰⁷. Indicam que a festa de Reis em Alegria era um dos espaços sociais em que imergiam as diferenças de cor de pele das pessoas e as discriminações aconteciam:

Diante disto, nos anos de 1930, foi organizado o festejo de reis em Maracanã. O mesmo contribuiu para construção da identidade para as pessoas desta região, formando um sentimento de pertencimento e de solidariedade, uma vez que em torno dela surgiu à condição comum de não aceitação da discriminação. Diante disso, entende-se que as identidades são construídas por meio das diferenças:

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição [...] está sujeita a vetores de força, à relação de poder. Elas não são simplesmente definidas, são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas [...]. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, P.76).

A esse respeito, Hall (2000, p.110), destaca:

[...] isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e assim sua ‘identidade’ – pode ser construída (HALL, 2000, p.110)

Entendem-se estas disputas como resultantes de conjunturas histórico-sociais do Maranhão escravista, pois as celebrações de reis em Maracanã foram iniciadas há menos de cinquenta anos após a abolição e como se pode verificar nos relatos o motivo principal para a interdição das pessoas do Maracanã era a cor de sua pele e, provavelmente, sua condição de descendentes de escravos. Na verdade, esses sujeitos acabaram sendo estigmatizados como inferiores em virtude de sua condição. Segundo Goffman (2008, p.13):

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso.

¹⁰⁷Relato concedido em 12/01/10.

Como mencionado no capítulo II, muitas pessoas não querem se remontar a esse período em função de lhes trazer péssimas lembranças o que nos estudos de Pollak seriam “*as coisas indizíveis*” que constroem as memórias subterrâneas. Desse modo, muitos narradores preferiram silenciar sobre esta questão. Embora, tenham salientado que não existem mais brigas entre Maracanã e Alegria, pode-se perceber ao longo das narrativas que quando o assunto são os festejos de Santos Reis, de maneira sutil, os conflitos entre as localidades, no sentido de quem faz a melhor festa, ficam muito evidenciados. Por exemplo, no relato concedido por D.Ubiranice Coutinho de Oliveira, nascida e criada em Maracanã, quando afirma que em Alegria estão copiando as músicas do Maracanã “*em alegria eles tão copiando musicas do nosso reis [...] eles tão copiando também os Reis Pobre, mas lá as coisas não prestam*”¹⁰⁸. Ou quando Dona Matilde Mendes, do “*Reis das Nuvens*” salienta:

Nunca fui ao reis do Maracanã até porque é no mesmo dia e hora do nosso e eu não posso nem sair daqui [...] eu tenho uma boa relação com Maracanã, meu filhos, meus pais, as brigas eram da antiguidade, meu pai sempre falava que quando ia em festa lá (no Maracanã) sempre tinha briga, confusão [...] o pessoal de Maracanã tem o nariz meio empinado.¹⁰⁹

Também, podem-se verificar as disputas nos comentários de D. Rosa de Fátima Bernardes, organizadora do “*Reis Sempre Vive*”:

Nós não somos ligados com o reis de Maracanã (referindo-se ao reis do alecrim) [...] sempre querem fazer o reis melhor do que os outros, agente não se importa se acontecer de vim pouca gente pra ver nosso reis, o que nós queremos é fazer a festa pro santo¹¹⁰

Nessas passagens, podem ser percebidas a existência de relações de poder entre as comunidades, principalmente, nos períodos de festas. Nos dizeres do próprio reisado no qual afirmam “*onde o reis é bom? é no Maracanã*”(Figura 11) é bem significativo para a discussão, pois nas entrelinhas está posto que os outros não são bons, por outros, entende-se os reisados da comunidade de Alegria. Para

¹⁰⁸Relato concedido em 03/03/ 2012.

¹⁰⁹Relato concedido em 03/03/ 2012.

¹¹⁰Relato concedido em 10/03/ 2012.

D.Naida Mendes “*é tudo despeitado, porque aqui no Maracanã as coisas são melhor*”¹¹¹. Nesse sentido, as diferenças continuam existindo, pois:

O sujeito em permanente processo de construção/reconstrução, faz sobressair as suas especificidades temporalmente. Ao salvaguardar a diferença, ele nos remete para o outro, sem o qual ele próprio não se identifica. Identidade e alteridade devem imbricar-se intersubjetivamente [...] (SOARES, 2009, p.107).



Figura 11: “Reis do Alecrim” – celebrado nos dias 05,06 e 07 de janeiro em Maracanã.

Diferentemente do que se observa em Alegria, no reisado do Maracanã, não se tem uma capela, propriamente dita, construída para esta celebração, mas sim, a própria sala da residência de D. Fátima Algarves, acaba se transformando em capela, onde é armado o presépio (Figura 12). A respectiva residência está

¹¹¹ Relato concedido em 10/01/2010.

localizada na rua principal do bairro. Ao lado desta casa, também, observa-se um terreno no qual se encontra o barracão que abrigará as pessoas que vem acompanhar a radiola contratada especialmente para o festejo. Outrossim, ao que acontece no “*Reis das Nuvens*” o terreno é cercado, entretanto, em Maracanã a entrada é cobrada. Segundo os narradores, a cobrança é feita para custeio da própria festa.



Figura 12: entrada da residência de D. Fátima Algarves

Portanto, no dia 05 de janeiro, por volta das 19 horas começam as ladainhas, puxadas pelas pastorinhas que usam vestido nas cores verde e branco em alusão as cores da brincadeira¹¹². O cordão formado por mais de 20 mulheres de idades variadas desde adolescentes a senhoras. De início, tem-se o agradecimento ao menino Jesus com os seguintes dizeres: “*viva o menino Jesus, viva o reis de Maracanã*”, o referido dizer é intercalado com as orações ao longo de todo o ritual. Depois, o Pai-Nosso sempre acompanhado das Ave-marias, entrecortado, por cânticos em português e em latim; a casa fica completamente

¹¹²O nome Reis do Alecrim nas cores verde e branco é em homenagem a planta Alecrim muito encontrada na região.

cheia com várias pessoas em volta do cordão, encostadas nas paredes, outras ficam num terraço que antecede o salão, mas todas seguindo o ritual sejam a partir das orações ou entoando os cânticos que são bem variados. A respeito das músicas cantadas em Maracanã, D.Ubiranice Coutinho, também, não sabe informar de quando são, porém, *diz que “desde criança já ouvia os cânticos entoados no reis do alecrim”*, apenas ressalva que *“os antigos já cantavam, ninguém sabe a origem”*¹¹³. Por exemplo, a referida canção:

DESPERTAI

Despertai povo cantando
 Despertai terra e o mar
 Ouço uma voz entoando
 A Deus menino adorar
 Despertai povo cantando
 Despertai terra e o mar
 Ouço uma voz entoando
 A Deus menino adorar
 Menino Jesus da lapa
 Onde vós estava escondido?
 Lá no céu atrás das nuvens
 Seja bem aparecido.
 Despertai povo cantando
 Despertai terra e o mar
 Ouço uma voz entoando
 A Deus menino adorar
 Despertai povo cantando
 Despertai terra e o mar
 Ouço uma voz entoando
 A Deus menino adorar
 Menino Jesus da lapa
 Onde vós estava escondido?
 Lá no céu atrás das nuvens
 Seja bem aparecido.

Não se pode precisar a origem destes cânticos, mas assim, como a própria manifestação, os mesmos vêm sendo constantemente ressignificados ao longo dos tempos; a sua principal fonte de divulgação é a própria memória, passada de pai para filho por meio de experiências e conhecimentos adquiridos. Os mais novos estão na companhia dos parentes entoando e aprendendo os diversos cânticos, posto que a memória:

[...] em sua extensa potencialidade, ultrapassa até o tempo da vida individual. Por meio de relatos de experiências familiares, de crônicas que

¹¹³Relato concedido em 12/01/2010.

registram o cotidiano, de tradições, de histórias contadas através de gerações e de inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se o tempo presente, e o homem mergulha no seu passado ancestral (DELGADO, 2006, p.40).

Nesse sentido, estas relações têm contribuído para o fomento da integração entre aquelas pessoas através do sentimento de pertença a Maracanã, principalmente, nos período de festividades, consistindo em um dos elementos para a marcação da identidade.

Após, as ladainhas, por volta das 22 horas, as pastorinhas acompanhadas pelos músicos saem pelas ruas com destino à casa dos reis e rainhas, seguidas pelas pessoas da comunidade e as demais que vieram acompanhar as celebrações. Nesse intervalo, os casais nobres já devem estar nas suas portas no aguardo do cortejo, neste caso, são dois casais um formado por crianças (vassalo e a dama) e o outro por adolescentes (rei e rainha), D.Ubiranice Coutinho salienta que *“no início era apenas um casal, nos últimos anos tem sido dois casais”*¹¹⁴. Nessa passagem, observam-se algumas diferenças em relação os reisados do passado, a presença de dois casais, segundo a própria narradora esta condição é decorrente da quantidade de pedidos. As pessoas têm que possuir algum vínculo com a comunidade para que seus parentes sejam aceitos na festa. Entretanto, também, observam-se relações de poder, pois os referidos sujeitos têm que contribuir com o pagamento da festa, dessa forma, não são todos que tem condições, sobretudo, econômicas para “patrocinarem” seus parentes na condição de reis ou rainhas nas celebrações do *“Reis do Alecrim”*.

Outra diferença é a própria extensão da brincadeira, pois no passado, de acordo com D. Berenice Coutinho as celebrações eram iniciadas no dia 24 de dezembro, nascimento de Jesus Cristo, com as ladainhas. Nos últimos anos começasse os festejos no dia 05 de janeiro. Esta senhora atribui essa mudança à própria dinâmica dos dias atuais, uma vez que o trabalho não permite que as pessoas possam se encontrar com a mesma frequência de outros tempos, D. Berenice destaca: *“antigamente podia começar dia 24 porque todo mundo tava aqui, todos podiam se reunir, agora só nas festas”*¹¹⁵.

¹¹⁴ Relato concedido em 12/01/2010.

¹¹⁵ Relato concedido em 12/01/2010.

Outra novidade é o fato de que nos últimos anos o reis de Maracanã ter sido convidado – juntamente com outras manifestações da cultura popular – para participar dos autos de natal realizados pela prefeitura municipal de São Luís, inclusive, tendo algumas de suas canções registradas em cd organizado pela Fundação Municipal de Cultura. Para essas apresentações vão apenas as pastorinhas que dançam e entoam os cânticos do reisado do “Alecrim”. Este é um dos elementos que segundo D. Berenice tem deixado as pessoas de Alegria com inveja do reis do Maracanã, pois para esta senhora: *“o reis deles não é convidado porque a brincadeira não é boa”*.¹¹⁶ Nesta passagem, percebe-se que as diferenças entre as comunidades por meio dos reisados são novamente ressaltadas.

Uma curiosidade é que no Maracanã não tem idade específica para sair como rei ou rainha, segundo a narradora, já aconteceram situações de pessoas com idades “avançadas” terem solicitado o referido posto. Neste caso, a forma do pagamento de promessa pela graça alcançada consistiu em ser rei ou rainha, pois na maioria dos casos, o pagamento é realizado com a colocação dos seus parentes na condição de nobreza ou a visita do reisado em sua residência.

Os reis já devem estar aguardando o cortejo. Desse modo, as pastorinhas chegam e ficam diante da respectiva casa e entoam os seguintes dizeres: *“porta aberta meus reis, estou na porta aberta”*, após esse pedido, o rei ou rainha dá à concessão e os romeiros adentram o recinto e são recebidos com comida e bebida, geralmente, bolos, mingau de milho, refrigerantes. Não se verifica a presença de bebidas alcoólicas; durante este momento, os músicos param de tocar e os cânticos são interrompidos, todos que estiverem acompanhando o cortejo devem ser alimentados, essa parada dura em média de 30 a 40 minutos.

Após, esta primeira parada, seguem novamente pela rua cantando acompanhadas por músicos e pelas pessoas que formam uma espécie de “romaria”, mas agora, tem a companhia do rei, neste caso, o adolescente que vai à frente à procura de sua rainha que, por sua vez, já tem que estar o aguardando; nota-se neste momento a integração, os laços de solidariedade, de coesão social entre estas pessoas e o reconhecimento como membro do Maracanã. Pois mesmo não residindo neste espaço, fornecem sua contribuição, como bem frisou D. Marlene Janssem Pereira, nascida e criada em Maracanã. Contou-me que durante um período

¹¹⁶ Relato concedido em 12/01/2010.

de vida morou em outro estado, porém no período de festas, ou seja, nos reisados ou no bumba-meu-boi, continuava ajudando as manifestações:

Existe uma tradição com certeza. São nos momentos de festas que notamos a integração, os moradores dão sua contribuição. Eu passei muitos anos no Rio de Janeiro, mas nas festas do alecrim e do Bumba-Meu-Boi, mesmo não estando territorialmente dava minha contribuição.¹¹⁷

Neste sentido, D. Maria do Livramento Garcez Meireles, também, destaca:

[...] continuo (atualmente está morando no São Cristóvão) indo ao Maracanã quando tem a festa de reis, não perco nenhum ano, tanto o “rico” (alecrim) quanto o “pobre” [...]

Portanto, ao chegarem à residência da rainha o ritual é repetido novamente, ou seja, pede-se a licença para adentrar o recinto, a mesma é concedida e, em seguida, aos participantes é distribuída comida e bebida, todos são servidos, alguns chegam de forma descontraída, a salientar que no dia de reis não conseguem nem comer mais em sua residência em decorrência de tanta comida que lhes havia sido oferecida. Nesse sentido, o referido ritual é repetido mais duas vezes com a ida à casa do casal de crianças, o término deste percurso acontece por volta da meia-noite. Então, no barracão (Figura13) ao lado começa a festa.



Figura 13: barracão do Reis do Alecrim.

¹¹⁷Relato concedido em 13/12/ 2004.

No dia 06 de janeiro – *dia de Reis* – as celebrações são iniciadas por volta das 19 horas com a diferença que os casais nobres acompanham as ladainhas desde o início, os mesmos ficam à frente das pastorinhas, desse modo, ao lado do presépio, sendo acompanhados aos fundos pelos músicos. Inicialmente, tem-se o agradecimento ao menino Jesus e o “*Reis do Alecrim*” novamente com os dizeres “*viva o menino Jesus, viva o Reis de Maracanã*”. O salão está repleto de pessoas encostadas na parede, no terraço, dentre outros espaços da residência (Figuras 14 e 15), num movimento contínuo de pessoas num verdadeiro entra e sai do terraço à cozinha e vice-versa.



Figuras 14 e 15: Terraço e Fachada lateral da residência de D. Fatima Algarves.

Em seguida, o cortejo sai do salão em direção à Igreja Católica do Maracanã. Também, pedem licença para entrar na instituição, observam-se bem os valores sagrados neste momento, uma vez que muitas pessoas adentram ao recinto realizando o sinal da cruz, pedindo a bênção ao Deus menino. De repente, o espaço começa a ficar tomado pela multidão que acompanha o cortejo. De todas as paradas, sem dúvida, esta é mais longa, aproximadamente, uma hora de ladainhas e cânticos. Após, a saída da Igreja seguem em direção às residências, detalhe, não

mais as dos casais nobres como acontecido no dia anterior, e sim, de outras pessoas na comunidade, geralmente, são pessoas que estão pagando promessa com o recebimento dos reis em suas casas. O ritual é o mesmo, pede-se a licença para entrar na casa com o cântico “*porta aberta meus reis, estou na porta aberta*”. D. Berenice enfatiza que “*se pudesse o reis seria o ano todo*”¹¹⁸. Percebi no relato que esta senhora ficou emocionada com suas palavras, parece-me que quando se refere ao desejo do reisado ser o ano todo é, sobretudo, em virtude do sentimento de comunidade, de pertencimento que envolve as pessoas do Maracanã, remontando um pouco as lembranças do que os próprios narradores chama de “*Maracanã de antigamente*”. Aqui se observa a dialética do presente com o passado, sobretudo, a sensação de nostalgia de uma época que, segundo os narradores, correspondia ao pertencimento a Maracanã presente em todos os instantes da reprodução social.

[...] A partir da memória enquanto passado alcança-se ou apreende-se o presente; ao mesmo tempo, este presente atua relativizando ou deslocando o significado do passado. Dessa forma, jamais se deveria pensar a memória ou a percepção como reflexo ou uma cópia do mundo, mas como atividade, como trabalho ininterrupto de resignificação do presente enquanto leitura a partir de um passado que se atualiza enquanto memória informando a percepção [...] (MONTENEGRO, 2010, p.40)

Acontece algo exclusivo na celebração do Reis do Maracanã. Festejam-se, também no dia 07 de Janeiro, o denominado de “*Reis Pobre*”. A maior característica deste folguedo consiste no fato dos indivíduos saírem às ruas pedindo comida e bebida. Contam que o início se deu, também, na década de 1930 com um grupo de pessoas do bairro do Desterro que tinham acompanhado o “*Reis do Alecrim*” e, quando quiseram retornar as suas casas, foram impossibilitadas, pois a maré estava seca – durante muito tempo o acesso a Maracanã era feito pelo rio Bacanga. Esse grupo teve que continuar em Maracanã; além disso, haviam gasto todo o dinheiro no festejo e, dessa forma, saíram às ruas pedindo comida e bebida. Então, a partir do ano seguinte, a comunidade passou a repetir a “romaria” e deu-lhe o nome de “*Reis Pobre*”, o que ocorre, também, em função do contraste com as vestes do Alecrim, que passou a ser chamado por isso, de “*Reis Rico*”. A canção que representa o “*Reis Pobre*” é a seguinte:

¹¹⁸Relato concedido em 12/01/2010.

Oh! Viva o reis do Maracanã/
Oh! Viva o reis do Maracanã/
A nossa viagem ficou para amanhã/
Adeus amigos, adeus companheiros/
Nosso reis é pobre não tem mais dinheiro,
Aonde o reis é bom? É no Maracanã,
Aonde o reis é bom? É no Maracanã.
Oh! Viva o reis do Maracanã/
Oh! Viva o reis do Maracanã/
A nossa viagem ficou para amanhã/
Adeus amigos, adeus companheiros/
Nosso reis é pobre não tem mais dinheiro,
Aonde o reis é bom? É no Maracanã,
Aonde o reis é bom? É no Maracanã.

Na manhã do dia 07 de janeiro é a vez do “*Reis Pobre*”. Diferentemente, do Reis do Alecrim (ou “*Reis Rico*”) qualquer um pode ser rei ou rainha, a escolha é realizada na mesma manhã, neste caso, apenas um casal, de acordo com os narradores, também, independente da idade. A concentração é na sede do boi (Figura 16), as pessoas começam a se aglomerar nas primeiras horas do dia. Desse modo, por volta das 10 horas os “*romeiros*” começam sua peregrinação que se alongará até o final do dia.



Figura 16: sede do bumba-meu-boi do Maracanã.

Portanto, iniciam o cortejo sempre entoando canções. Uma diferença em relações às celebrações do passado consiste no fato dos últimos anos as pessoas estarem preparando camisas padronizadas para esta manifestação. Com o apoio de comerciantes da região e dos próprios moradores, as camisas são confeccionadas e vendidas – no ano de 2010 a um valor simbólico de dez reais – nas cores verdes e brancas, também, em homenagem ao “*Reis Rico*. Afirmam que o dinheiro que se arrecada, também, é para contribuir com a realização da festa. Entretanto, quem não tem a referida camisa participa da brincadeira da mesma forma.



Figura 17: Cortejo do “Reis Pobre” – celebrado no dia 07 de janeiro em Maracanã.

Antes do início da “romaria” fazem o agradecimento ao Deus menino por estarem com saúde e poderem acompanhar as celebrações. Após este primeiro ritual, começam o cortejo que tem como partida a rua principal do Maracanã, onde se realiza a primeira parada na casa de alguém que desde cedo aguarda a sua

passagem. Estes são recebidos com comida e bebida, neste caso, bebidas alcoólicas, tais como: cachaça, vinho, conhaque, dentre outras. Contam que no passado o cortejo do “Reis Pobre” percorria apenas as ruas do Maracanã, porém, o folguedo cresceu tanto que no presente a “romaria” é estendida aos demais bairros no entorno da comunidade (*Vila Sarney e Vila Nova República*), a única exceção é Alegria. Pude observar que no bairro de Vila Sarney aconteceu o maior número de paradas ou visitas. Para ilustrar, a “romaria” chegou nesta localidade por volta do meio-dia e saiu apenas às 16 horas da tarde; cabe ressaltar que muitas pessoas ficam esperando o cortejo em suas casas e quando o mesmo se aproxima deixam suas residências para acompanhá-lo. Assim, a quantidade de pessoas é proporcional à distância do percurso.

No final da tarde a “romaria” chega ao bairro de Vila Nova República com uma quantidade de paradas menores do que as observadas na localidade anterior, a essa altura muitos sujeitos já estão totalmente ébrios, mas fazem questão de continuar o cortejo, enquanto, outros não conseguem seguir adiante ficando na casa de algum amigo ou parente. O encerramento acontece no início da noite, novamente na sede do boi, onde é servida bastante comida, geralmente feijoada preparada ao longo do dia. Para a realização deste banquete, são necessários os esforços de toda a comunidade; cada pessoa contribui com o possível na compra dos alimentos ou no preparo das refeições, reforçando a integração e sentimentos de pertencimento existente nesta festa. A esse respeito D. Naida Mendes, destaca: “*Eu sou mãe [sic] do boi, eu sou vaca, mando na cozinha de todos os dois (festa de reis e o bumba-meu-boi) [...]*”¹¹⁹. Este relato é muito significativo para a observação do sentimento de integração existente nestas festas, no caso das pessoas do Maracanã, contribuindo para sua identidade, pois a cultura:

[...] se constitui de signos e símbolos; ela é convencional, arbitrária e estruturada. Ela é constitutiva da ação social sendo, portanto indissociável dela. O significado é resultante da articulação, em contextos específicos, e na ação social, de conjuntos de símbolos e signos que integram sistemas [...] (ARANTES, 1983, p.50).

As celebrações são encerradas com a coroação dos reis (“*Rico*” e “*Pobre*”), aproximadamente, *por volta das 23 horas*. Cabe ressaltar que o ritual de coroação não acontece no salão, mas sim, ao lado da residência da organizadora do

¹¹⁹Relato concedido em 10/01/2010

reisado, ou seja, no terreno que havia sido utilizado para a radiola. Dessa forma, o espaço que no primeiro momento poderia ser considerado profano, agora passa a ser sagrado. Percebe-se a inter-relação entre valores considerados sagrados com profanos, pois na verdade, são as mesmas pessoas que participam das duas festas. Pois:

Nela encontraremos o amor, a força do corpo e dos gestos, a construção das visões feéricas e o jogo permanente que nos leva a ter na esperança (de comida, de vida, de fartura, de alegria, de contemplação, de criação) o apoio para nossas fabulações e alegorias. E, muitas vezes, para não sermos apenas românticos, passam a incidir comércios e massificação *eletronizada*, bem como práticas de sobrevivência [...] Mas a festa somos nós mesmos. Em ritmo de santo, de samba, de procissão, de reggae, de rock, de folguedo. (FERREIRA, 2010, p.11).

A cerimônia demora, mais ou menos, uma hora, na qual se observa os casais nobres (“*Rico*” e “*Pobre*”) sendo perfilados e coroados; o terreno a essa altura já recebe uma grande quantidade de pessoas, uma multidão se acomoda da maneira que dá para verificar a cerimônia que para muitas pessoas representa o momento mais importante das celebrações de reis. Diríamos que esse momento representa o desfecho e, por conseguinte, tem que acontecer tudo certo, pois não se pode quebrar a promessa com o Deus menino, pois segundo os narradores, o Deus menino “fiscaliza” todas as etapas do reisado dos preparativos até o cerimonial de coroação.

A entidade muitas vezes quase não aparece ou não é percebida, disfarçada pelo santo do dia, comemorado e homenageado na ladainha ou na imagem do altar. Mas ela costuma estar presente em algum momento da festa ou ser representada por outra entidade que lhe é próxima [...] (FERRETI, 2009, p.194).

No final, em uníssono se observa as pessoas da comunidade agradecendo por mais um ano de celebrações com os seguintes dizeres: “*Viva o menino Jesus, viva o reis do Maracanã, aonde o reis é bom? É no Maracanã*”. Percebe-se que alguns ficam bastante emocionados com os acontecimentos presenciados e com reforçados laços com a entidade religiosa, neste caso, o próprio Deus menino. Vejamos um pouco dos relatos referentes ao significado que as celebrações de reis pessoas da comunidade do Maracanã. D. Alice Oliveira Baldez:

“A festa de reis é um marco na vida do povo de Maracanã, eu não gosto de perder porque minha avó (Suzana Pereira) era uma daquelas dançarinas e eu já disse [...] que no próximo ano, eu irei continuar, dançando e cantando na festa de reis”¹²⁰

O relato de Roberto Carlos Costa, 46 anos, nascido e criado no Maracanã e morador do mesmo: “A festa é tradicional, secular, desde que eu me entendi já tinha”¹²¹.

Já para D. Delfina Iria dos Santos “A festa de reis esta cada vez melhor, tinha muita gente este ano”¹²². Nesse sentido, Dona Ubiranice Coutinho de Oliveira, 51 anos, diz: “a festa toda pra mim é maravilhosa e se fosse o ano todinho, seria bom, né?”¹²³.

Iargley Azevedo Santos, 25 anos, também relata a significância das celebrações de reis:

“Eu acompanho o reis todos os anos, já fui até rainha [...] eu tinha uma faixa de uns nove anos [...] eu gosto de todos os dois reis (Alecrim ‘rico’ e o pobre), não vejo diferença entre os dois, o que muda é o nome”¹²⁴

A diferença entre os reis (“Rico” e “Pobre”) é apenas simbólica, posto que a comunidade, de acordo com o observado, é envolvida da mesma forma nas duas manifestações. Esses relatos exprimem um pouco do que representa os reisados para essas pessoas.

“Creio que toda festa tem uma dimensão do sagrado. É a negação do destino obscuro, da cotidianidade chã, é como se abrissemos uma brecha na eternidade [...] que nos toca [...] A festa é a força da promessa, o reino da utopia conferida e o espaço onde tudo o que existe na vida social pode trocar de sentido ou se prolongar. Mas é também o lugar em que a reversão volta a se organizar e parece que, logo, tudo vai sendo como antes” (FERREIRA, 2010, p.09).

Diante disto, pode-se ser observado todo um ritual nos reisados “Rico” (Alecrim) e “Pobre” para as pessoas do Maracanã, por exemplo, no simbolismo de louvação ao menino Jesus até a necessidade do preparo de comidas para os

¹²⁰ Relato concedido em 10/01/2010

¹²¹ Relato concedido em 10/01/2010

¹²² Relato concedido em 10/01/2010

¹²³ Relato concedido em 10/01/2010

¹²⁴ Relato concedido em 10/01/2010

“romeiros”; tudo isto perpassado pelo signo da fartura, que talvez, seja um dos signos mais representativos para a referida celebração. Posto que:

[...] Os eventos culturais não são “coisas” (objetos materiais ou não materiais) mas produtos significantes da atividade social dos homens determinados, cujas condições históricas de produção, reprodução e transformação devem ser desvendadas. (ARANTES, 1983, p. 51).

Partindo-se desta premissa, os reisados em Maracanã surgiram no contexto de organização e realização de festas, nas quais as disputas raciais eram acirradas, sobretudo, com os moradores de Alegria. Desta maneira, as pessoas do Maracanã buscaram a realização de um festejo que as diferenciasse da comunidade oponente, entoando os seguintes dizeres: *“nós pretos sabemos, também, fazer festas e por isso que vos digo que onde o reis é bom? É no Maracanã”*. As disputas entre as comunidades parecem que não foram extintas, embora, as questões raciais, ao que tudo indicam, não sejam mais as norteadoras dos conflitos, ou talvez, estejam mascaradas no próprio festejo de reis. Assim, ao longo dos relatos se pode perceber um pouco das “rusgas” do passado, por exemplo, quando D. Matilde Neves, moradora de Alegria diz que: *“o pessoal de Maracanã tem o nariz empinado”*¹²⁵ ou mesmo o próprio relato de Marlene Jansem Pereira quando afirma que ainda na comunidade de Alegria *“tem o pessoal que ainda trata Maracanã como um bando de preto no sentido negativo”*¹²⁶.

O movimento da identidade em Maracanã pode ser observado, também, com as mudanças no reisado: na questão dos dias, na quantidade de casais, nas camisas padronizadas, nas apresentações organizadas pela FUNC¹²⁷ ou mesmo no próprio percurso do reis “Pobre” englobando os novos bairros. Desse modo, as identidades são sempre construídas historicamente através de relações de poder, no passado, a identidade desta comunidade esteve diretamente relacionada com as representações dos tempos da escravidão, sobretudo, no antagonismo entre “brancos” e “pretos”. As diferenças com as pessoas de Alegria que antes eram presenciadas em todos os momentos da sociabilidade: no nascimento (*na recusa dos trabalhos com as parteiras*), na morte (*na recusa de serem enterrados no cemitério do Maracanã*), nos jogos de futebol, no episódio das canoas, nos reisados,

¹²⁵Relato concedido em 10/03/ 2012

¹²⁶Relato concedido em 10/01/2010

¹²⁷Fundação Municipal de Cultura de São Luís do Maranhão.

dentre outros. Parece-me que nos dias contemporâneos os conflitos foram “restritos”, sobretudo, aos festejos dos Santos Reis, principalmente, no sentido de quem organiza a melhor festa. Para tanto, o ponto basilar das respectivas superioridades se concentra, principalmente, em um “quesito” a fartura, pois para essas pessoas mede-se a força de suas brincadeiras através da quantidade de pessoas, de dias, de comidas e bebidas presentes nas referidas celebrações, ou seja, *“reis é bom é o que tem muita comida (fartura)”*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“É despeito [comunidade de Alegria] sempre aqui no Maracanã, sempre as coisas são melhor [sic] e eles ficam tudo despeitado [sic] [...] isso é desde os antigos, sempre teve essa rivalidade”
Delfina Iria dos Santos, 84 anos.*

*“Sempre querem fazer o reis melhor do que os outros, agente não se importa se acontecer de vim pouca gente pra ver nosso reis, o que nós queremos é fazer a festa pro santo”
Rosa de Fátima Bernardes, 51anos.*

A realização deste estudo nasceu do interesse em aprofundar algumas questões que haviam sido salientadas no meu texto monográfico, sobretudo, a dinâmica de uma identidade entre as pessoas do Maracanã e, também, a origem dos confrontos com a comunidade de Alegria. Ressaltasse, também, a importância das relações de parentesco para o entendimento da própria construção desta comunidade.

Desse modo, o Maracanã surge nos fins do século XIX por meio da conquista de uma propriedade por antigos escravos, inserindo-se no contexto da abolição da escravatura no Brasil. Entretanto, a abolição não significou emancipação e cidadania para os antigos escravos e seus descendentes, muito pelo contrário, esses sujeitos foram estigmatizados e considerados inferiores e deveriam ser banidos do “novo” Brasil que desejava ser inserido nas rotas do progresso. E, logicamente, o Maranhão, sobretudo, sua capital também foi influenciada pelo discurso de modernização, progresso e civilidade e suas representações chegaram ao Maracanã e Alegria.

Assim, esta pesquisa constatou que as disputas envolvendo as pessoas do Maracanã e Alegria são resultantes sócio históricos do período escravista com seus preconceitos e discriminações. Os embates acompanhados, ao longo do texto, por meio das narrativas confirmam o preconceito racial. O mesmo sendo verificado nas atividades do cotidiano, por exemplo: nas partidas de futebol, nos velórios, nos nascimentos, nos transportes, no próprio nome da comunidade do Maracanã atribuído de maneira pejorativa pelos “brancos” residentes em Alegria. Com isto,

comprova-se que, no passado, em todos os momentos da reprodução social as diferenças entre pessoas do Maracanã e Alegria estavam colocadas.

A construção da identidade em Maracanã aconteceu paulatinamente, sobretudo, por meio das relações de parentesco e de suas festas, principalmente, os festejos dos santos reis, o bumba-meu-boi e, mais recentemente, a própria festa da juçara. Entende-se que as identidades são construídas a partir de relações de poder, com isso, necessita-se das diferenças com os “outros” para sua legitimação. Neste caso, as diferenças foram de cor entre “brancos” e “pretos”. No qual os primeiros se consideravam superiores aos segundos. Diante disto, concorda-se com Eric Williams (1975) quando afirma que: *“a escravidão não nasceu do racismo: ao contrario, o racismo foi uma consequência da escravidão”*. Sobretudo, em meados do século passado, a materialização de suas representações era sentida através das práticas sociais destes sujeitos por meio das lembranças dos “[...] *tempos que branco mandava surrar preto*” como bem frisada por D. Naida Mendes. Destarte, em Maracanã o parentesco através das relações de endogamia juntamente com as festas se constituiu em resposta para as provocações vindas da comunidade oponente.

Este trabalho, também, indicou para permanência das disputas entre as localidades, pois ao longo das narrativas, percebe-se que ainda permanecem alguns resquícios do passado em seus discursos. Os festejos dos Santos Reis que no passado foi responsável pela marcação dos lugares de “brancos” e “pretos”, nos dias atuais, de certa forma, traz consigo a necessidade de superação de uns sobre os outros a partir de quem realiza a “melhor” festa. Como pode ser verificado nos relatos de D. Delfina Iria *“A festa de reis esta cada vez melhor, tinha muita gente este ano”* ou mesmo nos dizeres de D. Rosa de Fátima Bernardes *“sempre querem [Maracanã] fazer o reis melhor do que os outros, agente não se importa se acontecer de vim pouca gente pra ver nosso reis, o que nós queremos é fazer a festa pro santo”*. Para a primeira senhora a festa deve ser avaliada pela quantidade de pessoas que se fazem acompanhando. Entretanto, no segundo relato, o que interessa é o santo não o espetáculo. Podem-se verificar os conflitos quando as pessoas do Maracanã afirmam que em Alegria estão copiando os cânticos de seu reisado. Também, na afirmação por parte das pessoas de Alegria de que em *“Maracanã o pessoal tem o nariz empinado”*. Enfim, ao longo do texto os atritos podem ser observados.

Apesar de hoje dividirem o mesmo espaço, estudarem nas mesmas escolas, trabalharem juntas. Mas, nos períodos dos festejos dos santos reis as polarizações “nós” e “eles” entre as pessoas do Maracanã e Alegria tornam-se perceptíveis. Nesse sentido, a memória tem contribuído para essas polarizações, principalmente, quando os narradores afirmam que “*esses conflitos são desde os antigos*”. Assim, a identidade é movimentada, também, por meio destas oposições a partir das próprias modificações na estrutura do reisado no sentido de superação do seu oponente.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **As dobras do dizer: da (im) possibilidade da historia oral**. IN: **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da historia**. São Paulo: EDUSC, 2007.
- AMARAL, José Ribeiro. **O Maranhão em 1896**. São Luís: [.s..n], 1897.
- ARAUJO, Marcelo de Sousa. **Memória e Identidade: lembranças da festa de reis na comunidade de Maracanã**. IN: CARVALHO, Claunísio Amorim & CARVALHO, Germana Queiroz (Org). **Pergaminho Maranhense: estudos históricos (vol. 01)**. São Luís: café & lápis, 2010.
- _____. **Maracanã: a constituição de uma identidade e sua relação com a modernidade**. São Luís: UFMA, 2005 (Monografia de Graduação em História).
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- AUTOS DE EREÇÃO DE FREGUESIAS, 1799-1869 (manuscrito), caixa 176. APEM
- BARRETO, Lima. **O triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Escala, 2010.
- BARTH, Fredrick. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. IN; POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas (Vol I): magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BERNARDO, Teresinha. **Memória em branco e preto: olhares sobre São Paulo**. São Paulo: UNESP, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BOSI, Alfredo. **Cultura como tradição**. IN: **Tradição/Contracultura** (Cultura brasileira). Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Funarte, 1988.
- BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BURGUIÈRE, André. **A antropologia histórica**. IN: NOVAIS, Fernando A & SILVA, Rogério F. da (Org). **Nova História em perspectiva**. São Paulo; Cosac naify, 2011.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Matracas que desafiam o tempo: é o bumba-meu-boi do Maranhão, um estudo da tradição/modernidade na cultura popular.** São Luís [s.n.], 1995.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** São Paulo: Global Editora, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- CASTRO, Zaide de & COUTO, Aracy do Prado. **Folias de Reis.** Rio de Janeiro: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1960.
- COSTA, Elenilde Antonia. **Festa de Santo Reis: Estudo sobre o surgimento do Reis do Alecrim no Maracanã.** São Luís: UFMA, 1998 (Monografia de Graduação em Educação Artística).
- COSTA, Geovane Amaral da. **Pós-Abolição: liberdade significou igualdade? Uma análise sobre a integração dos afro-brasileiros após a abolição da escravidão – 1888/1930.** São Luís: UFMA, 2012 (Monografia de Graduação em História).
- CORRÊA, Norton Figueiredo. **O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense.** São Luís: Editora Cultura e Arte, 2006.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DOMINGUES, Petrônio José. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição.** São Paulo: Editora Senac, 2004.
- DOSSIE, François. **A História do Estruturalismo (Vol. I e II).** São Paulo: EDUSC, 2006.
- DURKHEÍM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1968.
- FARIAS FILHO, Marcelino Silva. **Caracterização geoambiental da Área de Proteção Ambiental do Maracanã, São Luís-MA.** IN: FORTES, Raimunda (Org). **Área de Proteção Ambiental do Maracanã: subsídios ao manejo e à educação ambiental.** São Luís: Café e Lápis, 2011.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** Vol 1. São Paulo: Editora Globo, 2008.

- FERREIRA, Jerusa Pires. **Sobre a festa popular: duas evocações**. IN: ALBERNAZ, Lady Selma & NOGUEIRA, Maria Aparecida (Orgs). **Dossiê: Cultura Popular** (Revista Antropológicas. Vol 21). Recife: UFPE, 2010.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUC/PALLAS, 2004.
- FERRETI, Sergio Figueiredo. **Querebentã de Zomadu**. Etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1996.
- FERRETI, Sergio Figueiredo. **Estudos Sobre Festas Religiosas e Populares**. IN: FERRETI, Sergio Figueiredo & RAMALHO, José Ricardo (Orgs). **Amazônia: desenvolvimento, meio ambiente e diversidade cultural**. São Luís: EDUFMA, 2009.
- FORTES, Raimunda (org). **Área de Proteção Ambiental do Maracanã: subsídios ao manejo e à educação ambiental**. São Luís: Café e Lápis, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FRANÇOIS, Etienne. **A fecundidade da História Oral**. IN: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (org) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global Editora, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- _____. **A situação atual**. IN: **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.
- GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre as Relações Raciais no Brasil: uma breve discussão**. IN: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10639/03**. Brasília: MEC/BIRD/UNESCO, 2005.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2005.

_____. **Quem precisa da identidade?**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.

[http://bndigital.bn.br/Biblioteca Virtual da Cartografia do Século XVI ao XVIII](http://bndigital.bn.br/BibliotecaVirtualdaCartografiadoSéculoXVIaoXVIII)

http://consorcio.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=projeto_finep_pr&db=projeto_finep&use=sh&rn=12&disp=card&sort=off&ss=54331361&arg=maranhao. Acesso em: 10 de Janeiro de 2011.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%Maracanã>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2011.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Introdução a obra de Marcel Mauss**. IN: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac naify, 2003.

LOZANO, José Eduardo Aceves. **Práticas e Estilos de Pesquisa na História Oral Contemporânea**. IN: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (org) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1962.

MARTINS, Manoel de Jesus Barros. **Operários da saudade: os novos atenienses e a invenção do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2006.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário e cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARQUES, Cesar Augusto. **Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Ed. Cia Fon-Fon e Seleta, 1970.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENDES, Edijanne. **Florística e fitossociologia das Trilhas ecológicas da APA Maracanã, Ilha de São Luís**. São Paulo: Revista Brasileira de Agroecologia, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, Metodologia, Memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

NETO, Américo Azevedo. **Bumba-meu-boi no Maranhão** (coletânea documentos maranhenses – 15). São Luís: ALUMAR, 1997.

PEREIRA, Aliger dos Santos & OLIVEIRA, Fabiano Viana. **O quilombo do Bananal e a questão da identidade histórica**. IN: Dimensões: revista de História da UFES. Vol XXI (Dossiê: identidades negras e indígenas). Vitória: UFES, 2008.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, v.05, n.10, 1992.

_____. **Memória, silêncio e esquecimento**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PRADO, Regina de Paula Santos. **Sobre a classificação dos funcionários religiosos da zona da Baixada Maranhense**. IN: MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro. **Pesquisa Polidisciplinar “Prelazia de Pinheiro”: aspectos antropológicos**. São Luís: IPEI, 1975.

_____. **Rede de Solidariedade: um estudo sobre o parentesco e o compadrio no interior maranhense**. IN: MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro. **Pesquisa Polidisciplinar “Prelazia de Pinheiro”: aspectos antropológicos**. São Luís: IPEI, 1975.

REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1855-1877). Livro Nº 150 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão.

REGISTRO DE BATIZADO E CASAMENTOS DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA: ORCTORIO SITIO SANCTO ALEGRE (1881/1890). Livro nº 180. Arquivo Público do Estado do Maranhão.

REGISTRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE SÃO JOAQUIM DO BACANGA (1887-1890). Livro Nº 161 (manuscrito). Arquivo Público do Estado do Maranhão. APEM.

RELATORIOS E FALAS DOS PRESIDENTES DA PROVINCIA DO MARANHÃO: 1857, Livro Nº 007 (manuscrito). APEM.

RIBEIRO JUNIOR, José Reinaldo Barros. **A formação do espaço urbano de São Luís: 1612-1991**. São Luís: edições func, 1999.

ROUSSO, Henry. **A Memória não é mais como era**. IN: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (org) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2006.

SALLES, Ricardo & SOARES, Mariza de Carvalho. **Episódios da história afro-brasileira**. Rio de Janeiro: PP&A/FASE, 2005.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: EDUFBA; PALLAS, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **A Inserção Compulsória do Brasil na Belle Époque**. IN: **Literatura como Missão: Tensões Sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SCHWARCS, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrario: cor e raça na intimidade**. IN: SCHWARCS, Lilia Moritz (org). **História da vida privada no Brasil (Vol IV): contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção da identidade e diferença**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Angélica. **Transparências da memória. Estórias de opressão: diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

SOUZA FILHO, Benedito. **A identidade como identificação**. IN: Ciências Humanas em Revista. Vol 05. São Luís: EDUFMA, 2007.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: **propostas metodológicas**. IN: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2006.

WEBER, Max. **Relações Comunitárias Étnicas**. IN: **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

WEIGERT, Daniele. **Escravidão, compadrio e família em Palmas na Província do Paraná: um estudo de trajetórias de famílias cativas**. IN: Anais do 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba: UFPR, 2009.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e Escravidão**. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1975.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIVEIROS, Jerônimo. **A História do Comércio do Maranhão**. Livro I. São Luís: ACM, 1992.

VOLAT, Carlos & FRY, Peter. **Cafundó – a África no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.